

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS/ANTROPOLOGIA

AUDREI VIEIRA DE ALENCAR

“AQUELA ESPERANÇA DE TUDO SE AJEITAR”:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NOS CASAMENTOS

BELÉM-PARÁ

2012

AUDREI VIEIRA DE ALENCAR

“AQUELA ESPERANÇA DE TUDO SE AJEITAR”:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NOS CASAMENTOS

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração Antropologia, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso.

BELÉM-PARÁ

2012

AUDREI VIEIRA DE ALENCAR

**“AQUELA ESPERANÇA DE TUDO SE AJEITAR”:
CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NOS CASAMENTOS**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração Antropologia, da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso.

Data de aprovação: ___/___/_____

Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva – Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Motta-Maués – Universidade Federal do Pará

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe,
Benaia Alencar,
cuja partida precoce em maio de 2010
não obliterou em nada
os inúmeros ensinamentos
e vivências que tive com ela,
a mais rica e duradoura herança,
cuja presença viverá em mim sempre.

Agradecimentos

À minha mãe, que com seu jeito maternal único e incessante estímulo ao estudo, foi justamente o que eu precisava para compor quem sou hoje, já que sem ela não teria conseguido encontrar meu próprio caminho para construir a vida que tanto me faz feliz e que continuo a amadurecer a cada dia.

Ao meu pai, Elsen Alencar, que me levou pela primeira vez à cidade de Bragança e cujo amor incondicional me enche de saudade durante os longos períodos longe dele.

À minha madrasta Célia Alencar, que me mostrou outro lado maternal, tão próprio dela e que tanta falta deixou em mim e em muitos outros desde sua repentina partida em dezembro de 2011.

À minha queridíssima Dalva, pelo apoio doméstico que me permite estudar sem preocupações, sem falar nas conversas cheias de risadas sobre casamentos.

Aos meus irmãos Marcos, Roberto, Adrian e Thaís, cuja amizade, amor, companheirismo e gargalhadas são tão essenciais à minha vida.

Ao meu sobrinho Eduardo, que com seu sorriso de poucos dentes na tela do meu computador sempre me alegrava antes e durante as longas sessões de escrita.

Ao meu sobrinho Gabriel, e aos meus afilhados Bruno, Alexandre e Dylan, que com perguntas aparentemente simples sobre antropologia e sobre esta pesquisa, me conduziram a tantas reflexões valiosíssimas.

À minha irmã Thaís, por tantas e inumeráveis coisas tão fundamentais para mim, pelas confidências, crises de riso, seleções de filmes repetidos e por ter me apresentado David Garret, que embalou a escrita deste trabalho até o fim.

Aos meus alunos de graduação, pelas experiências conjugais compartilhadas em salas de aula e em corredores, e que tanto me ajudaram a tentar enxergar as complexas e variadas expressões dos casamentos.

Ao meu irmão Alexei, que orientou as primeiras pesquisas que realizei, ainda na adolescência.

Aos meus amigos que me ouviram falar de relacionamentos a vida inteira e que, infelizmente tenho que confessar, vão continuar a ouvir ainda mais, a menos que façam algo para evitar isso. Em especial ao Jeová, ao Jorge e ao Pedro, com quem creio que ao menos sessenta por cento das conversas gira em torno desse tema.

Aos meus companheiros de mestrado, que em almoços, bares, batucadas e churrascos regados a muita discussão antropológica, me auxiliaram muito mais do que imaginam.

Ao Fred, com quem aprendi durante cinco anos mais e mais significados para continuidade e descontinuidade, e pela força infalível que me deu em tantos períodos tempestuosos.

Aos meus colegas da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da Universidade Federal do Pará, cujo apoio foi fundamental para o prosseguimento desta dissertação.

À minha orientadora, pelos primeiros contatos que tive com a antropologia, pelo olhar atento e pelas tantas conversas sobre casais e relacionamentos.

A todos que, de alguma forma, auxiliaram nesta construção.

E principalmente aos interlocutores e às interlocutoras da cidade de Bragança, por me abrir as portas de suas casas e de suas vidas, por me fazer rir e chorar, por me ensinar tantas coisas, por me mostrar seus tão ricos e intrincados universos pessoais, por me fazer questionar ainda mais, e por deixar em mim vivências que levarei para sempre.

Epígrafe

Acho que jamais vou esquecer
Dos nossos tantos sorrisos juntos
Dos murmúrios no amanhecer
E dos tantos beijos muitos

Quero guardar sempre as lembranças
Da felicidade que vivemos juntos
Que mesmo em muitas andanças
Nunca antes encontrei em muitos

Serei eternamente grata, assim
Pelo tanto bem que me fizeste
Embora agora chore, enfim
Ao falar do tanto que me deste

Resumo

Resumo: Esta etnografia traz o tema casamento, com o objetivo de compreender ações, valores e mecanismos que levavam às suas continuidades, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, no município de Bragança, nordeste do estado do Pará. No primeiro capítulo discorro a respeito das minhas relações com o campo. No segundo capítulo, apresento as interlocutoras e os interlocutores da pesquisa com seus relatos de vida. No terceiro capítulo, apresento os quatro motivos principais alegados pelos (as) entrevistados (as) para justificar sua permanência nos casamentos, que são: o medo da solidão, as pressões da sociedade, o status do casamento e a falta de apoio externo ao cônjuge. Por fim, no quarto capítulo destaco quatro fatores que levavam à continuidade nos casamentos, a partir da minha observação em campo e da articulação com o que ouvi e vivenciei: a idéia de indissolubilidade do casamento, a naturalização do sofrimento nas mulheres, o costume na harmonia ou na pseudo harmonia do casal, e o medo da mudança, da solidão e da perda de status.

Palavras-Chave: Casamento; Continuidades; Fatores de Permanência.

Abstract

This ethnography brings the subject marriage, with the objective to understand actions, values and mechanisms that led to its continuities, by means of bibliographical research and of field, in the city of Bragança, northeast of the state of Para. In the first chapter I discourse regarding my relations with the field. In the second chapter, I present the interlocutors of the research with its stories of life. In the third chapter, I present the four main reasons alleged to justify its permanence in the marriages, that are: the fear of the solitude, the pressures of the society, the status of the marriage and the lack of external support to the spouse. Finally, in the fourth chapter I detach four factors that led to the continuity in the marriages, from my comment in field and of the joint with what I heard and I lived there: the idea of unsolvable marriage, the naturalization of the suffering in the women, the custom in the harmony or the pseudo harmony of the couple, and the fear of the change, the solitude and the loss of status.

Key-Words: Marriage; Continuities; Factors of Permanence.

Lista de Figuras

- Figura 1: Orla de Bragança. Foto: Roberto Alencar. Página 35.
- Figura 2: Mapa de Bragança e cidades próximas. Página 36.
- Figura 3: Praia de Ajuruteua. Foto: Thaís Alencar. Página 36.
- Figura 4: Igreja Matriz. Foto: Roberto Alencar. Página 37.

Lista de Quadros

Quadro 1: Agrupamentos de Interlocutores.	Página 49.
Quadro 2: Motivos que levaram mulheres e homens aos casamentos.	Página 69.
Quadro 3: Motivos que levavam à satisfação nos casamentos.	Página 70.
Quadro 4: Motivos que levavam à insatisfação nos casamentos.	Página 70.
Quadro 5: Significados do casamento na comunidade pesquisada.	Página 71.
Quadro 6: Motivos que levaram aos casamentos interligados aos quadros mentais que os moviam.	Página 90.
Quadro 7: Reelaboração dos significados do casamento na comunidade pesquisada.	Página 104.

Sumário

Dedicatória	04
Agradecimentos	05
Epígrafe	07
Resumo	08
Abstract	09
Lista de Figuras	10
Lista de Quadros	11
Sumário	12
Introdução	14
Capítulo 1 “É na Soma do seu Olhar que vou me Conhecer Inteiro” : as Relações Campo-Pesquisador	29
1.1 <i>“Praia Repleta de Rastros em Mil Direções, Penso que Todos os Passos Perdidos são Meus”</i> : Estórias, Temporadas em Bragança e Percepções Acerca de Casamento e Separação	29
1.2 <i>“Vou Falar teu Nome, e teu Nome já é Outro”</i> : Dinâmicas e Cotidianos na Pérola do Caeté	34
1.3 <i>“Mordo a Fruta, Outro é o Sumo, Ando pela Mesma Casa com Outro Prumo”</i> : Riqueza e Dificuldade no Estranhamento e na Familiaridade	39
1.4 <i>“Outra Noite, Outro Sono, Como se eu Sonhasse o Sonho de Outro Dono”</i> : uma Pesquisadora Divorciada em Campo para Estudar Casamento e Separação	43
Capítulo 2 “Quem Não a Conhece Não Pode Mais Ver pra Crer” : Interlocutoras e Interlocutores da Pesquisa	48
2.1 <i>“Não Está Mais Aqui Quem Chorou, um Outro que Venha Chorar”</i> : Mulheres da Primeira Geração	50
2.2 <i>“Você Vai Resistir, Mas Vai se Acostumar”</i> : Mulheres da Segunda Geração	53
2.3 <i>“No Fim da Noite, aos Pedacos, Quase Sempre Voltam pros Braços de suas Pequenas”</i> : Homens da Segunda Geração	56
2.4 <i>“Arrisquei Muita Braçada na Esperança de Outro Mar”</i> : Diferenciações	59
a) Amanda	60

b) Edilson	64
Capítulo 3 “ <i>Sei que o que Tinha de Ser se Deu, Porque era Ela, Porque era Eu</i> ”:	
Motivos que Levavam às Continuidades nos Casamentos	68
3.1 “ <i>E Sei Também Que Ali Sozinho Eu Vou Ficar, Tanto Pior</i> ”: o Medo da Solidão	73
3.2 “ <i>Tem Gente já no Vão da Escada Fazendo Confusão, Que Aflição</i> ”: as Pressões da Sociedade	76
3.3 “ <i>E Agora eu Era um Louco a Perguntar o Que é Que a Vida Vai Fazer de Mim</i> ”: o Status do Casamento	80
3.4 “ <i>Por Esse Pão pra Comer, Por Esse Chão pra Dormir</i> ”: a Falta de Apoio Externo ao Cônjuge	84
Capítulo 4 “ <i>Aquela Esperança de Tudo se Ajeitar</i> ”: Fatores que Levavam às Continuidades nos Casamentos	88
4.1 “ <i>Tenho o Passo Marcado, o Rumo Traçado Sem Discussão</i> ”: a Idéia de Indissolubilidade do Casamento	91
4.2 “ <i>E Cada Qual no Seu Canto, em Cada Canto Uma Dor</i> ”: a Naturalização do Sofrimento nas Mulheres	94
4.3 “ <i>Há Muito Tempo Que Essa Minha Gente Vem Vivendo a Muque, é o Mesmo Batente, é o Mesmo Batuque</i> ”: o Costume na Harmonia ou na Pseudo Harmonia do Casal	98
4.4 “ <i>Dono do Abandono e da Tristeza, Comunico Oficialmente que Há Lugar na Minha Mesa</i> ”: o Medo da Mudança, da Solidão e da Perda de Status	101
Considerações Finais	108
Referências Bibliográficas	114
Apêndice: Letras das Músicas Utilizadas	121

Introdução

*“Vou
Uma vez mais
Correr atrás
De todo o meu tempo perdido
Quem sabe, está guardado
Num relógio escondido por quem
Nem avalia o tempo que tem”
(HOLLANDA, 2006, p. 349)*

Esta dissertação traz o tema casamento, com o objetivo de compreender ações, valores e mecanismos que levavam às suas continuidades e descontinuidades, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, no município de Bragança, nordeste do estado do Pará. Os processos que envolvem este tema se articulam intimamente com questões de gênero, já que, na comunidade pesquisada, havia diferenciação significativa nos resultados expressos por mulheres e por homens – e, nesse sentido, o foco deste estudo se deteve nos casamentos heterossexuais, instituídos no âmbito civil e/ou religioso.

Esta abordagem situa-se, portanto, numa interface complexa, já que casamento e gênero envolvem categorias inseridas nas relações entre homens e mulheres, as quais se relacionam com religião, classes sociais, geração, escolaridade e identidade social. Tais fatores influenciam no delineamento das relações e se infiltram por complexas forças culturais, econômicas e sociais que muitas vezes tornam pouco visíveis as estruturas nas quais se assentam. Além destas, outras categorias podem se apresentar, tais como aspectos financeiros, emocionais, direitos, reprodução, saúde, rede social, questões de trabalho, contexto familiar, representações sociais ligadas ao casamento etc.

O local da pesquisa foi escolhido por dois motivos: o fato de Bragança ser referência no nordeste paraense e para as localidades da região, pela sua grande importância em termos econômicos, culturais e religiosos; e pela maior facilidade de acesso aos sujeitos, tendo em vista que a minha família reside na cidade há mais de vinte anos e os contatos consolidados a partir desta vivência auxiliaram na busca por interlocutoras (es).

Considerando que o divórcio foi instituído no Brasil em 1977, sua taxa cresceu 200% entre 1984 e 2007, segundo as estatísticas do Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de tal forma que em média um em cada quatro casamentos termina em divórcio. Em 2007 a taxa de divórcios atingiu seu maior índice, desde 1984,

quando o IBGE iniciou tal pesquisa, e continua a crescer até hoje. Ademais, o maior índice de casamentos ocorreu justamente em 2008, ano seguinte. E os índices de casamento também continuam em crescimento, numa taxa de 4,5% desde 2003 (IBGE, 2010).

Outros dados importantes conduzem a reflexões acerca de casamento e divórcio, no que tange às diferenciações de gênero, tempo de relação e número de filhos: a mulher é quem pede o divórcio com maior frequência; a incidência de divórcios cresce até o sétimo ano de casamento e tende a decrescer conforme a relação se estende além desse período; a maioria dos casais que se divorcia tem um ou nenhum filho, e à medida que aumenta o número de filhos, o índice de divórcios diminui (O ESTADÃO, 2008). Sendo assim, porque os índices de casamento continuam a crescer? De que forma tempo de relação e número de filhos, dentre outros fatores, interferem nas continuidades e nas descontinuidades nos casamentos?

A questão da permanência se reveste então de um forte caráter cotidiano: quantas pessoas já não viveram um casamento no qual houve um processo de permanência, motivado por fatores vários, mesmo quando havia forte insatisfação na relação ou até mesmo certeza do fim? Quantos relacionamentos permaneceram mesmo assim e quantos acabaram após um período de resistência? Hoje em dia, diante da maior facilidade legal na separação, porque permanecer se há insatisfação?

O casamento se mostra como uma aliança múltipla, que pode se enraizar em vários campos da vida, tais como o financeiro, o familiar, o emocional etc. Como estes laços se mantêm no decorrer do casamento? Se há modificação, como ela se desenrola? Se há quebra na aliança, como esses laços se desatam? Diante de tantos aspectos a interferir nas continuidades e descontinuidades, a questão que se destacava era: que fatores, dentre tantos, eram determinantes nestes processos, na comunidade pesquisada?

Em seguida surgiram os questionamentos: Que ações, valores e mecanismos levavam as pessoas a se casar e a permanecer casadas? Que histórias de vida figuravam como pano de fundo dos casamentos? De que formas as redes sociais de cada um e dos casais influenciavam na ocorrência, na continuidade ou na descontinuidade nos casamentos? Como as representações de gênero perpassavam por essas dinâmicas de permanência? A religiosidade local interferia nestes processos?

No contexto dos estudos de casamento e família na Amazônia se destacam os trabalhos de Cancela (2008), Simonian (2001), D’Incao (1992, 1997, 1999), Álvares (1995, 2008) e Amaral-Gonçalves (2011). Tais estudos versam sobre família e trabalho numa perspectiva de gênero, casamento na capital paraense, dentre outras contribuições. Contudo, creio que há uma lacuna nos estudos amazônicos de casamento e família no que tange aos processos que envolvem permanência e separação de casais e, mais especificamente, casamento no nordeste paraense.

Desse modo, este estudo visa contribuir para os estudos de família e parentesco na Amazônia, tendo em vista que o casamento, como categoria social, está em constante mudança e também que o município de Bragança é um expoente na região nordeste do estado. Também, de acordo com os dados que apontam um grande crescimento tanto na taxa de casamentos como na de divórcios, percebi a importância de estudar que meandros regem esses processos de continuidade e descontinuidade.

Em termos teóricos, posso citar que a partir da contribuição da disciplina Tópicos Temáticos em Ciências Humanas: Raça, Gênero e Sexualidade, ministrada por Mônica Conrado, que fiz no primeiro semestre do curso de mestrado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, e de conversas com a minha orientadora, Denise Cardoso, percebi não só uma inclinação ao tema como uma afinidade teórica com este campo das ciências sociais.

Quanto ao aspecto pessoal, fui despertada pelo processo que antecedeu meu próprio divórcio e por confidências semelhantes de várias pessoas próximas, tanto familiares quanto amigos, que só enriqueceram meus questionamentos acerca da resistência e das motivações da permanência nos casamentos.

Portanto este estudo teve como objetivo geral analisar as continuidades e descontinuidades nos casamentos heterossexuais, com o intuito de identificar ações, valores e mecanismos que as permeavam. Para tanto, os objetivos específicos foram: estudar os fundamentos teóricos subjacentes à compreensão das continuidades e descontinuidades nos casamentos; realizar um levantamento dos relatos de vida das (os) interlocutoras (es); e analisar que ações, valores e mecanismos permeavam estas continuidades e descontinuidades.

A antropologia busca, em sua metodologia, privilegiar, como na afirmação de Geertz (1999), o ponto de vista dos nativos. Assim, minha intenção foi tentar analisar como as (os) interlocutoras (es) se viam como seres humanos e como se viam no mundo, em relação aos processos ligados aos casamentos. É difícil pensar nessas questões sem compreender os aspectos inerentes às histórias de vida; por isso é que desde o começo da pesquisa me dediquei a descobrir em que contextos o casamento aconteceu e se desenrolou e que representações as (os) interlocutoras (es) faziam do casamento. Desse modo, tentei construir a etnografia junto com elas (es), numa ampla somatória dos meus quadros mentais, como pesquisadora, e dos delas (es), como pesquisadas (os).

O cronograma desta pesquisa se iniciou no ano de 2010, com as disciplinas do curso de mestrado – mais especificamente Organização Social e Parentesco, ministrada por Carmen Rodrigues, Tópicos Temáticos em Ciências Humanas: Raça, Gênero e Sexualidade, ministrada por Mônica Conrado, e Antropologia Urbana, ministrada por Maurício Costa – e com a construção do projeto ao longo do segundo semestre do referido ano. Desde então já se desenvolvia a pesquisa bibliográfica, que se estendeu até a finalização da dissertação. Em abril de 2011 comecei o trabalho de campo, que foi até março de 2012. A análise mais formal dos dados coletados se iniciou a partir de agosto de 2011.

A pesquisa de campo se desenvolveu com o intuito de levantar relatos de vida e vivências nos casamentos, por meio de entrevistas e observações. Busquei fases significativas nas trajetórias de vida, para entender as condições nas quais se desenrolaram a infância e a adolescência das (os) interlocutoras (es), seu contexto familiar, possibilidades de apoio e influência de parentes e amigos na rede social de cada um (a), momento em que ocorreu o casamento, expectativas de futuro, bem como demais eventos significativos para a compreensão dos casamentos.

Cheguei aos interlocutores de duas formas. Inicialmente, por meio de amigos e conhecidos em comum, e posteriormente, por meio de amigos e conhecidos das (os) próprias (os) interlocutoras (es). As pessoas tomavam conhecimento de que estava ocorrendo uma pesquisa sobre casamento, se interessavam em participar e, por meio destes contatos, chegavam até mim.

Houve quatro fases do trabalho em campo: a primeira, na qual eu falava sobre minha pesquisa e seus objetivos, enquanto ouvia os comentários acerca disso; a segunda, direcionada para os relatos de vida; a terceira, focada nos motivos de permanência nos casamentos; a quarta, voltada para uma convivência mais intensa com as (os) interlocutoras (es) e suas famílias.

Na primeira entrevista, por mais que a pessoa já conhecesse minhas intenções, eu sempre falava claramente sobre esta dissertação, seus objetivos e o meu intuito de compreender os processos que envolveram os casamentos e os motivos das suas (des) continuidades. Ao fazer isto, também garantia o sigilo de tudo o que fosse conversado e/ou observado, assim como assegurava que, no texto do trabalho, os nomes dos (as) interlocutores (as) seriam substituídos por pseudônimos e as informações sócio-econômicas também seriam apresentadas de forma a evitar qualquer identificação.

As entrevistas ocorriam nas casas das (os) entrevistadas (os) em Bragança, à exceção do interlocutor Ronaldo, com quem os encontros ocorriam no seu local de trabalho, já que ele afirmava não se sentir à vontade na casa dele, por causa da presença da mulher e dos sogros. Muitas vezes ocorreram também encontros informais em Belém, pois muitas das interlocutoras – como Diana, Patrícia, Inara, Amanda e Eulália, com quem creio que os laços de amizade se estreitaram mais – quando vinham à capital combinavam comigo um passeio ao shopping, um almoço ou uma visita à minha casa. Apenas na última fase da pesquisa de campo é que tive a oportunidade de me encontrar com as (os) entrevistadas (os) em momentos de lazer, como festas de aniversário nas suas casas ou em casas de familiares, ou passeios em balneários e na praia, juntamente com as respectivas famílias.

Os momentos de entrevista duravam no mínimo duas horas, acrescidas de ao menos mais uma hora para tomar um café, numa situação mais descontraída e na qual outras pessoas participavam. Nestas oportunidades é que comumente eu observava as situações mais interessantes e instigadoras para a pesquisa.

Como moro em Belém, fazia trabalho de campo aos fins de semana e feriados, dentro de um mínimo de dois encontros por mês com cada pessoa. Comecei em abril de 2011 a primeira fase da pesquisa de campo, que foi até o mês de maio. Em junho iniciei a segunda fase, que durou até o final do mês de setembro – em julho não fiz entrevistas, à

exceção dos encontros ocorridos em Belém, por não me sentir encorajada a dirigir na estrada nas sextas e domingos à noite, que considero perigoso devido ao enorme fluxo de pessoas que se dirigem da capital para o interior do estado nesse período do ano. A terceira fase foi de outubro de 2011 a fins de fevereiro de 2012, sendo que em meados deste mês tive oportunidade de passar dez dias em Bragança, o que foi muito enriquecedor. A quarta e última fase ocorreu no mês de março, no qual tirei férias do trabalho e passei trinta dias no município fazendo pesquisa de campo.

A primeira fase ocorreu nos primeiros três ou quatro encontros, que se desenvolveram em aproximadamente dois meses. Dependendo do quão à vontade a pessoa parecesse se sentir comigo, eu pouco direcionava as conversas, de modo que o discurso do (a) interlocutor (a) fluísse mais livremente. Assim, nestes primeiros momentos, embalados pelas minhas explicações acerca dos objetivos da pesquisa, eles já deixavam transparecer algo dos significados que partilhavam para as concepções de casamento, separação, família e demais noções que perpassaram toda a vivência deste estudo. Com isso, os (as) entrevistados (as) me permitiram entrever modos de abordá-los (las) nos momentos seguintes em que os encontros tiveram direcionamentos mais específicos, na medida em que mostravam suas concepções e me possibilitavam compartilhar um pouco das dinâmicas de suas vidas, de suas famílias e de suas casas.

Ao mesmo tempo, eles (elas) também faziam perguntas a meu respeito, sobre minha vida, relacionamentos e interesses por casamento. Assim, conforme respondia a estas indagações, também ouvia comentários a respeito delas, o que se mostrou muito valioso para entender alguns de seus quadros mentais, obter informações que me fariam delinear uma forma mais adequada de aproximação e galgar passos rumo à confiança de meus (minhas) interlocutores (as).

Não tive dificuldades em expor minha vida a elas (eles); ao contrário, pensava que, já que se dispunham a fazer isso comigo, eu não teria motivo para agir de forma diferente. Ainda mais porque minha exposição frequentemente suscitava reações muito reveladoras nas (os) entrevistadas (os), como falarei no capítulo 1, principalmente diante de alguns comportamentos diferentes dos padrões convencionais.

A segunda fase da pesquisa de campo se iniciava por volta do quarto ou quinto encontro, quando começava o direcionamento para os relatos de vida. Estes não

seguiram uma ordem cronológica e emergiam a partir de associações de significados que também me permitiram esboçar algumas considerações. Creio que tão importante quanto o que foi dito foi o que parecia ir além da fala, expresso em olhares significativos, silêncios, constrangimentos e expressões faciais que foram de grande contribuição; isso me permitiu perceber que lembranças eram mais tristes, mais alegres, mais ou menos felizes, a respeito de qual momento se falava abertamente, e de outros nem tanto, do que eles se orgulhavam do seu passado e porque, ao contrário de outras narrativas que transpareciam certo embaraço.

Nessa fase – que durou em média de cinco a seis encontros, ao longo de aproximadamente três meses –, após cada encontro eu apurava as informações obtidas e via o que faltava para meu intuito de conhecer, ainda que em linhas gerais, a história de vida de cada um (uma). Isso me permitia visualizar uma espécie de quadro panorâmico, de modo a direcionar sutilmente os momentos em campo – digo ‘sutilmente’ porque sempre procurei amenizar as interferências nas falas das pessoas, já que para mim era deveras importante não só que os (as) entrevistados (as) sentissem bastante liberdade nas suas narrativas como, ao fazer isso de forma espontânea, me mostrassem o que priorizavam. Desse modo, de forma relativamente livre eles (elas) escolhiam o que contar, o que não contar, o que evitar, em que ordem de importância dizer tal coisa, antes ou depois, que partes etc.; assim pude questionar particularmente algumas dessas prioridades para resgatá-las no decorrer do campo, que foi mais um recurso para compreensão.

Feito isso, iniciava a terceira fase, direcionada para os motivos da continuidade dos casamentos. Esta englobou em torno de oito a dez encontros, durante um período de aproximadamente cinco meses. Não pude deixar de me espantar ao perceber que a maioria sequer já havia pensado em porque continuava seu casamento e, portanto, não tinha uma resposta num primeiro momento. Mas logo vi que a ausência, para os (as) entrevistados (as), deste questionamento, me ajudou muito mais, porque na maioria dos casos a reflexão acerca dos motivos da permanência se desdobrava ali mesmo na minha frente: ao se dar conta de que nunca haviam pensado nisto, a maioria iniciava, diante de mim, uma sequência de expressões indagadoras, frases desarticuladas e falas significativas, ora como se eu não estivesse presente – como se estivessem falando consigo mesmos – ora indiretamente me convidando a participar da busca pela resposta.

Durante este período, tracei um mapa com os relatos de vida obtidos durante a segunda fase do campo em articulação com os motivos alegados pelas (os) interlocutoras (es) para justificar suas continuidades e descontinuidades, com todos os pormenores observados, desde falas até expressões e contradições. Assim pude relacionar vivências anteriores ao casamento, influências familiares e sociais, quadros mentais e representações obtidas desde a primeira fase da pesquisa, comportamentos durante o casamento e atitudes observadas naquele momento, tecendo um panorama complexo acerca dos mecanismos, valores e ações que permeavam os casamentos.

A quarta fase não estava prevista anteriormente e ocorreu tanto em função das demandas dos (as) entrevistados (as) como das minhas. As (os) interlocutoras (es), ao longo do tempo, me fizeram vários convites – como aniversários, festas, passeios a balneários locais, idas aos sítios no interior do município etc. – que eu tinha dificuldade em aceitar, em virtude de passar apenas os fins de semana na cidade e ter pouco tempo; contudo, como sabia que esses momentos seriam de grande contribuição, precisava encontrar uma forma de vivenciá-los, ainda mais porque não queria fazer desfeitas. Ao mesmo tempo, eu também precisava passar um tempo maior com a minha família em Bragança, em virtude do falecimento súbito da minha madrasta no final de 2011; eu já havia passado o final do ano, dez dias em janeiro de 2012 e dez dias de novo em fevereiro, que foi o máximo que pude me ausentar do trabalho em Belém, mas sentia necessidade de permanecer por um período mais prolongado.

Assim, em meados de fevereiro decidi que, em virtude da relevância disto tudo, eu deveria antecipar minhas férias do trabalho – que estavam guardadas para o descanso após a defesa da dissertação – e passar trinta dias em Bragança no mês de março para, na medida do possível, atender ambas as demandas: tanto a do trabalho de campo como a pessoal e familiar.

E assim ocorreu. Nas fases anteriores, eu já havia acumulado bastante material e resultados, que gostaria de confirmar. Ainda em fevereiro, combinei vários momentos diferentes com as (os) entrevistadas (os), de forma a distribuí-las (os) ao longo do tempo disponível. Então fui com vários grupos diferentes – que sempre incluíam um (a) interlocutor (a), sua família nuclear e outros familiares e/ou amigos – à praia de Ajuruteua, vários igarapés, nascentes de rio e propriedades afastadas da cidade de

Bragança. Muitos destes momentos não se desdobravam em apenas um dia, havendo a necessidade de dormir uma ou duas noites nas casas em que estava visitando, o que se mostrou como ocasião exemplar de convivência.

Contudo, houve um problema, que felizmente não chegou a comprometer os resultados: adoeci a ponto de ficar de cama por volta da metade deste período. Na minha rotina em Belém, tenho o hábito de dormir cedo e fazer as refeições sempre em horários regulares, sem falar da alimentação regrada em virtude de uma gastrite. Como passei a vivenciar uma rotina em casas alheias, não pude manter as mesmas regras: embora levasse alguns alimentos, não poderia ser em quantidade, senão ofenderia meus anfitriões, então na maior parte do tempo comia o que me era oferecido, que com alarmante frequência era justamente o que devia evitar devido ao problema gástrico; só ia para a cama depois que o último membro da família se recolhia, o que costumava ser bem tarde; quando as casas silenciavam, aí que eu ia escrever as notas de campo do dia, o que tomava no mínimo mais duas horas; no dia seguinte eu tinha que estar de pé no momento em que a primeira pessoa se levantasse, porque não podia perder a oportunidade impagável de praticamente morar com as famílias das (os) interlocutoras (es), ainda que por poucos dias. O resultado é que das nove horas de sono habituais, eu tinha sorte quando conseguia dormir cinco; da mesma forma, os horários quase hospitalares de alimentação e suas saudáveis restrições viraram uma vaga lembrança. Como não poderia deixar de ser, adoeci, embora os muitos banhos gelados de rio em horas inadequadas também devam ter contribuído.

Mas mesmo assim esta última fase foi bastante satisfatória e consegui as confirmações dos resultados obtidos nas três primeiras etapas do campo, embora a escrita tenha sofrido um atraso. Observar a convivência dos casais, bem como as respectivas famílias, foi crucial para minhas percepções. Como já mantinha uma relação com estas pessoas anteriormente, poucas foram as inibições, configurando um resultado mais esclarecedor.

Cabe ressaltar, ainda, outra questão referente à pesquisa de campo que provocou uma adequação no cronograma inicial. Num primeiro momento, quando comecei a articular o projeto de pesquisa, o objetivo envolvia entender os processos que permeavam tanto as continuidades como as discontinuidades nos casamentos. Entretanto, como pude perceber nos primeiros momentos da pesquisa de campo, a sociedade pesquisada só

mostrava ocorrência de descontinuidade no casamento em um caso, quando o marido era descoberto numa relação externa ao casamento em condições muito escancaradas, a ponto de ameaçar o papel da mulher; e nem sempre a descontinuidade se efetivava e/ou se mantinha, o que me levou a focar a pesquisa nas continuidades, embora considerando a fluidez entre continuar e descontinuar, com as mudanças que ambas podem trazer aos casamentos.

Desse modo, esta pesquisa se baseou nas considerações metodológicas de Boni e Quaresma (2005), Evans-Pritchard (2005), Geertz (1999), Lévi-Strauss (1996), Malinowski (1976), Oliveira (1996), Rocha e Eckert (2008) e Velho (1978).

Velho (1978) enfatiza a importância de observar as vivências e as precauções a serem tomadas quando o etnógrafo toma sua própria sociedade como objeto de pesquisa. É preciso buscar formas coerentes de lidar com a subjetividade do objeto, de forma que a preocupação teórica do pesquisador estabeleça o distanciamento fundamental para que seu discurso não se confunda com o dos pesquisados.

Ainda nesse sentido, Oliveira (1996) apresenta três passos para apreensão dos fenômenos sociais: olhar, ouvir e escrever. Nessas etapas cognitivas, o antropólogo constrói seu saber, por meio da articulação entre percepção e pensamento, à luz do sistema de idéias e valores próprios da antropologia. Olhar envolve as lentes com as quais o pesquisador vê seu objeto, configurando um primeiro contato na pesquisa de campo. A maneira de olhar está condicionada a uma teoria social, que direciona e apura a capacidade de observação.

Ouvir é ir além da simples audição, a fim de captar os silêncios nas falas e transformar o informante em interlocutor, numa relação dialógica, que atenta para ritmos, omissões e mudanças de tom que podem ser relevantes para a pesquisa. Abrir espaço para um diálogo efetivo é transformar a relação pesquisador-pesquisado em uma via de mão dupla.

Escrever é articular o trabalho de campo e a construção do texto, uma vez que os diários de campo são modos de escrever diferenciados da configuração final do texto etnográfico. Ao escrever, o etnógrafo busca seus escritos de campo no intuito de reconstruir os acontecimentos vivenciados. As notas de campo retratam não só os

eventos ocorridos, mas também as impressões do pesquisador, suas dúvidas, seus quadros mentais, em cuja amplitude o conhecimento se constrói.

O estranhamento acerca de estudos sobre casamentos indica que estes foram marginalizados por muito tempo dentre os estudos acadêmicos, assim como as relações amorosas, ambos comumente apontados como temas pouco científicos ou indecifráveis, a despeito de sua forte presença nas sociedades. Dentre os autores que inauguraram este campo de estudo, destaco Goode (1959), Luhmann (1986), Beck e Beck-Gernsheim (1995) e Bourdieu (1998). Estes três últimos foram pioneiros na investigação sociológica das relações afetivas, compreendidas como parte das relações sociais, assim como o amor que, para Goode, é parte da ação e da estrutura social. Nas sociedades humanas, os relacionamentos afetivos estão quase sempre presentes, inclusive como contribuição para a própria continuidade destas sociedades. Como relegar à marginalidade algo tão recorrente?

A cultura condiciona o sujeito a se pensar e pensar os outros em termos de corpo e sexualidade, pensamentos esses direcionados pela influência sócio-cultural e pela história da sociedade brasileira. Dessas percepções e representações derivam categorias socialmente determinadas, que compõem as hierarquias de gênero. Para Welzer-Lang (2004), já que homens e mulheres expressam as manifestações da sexualidade humana, é natural que as representações da sexualidade se definam e se estruturam dentro deste binômio, se opondo e se complementando.

Também nesse sentido, Scott (2000), que analisa gênero a partir de uma perspectiva histórica, afirma que homem e mulher não devem ser analisados separadamente. A análise engessada na fixidez de estruturas e instituições dificulta o processo dinâmico de compreender subjetivamente como se delineiam significados e identidades. Assim, a compreensão do gênero pode ser vista sob três linhas teóricas: uma voltada para a análise do patriarcado; outra marcada pela tradição marxista, mais compromissada com a luta feminista; e a terceira, com foco na identidade e fundo psicanalítico. Também é necessário alcançar a organização social, as instituições políticas e a economia, além de compreender os processos constitutivos das identidades subjetivas.

Goldenberg (1991) investigou como se dá o processo de construção social da identidade do homem nas camadas médias urbanas brasileiras. A partir de um recorte voltado para

a sexualidade e para a conjugalidade, a autora observou que o homem precisa reforçar sua sexualidade – por meio do ato sexual e de sua divulgação entre os pares –, ao mesmo tempo em que a homossexualidade precisa ser repudiada. Também Fry e MacRae (1983) destacam a relevância, na cultura brasileira, da vida sexual – por parte dos homens – ativa, variada e recorrente, cujo conhecimento atinja o círculo de amigos de cada um. Caso tais relações não ocorram ou não sejam reconhecidas pelo grupo, a sua imagem se enfraquece e ele corre o risco de cair na suspeita da homossexualidade.

Tal cultura implica numa imposição de padrões de conduta esperados pela sociedade e que esta considera como adequados – de formas comumente diferentes para homens e mulheres. Estes modos de agir são determinados por mecanismos próprios a cada sociedade, e os desvios também geram reações específicas, normalmente negativas.

No Brasil, herdeiro da cultura latina da Europa mediterrânea, há uma moral baseada em valores de honra e vergonha, oriunda principalmente de Portugal e da Espanha (GOLDENBERG, 1991; HEILBORN, 1999). Tais prescrições indicam um comportamento de proteção dos homens em relação à honra de suas esposas, irmãs e filhas, em detrimento de uma transgressão da honra das demais mulheres. Com isso, as expectativas de comportamentos para homens e para mulheres se modelam em termos do que é considerado adequado para um e para outro gênero. Das mulheres se espera o cuidado com os filhos, com o marido e com a casa, serviços domésticos, alimentação, limpeza, supermercado etc.; dos homens se espera o sustento da família, lavar o carro, serviços de mecânica, encanamento, dentre outros.

Dentre os estudos de gênero na Amazônia, uma das contribuições é de Álvares (2008), que aponta em uma de suas pesquisas que a articulação entre família e trabalho é uma difícil conciliação para as mulheres, especialmente na região amazônica, de forte tradição machista, de baixa escolaridade para as mulheres – principalmente nas zonas rurais – e de passado coronelista. O trabalho doméstico acaba por influenciar significativamente as práticas e representações que as mulheres têm do casamento nesta região.

Já Cancela (2008), em estudo sobre a compreensão do casamento na capital paraense em fins do século XIX e inícios do século XX, afirma que múltiplos foram os significados e comportamentos que perpassaram os casamentos nos segmentos sociais.

A felicidade e as expectativas sonhadas também conviviam com a tensão e o conflito, e as alianças matrimoniais estavam permeadas por relações familiares de formalidade, valores, honra, liberdade ou não de escolha do cônjuge, bens de família etc.

Simonian (2001) destaca-se por suas pesquisas que envolvem gênero e trabalho na Amazônia, com o intuito de dar visibilidade aos saberes e produções de mulheres amazônicas que muitas vezes permanecem no esquecimento. Assim, ganha destaque no trabalho desta autora questões que abordam saúde, ciência, poder, cultura popular etc.

Em pesquisas que se aproximam das de Álvares (1995, 2008), D’Incao (1997), coloca a complexidade do papel da mulher como líder familiar, para além do papel de genitora e dona-de-casa, que por si só já tem uma diversidade de matizes. A insurreição ao modelo de subserviência ditado por uma organização social baseada no patriarcado também conduz a alterações nos modelos de casamento, apesar das resistências engessadas nas hierarquias que regem a divisão sexual do trabalho e a diferenciação dos papéis de gênero.

Telma Amaral-Gonçalves (2011), em trabalho sobre amor e práticas amorosas, com dez casais heterossexuais e homossexuais das camadas médias urbanas, investigou as expressões do amor nas vivências cotidianas. Ela observou que as leituras que estes sujeitos fazem dos seus relacionamentos amorosos são marcadas pelas idéias de amor romântico e de amor construção. Nas falas destes interlocutores, transparece uma compreensão naturalizada do relacionamento amoroso, com significativa carga de idealização. Assim, o amor, tal como nos romances, novelas e filmes, se mostra como força inexorável dentro de um contexto de predestinação, configurando o amor romântico. Contudo, estes interlocutores também apontam outro aspecto importante na vivência amorosa cotidiana: o amor construção. Assim, já não mais apenas como força imutável, o relacionamento amoroso se apresenta também como resultado da vivência do casal, influenciado pelas atitudes de ambos, o que contribui para o desenvolvimento da relação.

No primeiro capítulo discorro a respeito das minhas relações com o campo. Conto um pouco da minha história de vida entremeada pelas temporadas passadas em Bragança, para mostrar como ao longo do tempo me interessei pelo tema casamento e por esta cidade como local privilegiado para este estudo. Falo também sobre a dinâmica

cotidiana no município, como circulação de pessoas e locais de sociabilidade. Explico o caráter dual da minha convivência em Bragança, por mostrar tanto um lado familiar, em virtude da minha longa convivência e da presença da minha família na cidade, quanto um lado estranho, já que quase sempre morei em Belém e certas diferenciações pareciam muito nítidas. Comento, ainda, sobre as peculiaridades da minha condição de divorciada ao realizar este estudo.

No segundo capítulo, apresento as interlocutoras e os interlocutores da pesquisa com seus relatos de vida. Fiz agrupamentos de interlocutores – por afinidade entre vivências, faixa etária, características familiares, valores etc. – e escolhi um relato de vida típico por grupo, para evitar repetições. Assim, há uma história para o grupo de mulheres da primeira geração, outra para o grupo de mulheres da segunda geração, outra ainda para o grupo de homens da segunda geração e duas diferenciações em relação a estes grupos, uma mulher e um homem, totalizando relatos de vida de cinco pessoas diferentes.

No terceiro capítulo, apresento os quatro motivos principais alegados pelas (os) entrevistadas (os) para justificar sua permanência nos casamentos, que eram: o medo da solidão, as pressões da sociedade, o status do casamento e a falta de apoio externo ao cônjuge. Comento também acerca de como se deu o processo de maturação destes motivos e da minha percepção deles.

Por fim, no quarto capítulo destaco quatro fatores que levavam à continuidade nos casamentos, a partir da minha observação em campo e da articulação com o que ouvi e vivenciei com as (os) interlocutoras (es): a idéia de indissolubilidade do casamento, a naturalização do sofrimento nas mulheres, o costume na harmonia ou na pseudo harmonia do casal, e o medo da mudança, da solidão e da perda de status. Explico um pouco também da dinâmica que vivi para atingir estes resultados, e encerro a discussão do capítulo com dados observados do início ao fim da pesquisa de campo, alguns destes reelaborados durante este percurso.

Esta dissertação, por ser resultado de uma interpretação objetiva, não é a verdadeira experiência vivida nem a vida real das (os) interlocutoras (es): é um pouco mais e um pouco menos do que isso. Pouco menos, porque não tenho a pretensão de deslindar, aqui, a vida de outras pessoas, com toda a riqueza de sentidos de seus quadros mentais; falar de sexualidade, por exemplo, envolve o que é praticado e o que é falado, e eu só

tive acesso a esta última parte. Pouco mais, porque tento explicar os significados que percebi, nestas mesmas pessoas, para seus casamentos e suas continuidades, ou seja, o sentido que elas atribuíam a essas permanências. E embora parta do objeto, esta pesquisa não se furta a pensar e problematizar a própria subjetividade.

Cabe salientar, ainda, que me esforcei ao máximo para não emitir juízos de valor e para expor com a maior objetividade possível a realidade que me foi apresentada, em termos de pensar o outro e a mim mesma. Contudo, o próprio caráter crítico da antropologia me impediria de assumir uma posição eminentemente política, já que nesta área do conhecimento as questões sociais estão no alvo da crítica e falar de gênero inevitavelmente conduz a questões como poder, dominação, liberdade, reprodução, família, moral, dentre muitas outras, cuja escolha temática raramente é feita por quem meramente visa descrever uma realidade.

Capítulo 1 “*É na Soma do seu Olhar que vou me Conhecer Inteiro*”: as Relações Campo-Pesquisador

*“Sim
 Encontro enfim
 Iguais a mim outras pessoas aturdidas
 Descubro que são muitas
 As horas dessas vidas que estão
 Talvez postas em grande leilão”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 349)

Neste capítulo comento acerca dos muitos desdobramentos das relações que mantive com o campo. Com o intuito de mostrar como me interessei em pesquisar processos de permanência nos casamentos, em especial na cidade de Bragança, conto no primeiro tópico um pouco da minha história de vida e de vivências nesta cidade. Em seguida, apresento alguns recortes do cotidiano bragantino, que se interligam com os casamentos e fornecem um panorama mais claro das rotinas locais. Depois, comento sobre a intrigante dualidade suscitada pela minha presença em campo, por meio dos componentes estranhamento e familiaridade. Por fim, falo sobre minha condição de divorciada ao realizar a pesquisa.

1.1 “*Praia Repleta de Rastros em Mil Direções, Penso que Todos os Passos Perdidos são Meus*”: Estórias, Temporadas em Bragança e Percepções Acerca de Casamento e Separação

*“Rio do lado sem beira
 Cidadãos
 Inteiramente loucos
 Com carradas de razão”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 433)

Aqui conto um pouco da minha história de vida, mesclada com relatos de minhas idas à Bragança e de minhas contínuas percepções desta cidade, entremeadas pela minha também contínua assimilação de processos relacionados ao casamento e à separação. Cabe ressaltar que a intenção é mostrar como me interessei pelas relações sociais entre

homem e mulher no cotidiano, especificamente casamento e separação, ao mesmo tempo em que me interessei por Bragança como espaço para pesquisar estas relações. Assim, ao longo do tempo desenvolvi um interesse que ultrapassava o outro como objeto e permitia repensar também significados meus em relação a este objeto:

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 1984, p. 13).

A primeira vez que fui a Bragança foi em 1997, aos treze anos. Antes eu tinha certa expectativa em torno da praia, ambiente de que sempre gostei, mas fora isso não fazia idéia dos demais aspectos que logo ganhariam destaque para mim. E para explicá-los, preciso contar um pouco da história da minha família e da minha própria história.

Meus pais se separaram no ano de 1986, quando eu tinha dois anos. Um pouco antes disso meu pai começou a dar aulas no Campus de Bragança da Universidade Federal do Pará, depois da separação fixou residência lá, com minha madrasta e, posteriormente, com meus três irmãos menores. Enquanto isso, continuei em Belém, com minha mãe e dois irmãos mais velhos.

Talvez em decorrência disto, a idéia de descontinuidade no casamento figura na minha mente com certa normalidade, já que, até aonde minha memória alcança o passado, meus pais já estavam separados. O assunto era tratado rotineiramente na casa em que eu morava e aparentemente sem tabus. Para mim, por algum motivo meus pais haviam se separado e meu pai passou a viver com outra pessoa. Além disso, meus avós maternos também passaram vários anos separados e, ao buscar memórias da minha infância, percebo que desde que me lembro deles essa condição já existia.

Contudo, em algum momento da minha infância que não posso precisar, percebi que nem sempre o tema era tratado de forma tão corriqueira assim. Recordo que essa

percepção se deu tanto por causa de falas como de silêncios, comumente acompanhados por expressões faciais que com o tempo passei a gostar de observar.

Lembro de frases como “*Teu pai arrumou uma vagabunda e largou a tua mãe*”, “*Homem é tudo igual, homem não presta*”, “*Porquê tu vais na casa dessa mulher?*”, “*Comer a comida daquela mulher, nem pensar*”, e uma das mais freqüentes, embora eu nunca a tenha ouvido em referência à minha própria mãe, é: “*Ela é deixada do marido*” – mais sobre diferentes representações a respeito da outra mulher e a culpabilização desta em Goldenberg (1990).

Estas falas, que quase sempre eu ouvia fora do ambiente da família nuclear e na ausência das pessoas que o compunham, de certa forma me intrigavam. Porque só me falavam tais coisas longe da minha mãe e dos meus irmãos mais velhos? – menciono que eles são mais velhos tanto para diferenciá-los dos irmãos menores quanto pelo fato de eles serem bem mais velhos que eu (seis e doze anos a mais, respectivamente), o que pressupõe uma percepção diferenciada dos fatos. Porque minha madrasta era vagabunda? Aliás, o que era ser vagabunda mesmo? Porque meu pai parecia ter menos culpa do que ela em relação aos processos que envolveram a separação? O que havia de errado com a casa da minha madrasta e com a comida feita por ela? E o termo ‘deixada do marido’, o que significava e porque me lembro de assimilá-lo já de forma negativa?

De modo semelhante, me recordo dos silêncios e das hesitações. Quando eu dizia que meus pais eram separados, em resposta às indagações sobre eles, havia certo constrangimento das pessoas, expresso em atitudes de silêncio, olhares de reprovação ou piedade, hesitações antes de prosseguir na conversa. Quando eu falava sobre meu pai e sua família nuclear, parecia pairar uma mudança nos rostos, como se tais assuntos fossem proibidos e não deveriam ser mencionados. E, além disso, me lembro do tom aparentemente negativo, sobretudo em relação à minha madrasta e aos filhos desta união.

Com o tempo passei a me perguntar: Porque minha madrasta parece ser mais recriminada do que as demais pessoas envolvidas na separação? Que culpa pode recair sobre meus irmãos menores, se nasceram depois do ocorrido? – meu irmão imediatamente mais novo é quatro anos mais jovem que eu. Porque, quando se toca no assunto, muitos usam um tom abafado de voz, como se estivessem num confessionário?

Com o passar dos anos, nessas minhas idas à cidade, presenciei muitas conversas, na casa do meu pai e nas casas de pessoas próximas, sobre casamento e separação. Logo observei que a respeito do comportamento das pessoas que se separavam eram emitidos vários comentários, comumente acompanhados de críticas, em especial às mulheres: “*Desde que o marido a largou, ela virou da rede rasgada*”, “*Agora fica aí pela orla, bebendo e dançando com qualquer um, uma vergonha para os filhos*”, dentre outros. Tais julgamentos alcançavam também os filhos do casal separado: “*Coitados, criados sem pai, não podiam dar em boa coisa mesmo!*”, “*Uma casa sem homem, com o pai fora de casa, e a mãe solta por aí, não vai dar certo*”.

Então, já na minha adolescência, eu percebia que o homem separado freqüentava bares, namorava outras mulheres, bebia, circulava pela cidade e pelas festas locais – e tais atitudes causavam mais surpresa se já não ocorressem durante o próprio casamento. Contudo, o que na rotina dos homens era considerado natural pela sociedade, no caso das mulheres era motivo de desagrado e repreensão, direta ou indiretamente. E eu me perguntava o motivo: já que as atitudes são similares, qual é a diferença se quem as pratica é homem ou mulher?

No ano de 2004, com vinte anos, me casei e logo notei cobranças de pessoas do meu convívio em relação à nova condição, que já não devia permitir comportamentos parcialmente tolerados na condição de solteira. E muitas destas cobranças também resvalavam no meu então marido, no sentido de que ele não deveria admitir certos comportamentos meus. Em relação a isso, para Bott (1976), cada família é um sistema social com papéis interdependentes e a comparação sistemática entre elas leva às interpretações. A concepção de papel *significa um comportamento que se espera de qualquer indivíduo que ocupe uma posição social particular* (p. 28), e gera *expectativas recíprocas de papel que são tidas, pelo marido e pela esposa, como típicas em seu círculo social* (p. 29), como exemplifico abaixo.

Nesse tempo, eu cursava a graduação e trabalhava, assim como ele. Estávamos juntos a maior parte do nosso tempo livre, mas também regularmente freqüentávamos espaços de convívio separados, comportamento estranhado por muitos. O fato de ele ‘deixar’ que eu fosse a lugares de lazer e sociabilidade sem a presença dele era alvo de críticas, embora ele mesmo pouco agisse em sentido contrário a essa minha movimentação – e

isso talvez ocorresse mais por ele saber que eu não veria com bons olhos uma interferência do que por não se importar com tais atitudes.

E o estranhamento não se restringia apenas à esfera pública: também os comportamentos no âmbito doméstico eram criticados, ainda que em tom de leveza e/ou ocultados por brincadeiras – mais uma vez, atribuo esse tom de leveza mais à certeza do pouco acolhimento que um comentário mais direto causaria do que a uma suposta tolerância por parte das pessoas. E as críticas se referiam, em sua maioria, à consecução dos serviços domésticos. Por exemplo, muitos me consideravam desleixada com a casa, por dormir no sábado à tarde – de forma muito merecida, em minha opinião, depois de uma semana cheia de trabalho e estudo – enquanto havia louça suja na pia; contudo, se meu então marido dormisse em circunstâncias semelhantes, ou se ocupasse de qualquer outra coisa, não haveria estranhamento algum.

Certa vez, numa semana em que a pessoa que trabalhava como empregada doméstica estava doente, um familiar do meu então marido apareceu para nos visitar e percebeu que ele estava lavando o banheiro, ao mesmo tempo em que uma panela de pressão chiava no fogão e a máquina de lavar trabalhava – enquanto eu passeava com a minha mãe no shopping. Este flagrante rendeu uma polêmica (“*Então a tua mulher vai passear enquanto tu ficas em casa fazendo as coisas?*”) em meio aos parentes dele e que, como já era de se esperar, só chegou aos meus ouvidos indiretamente, momento no qual eu perguntava se tal espanto também ocorreria se ele é que estivesse assistindo a um jogo de futebol com o pai enquanto eu fazia parte do trabalho doméstico. No que tange a isto, para Durham (1983) há um modelo de comportamento para as famílias, que se consolidou ao longo do tempo na sociedade, cujo padrão impõe um ideal normativo a despeito da emergência de modelos familiares alternativos, cujo aparecimento contínuo tende a não afetar o ideal de referência.

Após três anos de casamento, comecei a desconfiar que já não estava feliz nesta relação, e sete meses depois, decidi me separar. E se o casamento, nos moldes em que se mantinha, já causava estranhamento, o que dizer então de uma separação que ocorrera aos olhos de muitos sem motivo concreto. Quando me perguntavam o porquê do fim, e eu dizia que não estava mais me sentindo feliz nem satisfeita, muitos diziam: “*Felicidade? E isso lá é motivo para acabar casamento?*”. Outros, antes de saber ou de

se interessar pelos motivos, perguntavam: “*Ele arrumou outra? Descobristes que ele tinha uma amante?*”, e ao ouvir a negativa questionavam: “*Então porque isso? Ele te bateu? Ele não fez nada e mesmo assim resolvestes sair de casa?*”.

A partir destas vivências passei a questionar: Então uma separação só se justifica se houver um caso fora do casamento ou agressão física? Porque eu tinha a impressão de não estar autorizada a me separar, já que as demais pessoas não concordavam comigo? Que pressuposto leva a crer que, quando há uma separação, o marido tomou esta iniciativa por causa de outra mulher?

E nos anos que se seguiram, continuei a observar as reações das pessoas nesse sentido. Quando me perguntam se sou solteira ou casada, e respondo que sou divorciada, percebo um estranhamento, seja expresso por hesitações, silêncios ou mudanças de expressão, como se eu não devesse falar de tal condição, como se houvesse algo de desonroso nisto – de modo similar ao que eu percebia quando criança ao falar da separação dos meus pais. Também é bastante notória a surpresa por a iniciativa ter sido minha. Muitas vezes, quando alguém toma conhecimento da minha condição de divorciada, logo pergunta: “*Porque ele te deixou?*”, antes de saber o que realmente ocorreu, como se houvesse um pressuposto nesse sentido, o que inevitavelmente me faz recordar da expressão “*deixada do marido*”.

Em 2010, passei três meses morando em Bragança, de fevereiro a abril, em virtude de passar este período trabalhando no município de Augusto Corrêa, a poucos quilômetros de lá. Nesta época, já estava iniciando o curso de mestrado e pude observar de forma mais apurada o cotidiano da cidade, que me levou mais ainda a fazer reflexões das vivências relacionadas ao casamento e à separação, como explico melhor a seguir.

1.2 “*Vou Falar teu Nome, e teu Nome já é Outro*”: Dinâmicas e Cotidianos na Pérola do Caeté

*“Rio de ladeiras
Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação”
(HOLLANDA, 2006, p. 382).*

Agora falo um pouco sobre como vejo Bragança, suas dinâmicas e seus cotidianos, a partir das muitas vezes em que a visitei e continuo visitando, e também do curto período em que lá morei. Desde a minha primeira temporada no município, em 1997, até hoje, em 2012, muitos anos e mudanças ocorreram; aqui conto um pouco das percepções de como esta cidade se mostra recentemente, no período de 2010 a 2012, justamente o período da pesquisa de campo. Abaixo (ver figura 1), foto da orla de Bragança, à beira do Rio Caeté, na qual à esquerda se localizam a feira e o porto.



Figura 1: Orla de Bragança. Foto: Roberto Alencar. Ano: 2012.

Já falei anteriormente que a expectativa da minha primeira visita à cidade girava em torno da praia. Logo percebi que Bragança não era assim tão próxima da praia de Ajuruteua quanto eu havia pensado, já que está a cerca de 30 minutos de estrada (36 km), um pouco menos que o município de Capanema (que fica a 54 km de distância) e muito mais que o município de Augusto Corrêa (que fica a 16 km de distância) (ver figura 2).



Figura 2. Mapa de Bragança e cidades próximas. Fonte: Google.

Então notei que, além de Ajuruteua (ver figura 3), havia outros fluxos de circulação seguidos pelos (as) bragantinos (as), que levavam a espaços de sociabilidade vários: os diversos igarapés da região, onde, além da possibilidade de tomar banho, há música, comida, bebida etc.; as praças, nas quais há grande aglutinação de pessoas no período da noite, que se intensifica nos fins-de-semana; a orla da cidade, que fica à beira do Rio Caeté e tem alguns bares e restaurantes, também com movimentação grande de pessoas, tanto de noite quanto de dia, já que a feira e o comércio local também estão próximos; festas que ocorrem em clubes, em balneários e em trechos reservados das vias públicas; e o mirante de São Benedito, localizado ao lado oposto do Rio Caeté, no começo da estrada que liga Bragança ao município de Augusto Corrêa – a respeito da história da cidade e mais detalhes sobre suas dinâmicas, ver RODRIGUES (2011a; 2011b).



Figura 3. Praia de Ajuruteua. Foto: Thaís Alencar. Ano: 2011.

Na cidade também existem várias igrejas e praças próximas a elas, que não só são muito freqüentadas como parecem manter uma relação estreita entre si. Há o costume de, após a missa, passear um pouco pela praça adjacente, sentar nos arredores, seja para conversar ou para comer algo. Com isso, observei que muitos jovens freqüentam as missas para, em seguida, ter liberdade de ficar um pouco na praça; como a população bragantina aparenta uma forte religiosidade, não é de se surpreender que os pais destes jovens não só permitam como estimulem a presença nas missas; e a permanência na praça por algum período após o rito religioso não precisa ser mencionada. Abaixo (ver figura 4), foto da Igreja Matriz da cidade, em frente a uma pequena praça ao lado da orla de Bragança.



Figura 4. Igreja Matriz. Foto: Roberto Alencar. Ano: 2012.

Uma das coisas que mais me chama a atenção desde a primeira vez que fui a Bragança é o fato de que aparentemente todos sabem quem está na cidade, conhecimento este que também se estende aos que estão de passagem. Nos raros casos em que isso não ocorre, ou quando as informações são consideradas insuficientes, logo alguém empreende um diligente esforço no sentido de compensar esta falha, o que não deixa de me surpreender numa cidade de mais de cem mil habitantes.

Assim, nas várias vezes em que experimentei indagar quem seria determinada pessoa, escolhida aleatoriamente, prontamente obtive informações aprofundadas a respeito, acrescidas de vários comentários de cunho subjetivo de quem me fornecia estas

generosas informações: além de dados sócio-econômicos, todo o histórico pessoal e familiar, rotina, vida afetiva, escândalos – se não do próprio objeto de investigação, pelo menos de alguém relacionado a ele –, origens etc., acompanhados de apreciações pessoais críticas variadas. Fiz muitas vezes esta experiência, perguntando isso a pessoas que eu desconhecia e com quem havia iniciado uma conversa sobre generalidades minutos antes, em espaços de sociabilidade da cidade. Assim, considero notável que todos pareçam saber sobre as vidas de todos, muitas vezes com riqueza de detalhes, e quase sempre anexando pressupostos e/ou comentários pessoais. Tentei observar essas dinâmicas ao máximo, já que

[...] desde que nosso objeto de estudo são os seres humanos, tal estudo envolve toda a nossa personalidade [...] tudo aquilo que moldou essa personalidade está envolvido, não só a formação acadêmica: sexo, idade, classe social, nacionalidade, família, escola, igreja, amizades e assim por diante (EVANS-PRITCHARD, 2005 [1978], p. 244).

De modo semelhante, a vida afetiva dos (as) bragantinos (as) também dificilmente escapa ao conhecimento dos moradores da cidade. Se duas pessoas forem vistas sozinhas andando juntas, ou sentadas à mesma mesa de um bar ou restaurante, logo começam as especulações, amplamente expressas, que no dia seguinte já se tornaram de conhecimento geral.

Tais costumes, mesmo ao longo dos vários anos em que frequento a cidade, continuam a me causar estranhamento, o que conduz a uma reflexão sobre a relação de proximidade que vivencio com as dinâmicas e os cotidianos locais. Já que compreender a alteridade é próprio da natureza humana e *a identificação com outrem é sempre anterior à diferenciação individual* (CABRAL, 2008, p. 80), ao levar em consideração o tempo e a intensidade em que convivo com o contexto bragantino, minha percepção destes comportamentos já não deveria ter se tornado mais familiar? Assim, é justamente sobre o emaranhado de questionamentos que se atrelam à minha relação com o campo de pesquisa que passo a discutir em seguida.

1.3 “Mordo a Fruta, Outro é o Sumo, Ando pela Mesma Casa com Outro Prumo”: Riqueza e Dificuldade no Estranhamento e na Familiaridade

*“Será que já não vi
De modo impessoal
E em tempo diferente
Um dia estranhamente igual
Dias iguais
- Avareza de Deus
Passando indiferentes
Por estranhos olhos meus”
(HOLLANDA, 2006, p. 402)*

Sinto, nas vivências em Bragança, uma dualidade na forma como sou vista. Por um lado, sou estranha, por não morar na cidade nem ter sido criada lá; por outro, sou familiar, por me fazer presente com bastante frequência e por ter família residente no local. No trabalho de campo, estes dois aspectos se cruzaram de forma complexa e, no meu entender, ora dificultaram, ora enriqueceram a pesquisa.

Acredito que, pelo fato de minha família morar na cidade, pelas minhas frequentes visitas e por manter vários amigos e conhecidos no local, minha presença adquire um tom familiar. Isto contribuiu para a pesquisa, por permitir facilidade em encontrar interlocutores e familiaridade com os cotidianos locais. Contudo, havia uma restrição em virtude de muitos conhecerem minha família, em especial meu pai, o que provocou certa resistência das (os) interlocutoras (es) em conversar comigo, por receio de que outros viessem a saber de informações íntimas.

Entretanto, por ter vivido em Belém quase toda a vida – à exceção dos três meses em que morei em Bragança –, por apreender de forma diferenciada comportamentos que já são rotineiros no âmbito local e por mostrar uma aparência também diferente dos padrões bragantinos, percebo que ganhava ares de estranha. Com isso, ao mesmo tempo em que me deparei com dificuldades em campo – como desconfiança, resistência em conseguir uma maior abertura –, tive oportunidade de observar de perto várias reações a essas formas de diferenciação – como constrangimentos, silêncios, hesitações, comentários –, o que enriqueceu muito as vivências em campo.

É de se supor que a estranheza e a familiaridade decorrente dos fatores que mencionei acima se apresentem de formas variadas, mais ou menos intensas, mais ou menos sutis.

Trata-se de uma complexidade de dinâmicas nem sempre fáceis de perceber e de analisar, já que a interpretação necessária para assimilá-las tem forte cunho subjetivo. Por isso, em seguida destaco alguns trechos de diálogos que têm relevância para esta discussão, todos vivenciados com interlocutoras (es) desta pesquisa ou com pessoas de suas famílias nucleares.

Essas diferenciações, apesar do tempo em que frequento a região, só começaram a chamar atenção quando ouvi um comentário no começo de 2010, quando trabalhava em Augusto Corrêa. Eu atuava como coordenadora pedagógica em escolas no interior do município, distantes entre si e ligadas por estradas de terra em péssimo estado de conservação; como o percurso entre elas era realizado de moto, todo dia eu vivenciava ou calor, sol e poeira, ou chuva e lama, ou ambos em momentos diferentes. Assim, uma vez ouvi um colega de trabalho dizer: *“Eu não sei se ela vai agüentar essa vida. Ela parece ser uma moça fina, e não sei mesmo se ela vai agüentar essa vida, todo dia, pra cima e pra baixo de moto nessas estradas, pegando poeira, lama, não sei não”*.

Confesso que fiquei surpresa ao ser chamada de *“moça fina”*. Nunca me vi desta forma, e também nunca pensei que pudessem me ver assim. Pelo contrário, sempre me achei muito simples em termos de aparência, despreocupada, até mesmo desleixada, e já ouvi no passado críticas nesse sentido. Em várias fases da vida, se tento comparar minha aparência e a aparência de outras pessoas do mesmo meio social e idade, o resultado é esse. Pelo tamanho, pela forma de falar e pelo jeito de lidar com coisas e pessoas, sempre achei que a delicadeza não era o meu forte; inclusive, um amigo costuma dizer ironicamente que tenho *“uma delicadeza paquidérmica”*.

Apesar da surpresa, este comentário me deixou refletindo. Eu, moça fina? Contudo, depois enxerguei que, assim como não me considero fina quando comparada com certas pessoas, provavelmente o autor do comentário me considerava quando comparada com outras. Então comecei a observar mais atentamente as mulheres locais, que supus serem referências para ele, que nasceu em Augusto Corrêa e sempre morou lá, embora tenha passado boa parte da vida trabalhando em Bragança. Com isso tentei ampliar as lentes para enxergar como a cultura interfere nas representações atribuídas às mulheres, já que

[...] os traços naturais do gênero, bem como os processos naturais do sexo e da reprodução, são apenas um pano de fundo sugestivo e ambíguo para a organização cultural do gênero e da sexualidade.

O que o gênero é, o que homens e mulheres são, e o tipo de relações que acontecem entre eles – todas estas noções não são simples reflexos ou elaborações de “dados” biológicos, mas sim (em grande medida) produtos de processos sociais e culturais (ALMEIDA, 1995, p. 128).

Assim passei a ver algumas diferenças, a começar pelo tipo físico: as mulheres de lá, em sua maioria, têm altura média de 1,60 metros e de pele morena, ao contrário de mim, com 1,78 metros de altura e de pele branca. Um corte de cabelo curtíssimo, semelhante ao meu, também não é muito comum, assim como as unhas pintadas sempre de esmalte escuro. Abaixo trago dois recortes de diálogos que vivi em campo, um sobre as opiniões diferenciadas de uma interlocutora e de seu marido a respeito de cortes de cabelo, e outro no qual uma interlocutora conta uma situação que vivenciou, na presença do marido, com a filha adolescente:

*“- Tu não deixas teu cabelo crescer mais não?
- De jeito nenhum, eu gosto mesmo é do meu cabelo curto... na verdade, quanto mais curto melhor!
- Eu acho bonito também, na verdade o corte curto é muito prático, facilita a vida.
- Já pensastes em cortar o teu curto?
- Já, várias vezes, mas o meu marido não deixa... ele diz que cabelo de mulher é grande, homem é que tem que ter cabelo curto... ele fica dizendo que vou ficar que nem homem, e que vai me largar pra ficar com uma mulher que tenha cabelo de mulher.
- E o que tu achas disso?
- Eu não posso fazer nada né. Se ele diz que é assim, o que eu posso fazer?”*

“A gente tava comprando umas coisas no comércio um dia desses, e eu entrei lá naquela loja de esmaltes, tu sabes, ali perto do Carlito, e ela disse que queria um esmalte vermelho, desses tipo o que tu usas, assim, vermelho escuro, parece um vinho, é, assim mesmo. E ela ainda disse que queria pintar a unha que nem a tua, tu sabes, ela vive reparando nas tuas unhas, acha bonito, até pensou que fosse postiça, lembra? Mana, quando ela disse isso, ele pegou corda, tirou o esmalte da mão dela, disse que isso não era cor de esmalte pra uma moça usar, que não ia admitir a filha dele andando por aí desse jeito. E não teve acordo, ela reclamou, não entendeu, coitada, mas ele não deixou ela levar o esmalte vermelho nem a pau”.

Também o modo de vestir ganhava destaque. Faço as minhas próprias roupas, o que permite liberdade de escolha de modelos e tecidos. Não uso calças compridas, muito menos calça jeans, por achar desconfortável e quente; costume usar vestidos pouco fechados, tomara-que-caia, shorts, a maior parte do tempo, fora momentos de trabalho

ou outros mais formais. Como priorizo o conforto, isso resulta em roupas folgadas ou incomuns de alguma forma, e ouço com frequência comentários que ressaltam esse estilo diferente, mesmo em Belém ou em outras cidades que visitei, a exemplo do diálogo que destaco abaixo, entre o filho de uma entrevistada e eu:

“- *Te vi de longe, um dia desses, lá na avenida...*
 - *Quando?*
 - *Ah, sei lá, um dia desses, acho que foi semana passada... de manhã.*
 - *De manhã? Égua... não lembro... tens certeza que era eu?*
 - *Tenho certeza. Foi lá na avenida.*
 - *Mas como podes ter certeza se foi de longe?*
 - *Ah, é impossível se enganar. Tu estavas usando uma daquelas roupas como não se vê aqui em Bragança!”*

Além disso, tenho a impressão que há algo, possivelmente a partir da combinação do tom de voz, do modo de falar e da expressão facial, que passa certa firmeza. Em campo, a posição de pesquisadora também pode influenciar para reforçar uma percepção de poder, já que, [...] *a investigadora é mais facilmente “assexuada” pelos informantes, para não dizer “masculinizada”, o que se prende, naturalmente, aos estereótipos de gênero associados à divisão do trabalho e ao poder simbólico da ciência* (ALMEIDA, 1995, p. 22). Em relação a esta idéia, a seguir destaco o que uma interlocutora disse:

“*Ele fica por aqui por perto, querendo ouvir, eu sei. Ele nega, mas eu sei que é isso. Sempre que vem alguma amiga minha aqui, ou minha irmã, ou minha cunhada, ele sempre fica inventando alguma coisa, alguma desculpa pra ficar por aqui e se meter na conversa. Algumas amigas minhas sumiram depois dessas vezes, não sei, mas acho que elas se incomodam dele ficar se metendo na conversa. Quem gosta né? Se vou na casa da minha cunhada pra conversar com ela, não quero o marido dela dando palpite no que a gente tá falando. Quando estás aqui, sei que ele se segura pra não se meter. Ele só ouve calado porque é contigo. Se fosse com outra pessoa... mas ele não é doido, sabe que apesar de ser mulher, tu és uma pessoa muito difícil de intimidar, isso qualquer um percebe”.*

Ao enumerar estas diferenciações, não quero insinuar que não há mulher alguma em Bragança que seja alta e branca, ou use cabelo curto, ou pinte as unhas de esmalte escuro, ou tenha uma voz forte, ou se vista de forma própria, muito menos que não se encontre nenhuma “*moça fina*”. Apenas sugiro que estas características, que por si só já seriam componentes para uma diferenciação, se acumulam no meu caso, o que reforça uma impressão de diferença. E ainda há o fato de que sou divorciada e tenho uma postura mais corriqueira em relação a isto, o que discuto melhor a seguir.

1.4 “*Outra Noite, Outro Sono, Como se eu Sonhasse o Sonho de Outro Dono*”: uma Pesquisadora Divorciada em Campo para Estudar Casamento e Separação

*“Outros olhos
 No teu rosto
 Vou falar teu nome
 E teu nome já é outro
 Outra bruma
 Sombra de outro sonho, alguém
 Na manhã de junho
 Outono, outubro, além”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 402)

Percebo na sociedade bragantina uma discriminação significativa às mulheres cujo casamento se descontinuou – seja por separação, divórcio ou outra forma. Assim, os (as) interlocutores (as), ou outros (as) próximos (as) a estes (as), também mostram uma reação negativa, ainda que seja disfarçada, ao saberem que sou divorciada. Contudo, não costumo aquiescer a isto e mantenho a segurança habitual em relação a esta condição, o que também suscita reações interessantes.

Falo aqui um pouco das contribuições decorrentes disto: algumas identificações minhas com vivências de interlocutores, que auxiliaram na minha compreensão e na aceitação da minha presença nas vidas destas pessoas; reações aparentemente negativas à minha condição, que acabaram por evidenciar informações que costumam permanecer ocultas; dificuldades em lidar com o sofrimento que vi em campo e com meu papel dentro dele; e por fim, a satisfação indescritível quando percebia que conseguia compreender uma pessoa, em seus anseios e pontos de vista, ou quando via que, de alguma forma, contribuía para que alguém reagisse efetivamente diante das dificuldades que a afligiam.

Freqüentemente me identifiquei com situações narradas pelas interlocutoras e/ou observadas por mim. Assim, pude me infiltrar mais nas vidas destas pessoas, já que compreender a complexidade dos sentimentos não é tarefa fácil, ainda mais por se tratar de algo difícil de expressar claramente; contudo, estas apreensões poderiam se mostrar precipitadas ou tendenciosas, o que requisitava maior cautela. Além disso, na maioria das vezes, quando a pessoa se sentia compreendida, tendia a se sentir mais acolhida, o que contribuiu para uma relação de maior confiança e segurança. Contudo, tive sempre em mente que:

Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos (MALINOWSKI, 1976, p. 22-23).

Entretanto, também percebi comportamentos receosos e até refratários em relação a mim, inclusive, por vezes, nas mesmas pessoas que em outros momentos demonstravam me ver como alguém confiável. Tais comportamentos contribuíram para evidenciar quadros mentais comumente ocultos, valores não-ditos e concepções silenciosas. Na maioria das casas em que fiz trabalho de campo, havia um costume de tomar café após as entrevistas, e por ser um momento mais descontraído, em que a conversa girava em torno de amenidades, era nessa hora que muitos comentários interessantes emergiam.

Mulher separada, na linguagem local, é “*deixada do marido*”, termo que traz um cunho pejorativo; há algo de desonroso nesta categoria, e tais impressões negativas resvalavam em mim também. Por exemplo, o diálogo abaixo, que tive com o marido de uma de minhas interlocutoras ao sair da casa deles após a entrevista:

“- *Mas como vocês conversam, não é? Você também é casada?*
 - *Não.*
 - *Você ainda é jovem, ainda tá em tempo... mas... olha... é bom casar logo, sabe como é, o tempo vai passando, é bom aproveitar enquanto ainda está bonita...*
 - *Eu já me casei.*
 - *Como...?*
 - *Eu me casei, mas hoje sou divorciada.*
 - *Sério? Mas... porquê? Porque ele te largou? Arrumou outra?*
 - *Não. Ele não me largou, nem arrumou outra.*
 - *Então porquê isso, meu deus?*
 - *Eu que quis me separar dele.*
 - *Largou o seu marido? Se ele nem arrumou outra... Mas porque?*
 - *Porque eu não queria mais viver com ele.*
 - *Coitado... Uma pena né...*
 - *Porque coitado?*
 - *Ah, porque... porque o homem nem arruma outra, nem faz nada e você larga ele? Poxa... Aí você voltou a morar com a sua família?*
 - *Não, moro sozinha.*
 - *Sozinha? Não... mas porquê? Venha morar com o seu pai... Esse negócio de moça jovem morando só não dá certo não... Longe da família... Ainda mais deixada do marido... O que vão pensar?”*

Este, dentre todos que observei, foi o caso em que o aspecto negativo que costumava recair sobre a mulher separada foi expresso de forma mais direta em relação a mim. Entretanto, na maior parte das vezes, isso ocorria de modo indireto, mais sutil, mais

difícil de apreender e de lidar. Certa vez, num momento de descontração após a entrevista, a filha de uma interlocutora começou a me dizer que sua festa de aniversário seria no fim de semana seguinte; na mesma hora o pai mudou de expressão, assumindo um ar receoso que se intensificava continuamente na medida em que ela se aproximava da formulação do convite; e quando ela de fato o fez, o pai chegou a interromper e ia começar a falar, mas diante dos semblantes pouco encorajadores dos demais familiares, ficou desconcertado e se calou. A esposa também pareceu constrangida, e quando foi me deixar na porta da casa mais tarde, pediu desculpas pelo ocorrido e explicou que o marido não só desaprovava a minha presença, por eu ser divorciada, como tinha ciúmes da relação que os demais membros da família tinham comigo:

“Ele sempre falou mal de quem é deixada, mas desde que começastes a vir aqui, é só ele abrir a boca que todo mundo aqui em casa começa a cortar logo. Ele tem ciúme... fica falando que agora a gente gosta mais de ti do que dele, que a qualquer hora vai sair de casa e que ninguém vai sentir falta, que ninguém mais respeita ele, que ele não pode falar mais o que quer nem na própria casa, faz um drama, mana, que não tem mais fim!”

Reconheço que considerei difícil lidar com situações como essa, até mesmo porque tais ocorrências me colocavam num papel ora aprovável, ora recriminado; embora essas apreciações variassem muito, as contribuições decorrentes enriqueceram muito o estudo. Conforme Goffman (1963), as pessoas que estão fora dos padrões considerados normais por uma dada sociedade constroem suas identidades nesta condição, como neste caso das “*deixadas*”. A interação nas relações costuma envolver um desconforto, já que ambas as partes lidam com o estigma: os estigmatizados se sentem inseguros, por não saber o que fazer ou o que pensam dele; e os ditos normais muitas vezes não sabem como lidar com a situação.

Além disso, falar de casamento envolve sentimentos, mágoas; nem sempre a compreensão dessa amplitude de sensações estava clara para quem estava falando, o que ficava evidente nos discursos. Com frequência as pessoas choravam, desabafavam, queriam opiniões – por achar que eu era especialista em relacionamentos –, e até mesmo intervenções no relacionamento – conversar com o parceiro, etc. Contradições nas falas também eram frequentes, a exemplo do recorte abaixo, de uma conversa com uma entrevistada que se separou depois de uma traição que foi assunto recorrente na cidade por muito tempo:

“- Como te sentes hoje em relação ao que aconteceu, depois desses quase quatro anos?

- Não sinto mais nada. Na época foi muito ruim, sofri muito, mas hoje não... Depois de uns meses, essa história virou piada na família, em vez de ser motivo de choro. Me recuperei até mais rápido do que imaginava. Hoje... nada... ele não significa mais nada para mim.

[E vinte minutos depois:]

- Eu dediquei vinte anos da minha vida a ele... vivíamos bem... [a voz dela começou a ficar embargada] me esforcei tanto pelo nosso casamento, pela nossa família. O que mais me dói... [ela começou a chorar] é que nunca nem... nem olhei pro lado, nunca pensei em outro homem... nunca traí ele... nunca, nem por pensamento [o choro se intensificou] e toda essa dedicação, essa... foi pra nada. Pra nada. Ele jogou fora tudo isso” [ela parou de falar por uns cinco minutos, chorando].

Entretanto, todas as possíveis dificuldades se tornavam menores quando sentia que entendia os anseios e as sensações de alguém. Diante do mosaico que envolve os sentimentos, as percepções, as contradições, enfim, essa complexidade nada fácil de deslindar, tais momentos representavam uma satisfação indescritível. Uma das minhas interlocutoras passou sete entrevistas – de três horas cada – tentando me explicar o que a levava a querer voltar com o ex-marido, apesar de todos os problemas e sofrimentos que ele causara a ela; e quando eu disse que o título da dissertação era “*aquela esperança de tudo se ajeitar*”, ela me olhou sem falar nada por uns três segundos, seus olhos marejaram e então disse:

“É isso, é exatamente isso, nunca vi uma frase que resumisse tão bem essa angústia que sinto há tanto tempo, que tento explicar para todo mundo e que ninguém consegue entender... é isso... é a esperança de tudo se ajeitar, de que tudo fique bem, que a gente se entenda e fique feliz, e que parece não ter lógica nenhuma, mas acontece, e não tem jeito... as pessoas ficam me perguntando porque continuo querendo voltar, se minha vida com ele foi horrível, eu sei que parece que não tem explicação, mas é isso... isso é o que eu desejo, e de algum jeito irracional me agarro nessa esperança... e por mais que todo mundo diga que não tem porquê, e por mais que eu até saiba disso, não consigo deixar de ter essa esperança, de pensar nisso, de querer que tudo se acerte, é isso, é isso mesmo... a esperança de tudo se ajeitar... só quem passa por isso entende... e até agora, tu fostes a única a me entender... obrigado por isso”.

Outra coisa deveras gratificante é perceber que uma pessoa que vivia sofrendo – há tanto tempo que até tinha se acostumado e passado a achar que isso era normal – começou a reagir, questionando a naturalização dessas concepções dogmáticas e

reescrevendo seu relacionamento, de forma mais satisfatória para si mesma. Por exemplo:

“Meu marido desconfia dessas nossas conversas... ele não gosta. Ele fica me perguntando sobre o quê a gente fala, porque demora tanto... Pra ser bem sincera, acho que ele se sente desconfortável, porque diz que eu mudei desde que começastes a vir aqui em casa. Que eu fico respondendo torto pra ele, que fiquei malcriada, fico implicando com coisas que eu aceitava antes sem falar nada... Ele diz que estás me desencaminhando. Mas eu não me importo com a birra dele, porque to mais feliz assim do que era antes. Nossa, nem se compara!”.

E foi justamente por causa dessa articulação entre emoção, sensibilidade e riqueza do caráter humano, que perpassou por todo o estudo, é que inseri poesias nesta dissertação. Aqui tentei traçar representações das ações humanas, cuja complexidade é difícil de captar, ainda mais pela necessidade de simplificação inerente à ciência, e empreguei a poesia como mais uma forma de apreensão da realidade, de interpretar o mundo. Então os diversos significados presentes nos casamentos, em seus agrados e desagradados, cuja sensibilidade muitas vezes não se restringe a padrões perceptíveis, também são expressos pela literatura, entendida aqui como *uma representação da facticidade* (MONTEIRO, 2008, p. 117).

Assim, após tantos meandros envolvidos na relação entre campo e pesquisador, apresentados aqui com o intuito de proporcionar uma visão panorâmica do contexto geral no qual a dissertação se desenrolou, em seguida passo a discorrer sobre as pessoas, que me permitiram entrar em suas casas e em suas vidas, e que foram a parte mais relevante deste estudo.

Capítulo 2 *“Quem Não a Conhece Não Pode Mais Ver pra Crer”*: Interlocutoras e Interlocutores da Pesquisa

*“Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais esquece não pode reconhecer”*
(HOLLANDA, 2006, p. 151).

Neste capítulo apresento relatos de vida das (os) interlocutoras (es), acrescidos de dados sócio-econômicos e notas de campo. Além de uma apresentação pessoal, também é uma forma de entender quais valores e vivências estavam presentes na constituição e no desenvolvimento dos casamentos.

À medida que eu adentrava nestes relatos, percebia como eles se encadeavam com as ações e concepções presentes nos relacionamentos. Assim, vi que vivências anteriores ao casamento – meio social de convivência, casamentos de pessoas próximas, situação econômica, comportamentos de familiares etc. – conduziram à elaboração de quadros mentais – como representações do que era ser homem e ser mulher, como os pais agiam com seus filhos etc. –, que por sua vez resultaram em valores – como deveria se comportar uma mulher casada, o que era ser um bom pai etc. – que estavam nas bases das ações apresentadas nos casamentos – como cobrar determinados comportamentos do cônjuge, de si e dos demais.

Cabe ressaltar que tais vivências exerciam influência de formas variadas. Por exemplo, Marcelo mantinha um casamento nos mesmos moldes do casamento de seus pais, mas Diana, que tinha passado a infância e a juventude criada pela mãe e pelo padrasto, tanto compreendia o casamento como uma forma de finalmente ter sua própria casa, já que nunca tinha se sentido assim, como resistia à descontinuidade do próprio casamento, por achar que filhos de pais separados não conseguiam viver felizes, de acordo com sua própria vivência nesta situação. Portanto, as vivências tanto se repetiam, se fossem consideradas satisfatórias, quanto poderiam ser reelaboradas de acordo com a interpretação que cada um fazia delas.

Como trabalhei com várias pessoas, não haveria espaço para apresentar relatos de vida de todas. Então fiz quatro agrupamentos, a partir de semelhanças de vivências (ver

quadro 1). Escolhi, por agrupamento, o caso mais típico e que melhor ilustra o grupo; apenas no caso das diferenciações é que apresento dois relatos.

Quadro 1: Agrupamentos de Interlocutores.

Grupo	Faixa Etária	Vivências Pré-Nupciais	Características do Casamento	Membros do Grupo
Mulheres da Segunda Geração	de 25 a 40 anos	Pais casados Pouco ou nenhum relacionamento antes do marido	Sexualidade menos inibida, mas ainda insatisfeita Tolerância à infidelidade e à insatisfação	Gisele
				Marili
				Patricia
Mulheres da Primeira Geração	de 42 a 62 anos	Pais casados Nenhum relacionamento antes do marido	Sexualidade inibida e insatisfeita Maior tolerância à infidelidade e à insatisfação	Diana
				Eulália
				Inara
				Zenaide
Diferenciações	33 anos	Pais separados e felizes* em novo relacionamento	Sexualidade menos inibida, mas ainda insatisfeita Tolerância à infidelidade Teve um caso	Amanda
Diferenciações	32 anos	Pais casados e felizes Poucos relacionamentos antes do casamento Iniciação sexual tardia**	Sexualidade inibida pela timidez Insatisfação no segundo casamento	Edilson
Homens da Segunda Geração***	de 28 a 39 anos	Pais casados e felizes Iniciação sexual precoce**		Marcelo
				Ronaldo

* A designação acerca da felicidade nos casamentos é expressa aqui a partir da ótica dos (as) filhos (as), ou seja, refere-se à percepção dos (as) interlocutores (as) acerca dos casamentos dos seus pais.

** A iniciação é referida aqui como tardia ou precoce em comparação com a faixa etária na qual os jovens do sexo masculino costumam ter seu primeiro ato sexual: de 17 a 21 anos (iniciação tardia) e de 11 a 14 anos (iniciação precoce).

*** Algumas informações referentes aos homens da primeira geração, que não tem agrupamento próprio por não ter interlocutores ativos, serão referidas brevemente em alusão a características afins com os homens da segunda geração, assim como em intrínseca relação com as mulheres da primeira geração – foram os cônjuges das interlocutoras deste último grupo que me permitiram entrever certas características do que poderia ser considerado aqui o agrupamento de homens da primeira geração.

Este quadro, que indica um panorama geral das características dos (as) entrevistados (as), será acrescido dos cinco relatos de vida que destaco a seguir, de Eulália, Gisele, Marcelo, Amanda e Edilson. No decorrer da discussão, neste e nos próximos dois capítulos, as informações do quadro 1 vão se interligar com outros dados, expressos também em outros quadros apresentados nos próximos capítulos.

2.1 “Não Está Mais Aqui Quem Chorou, um Outro que Venha Chorar”: Mulheres da Primeira Geração

*“E diz que espera o paraíso
E a hora de desabafar
A vida é feita de um rosário
Que custa tanto a se acabar
Por isso às vezes ela pára
E senta um pouco pra chorar
Que dia! Nossa, pra que tanta conta
Já perdi a conta de tanto rezar”
(HOLLANDA, 2006, p. 183)*

Eulália tem 62 anos, nasceu na cidade de Bragança e lá vive desde então. Pertencente às camadas médias, cresceu numa família com dois irmãos mais velhos e seus pais, que sempre foram vistos como um casal muito feliz e apaixonado. Os relatos de sua infância e adolescência deixavam transparecer saudade e alegria. Ela falava com muito carinho do pai, que, embora trabalhasse muito como comerciante e exercesse a função de “*chefe de família*”, se mostrava muito atencioso. Quando criança, ela estudava de manhã e passava o resto do dia estudando e brincando em casa com os irmãos, na companhia da mãe. Às noites, a família jantava, e depois permanecia conversando, brincando e ouvindo rádio. Nos fins-de-semana saíam para passear, na praça, nas casas de familiares e amigos, e para programações da igreja católica local.

Eulália dizia que sempre gostou de ir à igreja, e na adolescência, quando ela poderia preferir outros lugares, a possibilidade de ficar na praça após a missa sempre servia de consolo. Quando surgiram as primeiras inclinações ao namoro, ela sabia que precisava manter-se virgem até o casamento, por razões religiosas e por determinação familiar, e desejava isso. Houve um rapaz que se aproximou quando ela tinha dezesseis anos, na

escola, mas não foi nada além de algumas conversas; ela afirmava que a primeira vez que se apaixonou foi pelo marido, que conheceu enquanto cursava a universidade aos dezoito anos.

Eles começaram a namorar um ano depois, com o consentimento dos pais de ambos, que professavam ideologias familiares e religiosas semelhantes. Reginaldo era um rapaz um pouco tímido, formal, até mesmo taciturno; durante os cinco anos de namoro, ele sempre foi muito respeitador, sem tentar nada além de alguns beijos tímidos. Ela acreditava que ele se soltaria depois do casamento, intensificando os carinhos e os toques. Quando concluíram seus cursos de graduação, eles ficaram noivos, num jantar entre as duas famílias. Então Reginaldo foi trabalhar numa empresa em Belém e passava os fins-de-semana em Bragança. A família de Eulália não permitia que ela fosse visitá-lo, e durante esse período ela se concentrou, com o auxílio da mãe, da futura sogra e das futuras cunhadas, em preparar o enxoval. Foi uma das fases mais gostosas, porque ela só via o noivo nos fins-de-semana – cujo excesso de quietude chegava a torná-lo chato às vezes –, tinha liberdade de tempo devido ao término do curso na universidade e fazia planos para o casamento, que envolviam uma maior abertura com Reginaldo, a casa nova, filhos e muita felicidade. Eulália já se via como sua mãe, contando com a atenção e o carinho do marido enquanto supervisionava os trabalhos domésticos e as crianças.

Após dois anos de noivado, eles se casaram. Ela estava felicíssima. Na noite de núpcias, sobre a qual Eulália criara uma série de expectativas, começaram as contrariedades. Ela se arrumou e se perfumou muito para o que imaginava que seria uma longa noite de amor, onde Reginaldo e ela poderiam finalmente fazer tudo o que tivessem vontade e se soltar. Contudo, o jeito contido dele se manteve: ele se deitou ao lado dela na cama, beijou-a do mesmo jeito formal, não falou nada, deslizou para cima dela e começou a penetração, sem nada dos esperados carinhos e toques quentes. Após o que ela lembrava não ter sido nem cinco minutos, ele parou, deitou novamente ao lado dela, disse “boa-noite”, beijou-a na testa e dormiu – mais sobre o constrangimento da sexualidade em Almeida (1995).

Eulália, apesar de muito contrariada com isso, conseguiu se conformar com o pensamento de que com o tempo eles criariam uma intimidade maior e tudo seria diferente. E continuou a pensar assim, embora o marido mantivesse seu jeito reservado

e formal: eles pouco conversavam, saíam sempre em programas familiares, tinham relações sexuais rápidas e insatisfatórias para ela, e a convivência prosseguia sem os tão esperados carinhos e atenções conjugais. Depois de um ano vivendo nestes termos ela estava para enlouquecer, já que não encontrava nenhum alento nas atitudes do marido. Familiares e amigos diziam, sem saber dos fatos mais íntimos, que ele era um excelente marido, pois não era de fazer farras, se não estivesse trabalhando estava em casa, e que Eulália tinha tirado a sorte grande. Contudo, ela se sentia infeliz, sozinha, incapaz de falar a respeito do assunto e chorava escondido. Então, mais para se ocupar e para deixar de pensar no problema, conforme algumas indicações de ex-colegas do seu tempo de graduação, ela resolveu começar a trabalhar como professora, e se dedicou muito a isso, o que, somado à atenção com a casa, ocupava quase todo o seu tempo e ela pensava bem menos nas insatisfações.

Aos dois anos de casada ficou grávida. Ela afirmava que nos primeiros anos dos filhos se dedicou totalmente a eles, até mesmo para fugir das expectativas não correspondidas com Reginaldo e que já estavam atingindo um patamar injustificável por não resvalar na realidade. A idéia de viver a felicidade por meio da felicidade dos filhos começou a tomar corpo a partir desse período, e se tornou cada vez mais forte nos anos seguintes.

Após quinze anos de casamento, Reginaldo começou a apresentar problemas de ereção e eles chegaram a passar seis meses sem conseguir manter uma relação sexual. Ela contava que foi uma fase ainda mais difícil, pois ele recusava as iniciativas dela de conversar sobre o problema e de procurar um médico. A convivência se tornou ainda mais distante e após dois anos vivendo essa situação ela descobriu que ele tinha ido para a cama com outra mulher. No primeiro momento ela não acreditou, já que ele sempre se mostrara pouco interessado por sexo, mas quando finalmente assimilou o que havia ocorrido, resolveu se separar.

Contudo, a resistência das pessoas próximas abalou esta resolução. Os filhos pediram que ela não se separasse, porque não queriam se afastar do pai e porque não queriam pais separados. Os demais familiares e amigos diziam que não era caso para separação, já que era de se esperar que um homem da idade dele procurasse uma mulher mais jovem, que tinha sido só uma vez, que ele continuava respeitando a família e sendo um bom marido, e além do mais, porque ela ia se separar com quase cinquenta anos, para

ficar sozinha na velhice? Assim, apesar da decepção e do sofrimento, lentamente ela desistiu da idéia da separação, mas eles passaram a dormir em quartos separados.

Esse arranjo se mantinha até o presente, dezoito anos depois, e nesse período eles nunca mais dormiram juntos, tiveram relações sexuais, se beijaram ou trocaram qualquer carinho. Assim o casal continuava praticamente na mesma rotina: trabalhava, continuava a fazer programas familiares com os filhos, ele ia levá-la e buscá-la no trabalho e aonde mais ela quisesse ir, ele passava seu tempo livre em casa assistindo televisão e ela afirmava que vivia a felicidade por meio da felicidade dos filhos e dos netos.

2.2 “*Você Vai Resistir, Mas Vai se Acostumar*”: Mulheres da Segunda Geração

*“E quem me ofende, humilhando, pisando, pensando
Que eu vou aturar
Tou me guardando pra quando o carnaval chegar
E quem me vê apanhando da vida duvida que eu vá revidar
Tou me guardando pra quando o carnaval chegar”
(HOLLANDA, 2006, p. 200)*

Gisele tinha vinte e cinco anos, não trabalhava fora de casa, pertencia às camadas populares e estava casada há cinco anos, com um filho de quatro. As famílias dela e do marido, Vitor, moravam muito perto e mantinham relações próximas; o casal morava nos fundos do terreno da casa dos pais dela, e além destes, quase todos os demais parentes moravam perto, por vezes no mesmo terreno, com trânsito livre pelas demais casas.

Gisele era a filha do meio de três irmãos. Sua irmã mais nova, também casada, tinha dois filhos; o irmão mais velho, três filhos, cada um com uma mulher diferente, e ele não vivia mais com nenhuma delas e sim na casa dos pais. Assim como Gisele, seus irmãos também viviam em casas construídas em terrenos compartilhados pela família, nas mesmas proximidades que os demais parentes. Todos freqüentavam uma igreja evangélica próxima às suas residências, com suas respectivas famílias nucleares.

Ela falava de forma muito feliz de sua infância, relatando muitas travessuras, brincadeiras com animais domésticos – e outros nem tão domésticos assim –, aventuras pelo rio Caeté em canoas que ela e as demais crianças próximas surrupiavam de algum tio pescador, estórias de terror contadas pelos mais velhos à noite à beira de fogueiras. Muitos desses relatos conduziam também a inúmeras situações de castigo, em decorrência da desobediência às determinações dos pais. Gisele contava com certo ressentimento que apanhava muito deles, inclusive de forma exagerada e desproporcional, com alarmante frequência. Os pais, ele pescador e ela dona-de-casa, nunca foram muito de conversar nem de tolerar questionamentos; davam suas ordens, e quem não as seguisse apanhava.

Já na fase da adolescência, as relações entre pais e filhos continuavam nestes mesmos termos. Tal época, marcada por relatos das primeiras saídas noturnas e da descoberta dos namoros, também se mostrava permeada por diversas situações de castigos, expressos em surras ainda mais intensas. Ela dizia que sentia falta de conversas, de orientações, se ressentia de tantas proibições sem explicações, sem informações e sem diálogos com os pais. Contava, ainda, que sempre pensou que ao ter seus próprios filhos faria diferente, embora reconhecesse que este esforço resultava em poucas diferenças em relação ao seu filho e atribuía isso ao estresse que vivenciava diariamente no casamento.

Talvez em virtude do medo de castigos paternos e de castigos divinos – que sua frequência assídua à igreja reforçava –, Gisele não teve nenhum relacionamento propriamente dito antes de conhecer Vitor, só namoricos que não passavam de muitos suspiros e um ou outro beijo roubado na praça ou atrás da igreja.

Quando começaram a namorar, Gisele e Vitor não mantiveram relações sexuais, pois a orientação religiosa de ambos era contrária a isso. Ao perceber que não estavam se controlando, resolveram casar logo, que era a orientação da igreja; mas as condições financeiras dos dois e das famílias não eram muito encorajadoras ao casamento dos jovens, e enquanto pensavam em como resolver a situação, acabaram por iniciar sua vida sexual. Dentro de poucos meses ela descobriu que estava grávida. As famílias, embora contrariadas com a gestação, organizaram rapidamente o casamento, antes que as pessoas da igreja e os demais tomassem conhecimento da gravidez.

Pouco tempo depois do casamento, ainda gestante, Gisele descobriu um caso que Vitor estava mantendo. Apesar da tristeza, ela contava que isso não se configurou como uma decepção, já que era isso que os homens costumavam fazer; ela mesma crescera vendo a mãe às voltas com os casos do pai, assim como as tias e demais mulheres próximas. O maior motivo de sofrimento para ela foi justamente a descoberta, motivada pela falta de discrição do marido. Assim, o casal teve uma briga na qual ela ameaçou colocá-lo para fora de casa, mas ele pediu perdão e prometeu que isso nunca mais aconteceria. Apesar da mágoa, eles continuaram juntos.

Nos dois anos que se seguiram isso tornou a acontecer repetidas vezes, até que Gisele, cansada do sofrimento e da humilhação, resolveu se separar, apesar dos protestos das famílias de ambos e dos amigos da igreja. Segundo estes, se Vitor afirmava que queria continuar casado, ela deveria continuar com ele, apesar dos casos externos ao casamento; quanto a estes, ela não deveria fazer nada senão orar para que o Senhor tirasse tais mulheres da vida dele. Ela contava que foi uma fase muito difícil, mais ainda que o esperado porque ela não se sentia apoiada pela família, que insistia em repetir que separação não agradava a Deus e que ela não podia permanecer em situação de pecado – mais a respeito de classificação de comportamentos, pecado, corpo como tabu e religião em Le Goff e Truong (2006) e Rodrigues (2006).

Duas semanas depois que Vitor tinha voltado para a casa dos pais dele, que ficava a poucos metros de distância da casa em que ela ficou com o filho, este ficou seriamente doente. A doença do filho do casal foi interpretada como castigo de Deus em relação à atitude dela – se separar de Vitor –, opinião compartilhada pelas respectivas famílias, pelos amigos de Gisele e pelos membros da igreja.

Ela dizia que ficou desesperada quando o filho caiu doente, culpada e com grande temor de que o filho viesse a morrer, o que a fez reatar imediatamente o casamento. Logo em seguida, a criança se recuperou a olhos vistos e nunca mais teve problemas sérios de saúde. Desde então ela continuava casada, continuava a descobrir casos que Vitor mantinha fora do casamento, e embora não se considerasse satisfeita na relação, permanecia por temer o castigo caso voltasse a contrariar as leis divinas – o temor de Deus.

De acordo com relatos de Gisele, na opinião da família e dos companheiros de religião, se ela ainda tinha problemas no casamento, é porque não rezava com fé o bastante ao pedir que isso se resolvesse. Caso o fizesse a bom termo, o marido deixaria de manter outras mulheres, pois o demônio, que é quem provocava tais atitudes infiéis, já teria sido expulso da vida do casal. A opinião geral era que os casos não eram culpa nem dele nem dela, e sim do demônio, que ficava colocando mulheres no caminho dele; o que restava a ela era orar para tirar o demônio da vida deles, o que seguramente iria acontecer em algum momento, desde que ela empreendesse tal ação com fé suficiente.

Além destes fatores relativos à vivência religiosa, existiam também os empecilhos que envolviam a rotina de Gisele, em relação ao sustento da casa e à criação do filho. Mesmo com o trabalho de Vitor como motorista de caminhão, os pais e os sogros contribuíam financeiramente e no trabalho doméstico, desde que o casal permanecesse junto. Caso isso não continuasse, este apoio, considerado por Gisele como fundamental, estaria ameaçado, o que contribuía para desencorajá-la a uma separação: *“Minha família não aceita, de jeito nenhum, uma separação, dizem que não é de Deus, e como eu vou viver sem o apoio deles? Meu pai não vai aceitar uma filha desonrada dentro de casa, e como eu vou ficar?”*.

2.3 “No Fim da Noite, aos Pedacos, Quase Sempre Voltam pros Braços de suas Pequenas”: Homens da Segunda Geração

*“Te perdôo
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdôo
Te perdôo porque choras
Quando eu choro de rir
Te perdôo
Por te traír”*
(HOLLANDA, 2006, p. 344)

Marcelo era professor da rede pública de escolas de Bragança, com vinte e oito anos de idade, casado há quatro anos com uma mulher da mesma profissão, mas que trabalhava em outra escola. Eles tinham dois filhos pequenos. Ele se considerava feliz e satisfeito

com a esposa, mas mantinha casos freqüentes com outras mulheres e atribuía isso a uma natureza masculina inescapável que o conduzia à infidelidade.

Filho de pai comerciante e mãe dona-de-casa, Marcelo era o mais jovem de três filhos homens, e tinha duas irmãs mais jovens que ele. Teve uma infância repleta de momentos divertidos com os irmãos mais velhos e alguns com as irmãs mais novas, pois estas eram encorajadas a manter brincadeiras de natureza diversa, mais apropriadas para meninas. Desde a infância ele e seus irmãos já se envolviam em brincadeiras de fundo sexual, tais como observar as empregadas domésticas tomarem banho, o que era estimulado pelo pai, que inclusive chegou a engravidar uma destas pessoas que trabalhavam na casa.

Na adolescência, Marcelo, que já estava habituado a ouvir relatos de diversos intercursos sexuais do pai e dos irmãos com empregadas domésticas e com prostitutas, começou a ter práticas – narradas por ele como perfeitamente normais para os rapazes da sua idade – como tocar o corpo de mulheres consideradas de qualidade inferior: empregadas domésticas; moças relacionadas a estas que eventualmente vinham contribuir no serviço da casa, por ocasião de uma festa, por exemplo; mulheres mais pobres que iam assistir ao jogo de futebol semanal do pai e que os irmãos, conforme adquiriram mais idade, passaram a participar, tanto jogando futebol quanto saindo para beber ao final com os companheiros de esporte e com estas mulheres, que acabavam na cama com alguns deles.

Aos doze anos Marcelo foi levado pela primeira vez, pelo pai e pelos irmãos, a um prostíbulo – freqüentado por estes regularmente – e teve sua iniciação sexual. Daí em diante, ele continuou a manter relações sexuais freqüentes com mulheres semelhantes às mencionadas no parágrafo anterior, que eram vistas de forma bastante diferente das demais mulheres, as do meio social da família, como irmãs de amigos, filhas de amigos e amigas dos pais de Marcelo, colegas de escola etc. Estas eram vistas como moças decentes, que poderiam vir a se casar com Marcelo ou com seus irmãos – esta diferenciação entre a mulher casta e dedicada à casa e à família e a mulher desqualificada, desonrada e desavergonhada, para Cardoso e Gomes (2003), Rago (1991) e Richards (1990), coloca esta última num papel que se assemelharia ao do esgoto dentro da ordem moral da sociedade.

Com catorze anos ele conta que começou a ficar – que aqui significa beijar, abraçar, andar de mãos dadas, sem relações sexuais – com colegas de escola. O pai e os irmãos de Marcelo, a partir do surgimento destas ocasiões, passaram a orientá-lo que ele não poderia fazer com estas moças o mesmo que fazia com as demais, aquelas com quem ele poderia manter contatos sexuais.

Depois de duas ou três namoradas na escola, aos dezoito anos, Marcelo conheceu Tânia. O namoro dos dois era muito bem visto pelas famílias de ambos, que se conheciam e mantinham relações sociais e profissionais. Após um ano, Marcelo e Tânia começaram a manter relações sexuais, sempre com muito cuidado para evitar uma gravidez. Durante todo o tempo do namoro, ele continuava a manter intercursos sexuais com mulheres consideradas sem qualidade, movimentação que era devidamente ocultada, salvo aos demais homens, como os amigos, o pai e os irmãos.

Após quatro anos de namoro, ele dizia que começaram os problemas. Tânia queria casar, e a mãe e as irmãs de Marcelo a apoiavam neste desejo. Ele resistiu à idéia num primeiro momento, por receio de perder a liberdade do futebol, das bebedeiras, do prostíbulo e das demais diversões consideradas por ele naturais a qualquer homem. Contudo, os demais homens influentes para ele afirmavam que não tinha jeito, que ele teria que se casar, mas que isso não significava que ele precisava perder suas fontes de entretenimento, desde que soubesse administrar as situações.

Foi aí que ele se deu conta que isto sempre acontecera ao redor dele: o pai, os irmãos mais velhos, já casados, os amigos, todos permaneceram com o mesmo modo de vida após o casamento, apenas acrescido de uma dose maior de mentiras e omissões em relação às esposas, o que já acontecia em grau menor quando estas eram namoradas.

Então a idéia de casamento se tornou mais palatável a Marcelo, que afirmava ser muito apaixonado por Tânia desde sempre, assim como também se mostrava muito convicto de que a intensidade deste sentimento não tinha absolutamente nenhuma relação com as diversões masculinas que ele sempre compartilhara, assim como seus camaradas. E feliz pelo fim dos problemas com Tânia decorrentes da resistência ao matrimônio, Marcelo casou-se com ela após cinco anos de namoro e um de noivado.

Ele declarava amar muito a esposa e não imaginar sua vida sem ela e sem os filhos. Afirmava que seu casamento era muito feliz e que ele aprendera a lidar com as

pequenas reclamações de Tânia, que se tornaram cada vez mais raras na medida em que ele dava total liberdade a ela em relação a questões como administração da casa, criação dos filhos, dinheiro para adquirir mobília, vestuário etc.; além disso, ele passou também a adotar atitudes consoladoras que sempre vira no casamento dos pais, como presentes, saídas para jantar, viagens a dois etc.

Houve apenas uma situação mais problemática entre eles: no segundo ano de casamento, Tânia começou a desconfiar das demoras de Marcelo após o futebol semanal, que ela acreditava também envolver uma amante. A amante de fato existiu, mas ele contava que sempre foi muito discreto nesses casos externos ao casamento, e quando a esposa começou a brigar por causa disso ele diminuiu a quantidade e a duração dos encontros com essa outra mulher, que era bem mais pobre e mãe de uma aluna dele que morava perto do campo de futebol. Ao mesmo tempo, Marcelo presenteou Tânia com um carro e com uma viagem a dois – este último presente foi custeado pelo pai dele, que tinha um poder aquisitivo maior devido ao seu comércio, e costumava dar dinheiro com frequência aos filhos, além de orientá-los nestes pequenos desacertos com as respectivas esposas, recomendando presentes caros, do mesmo modo como procedia com a própria esposa, a mãe de Marcelo.

Corroborando o que Marcelo já havia me dito, Tânia, com quem tive oportunidade de conversar mais de uma vez, também afirmava ser muito feliz no seu casamento e *“ter tirado a sorte grande por ter o Marcelo como marido, um homem bom, pai amoroso, generoso e que sempre respeitou a família”*. Ela me contou, ainda, que teve certa desconfiança dele uma vez, mas logo viu que não havia motivo concreto para isso, que era coisa sem importância, coisa de homem.

2.4 “Arrisquei Muita Braçada na Esperança de Outro Mar”: Diferenciações

*“Por que me descobriste no abandono
Com que tortura me arrancaste um beijo
Por que me incendiaste de desejo
Quando eu estava bem, morta de sono”*
(HOLLANDA, 2006, p. 201)

Aqui trago dois relatos de vida, de Amanda e de Edilson, que, embora mostrem várias semelhanças em relação aos demais grupos, apresentam diferenciações significativas em relação aos padrões observados na sociedade bragantina: ela, por assumir para mim que manteve um caso externo ao casamento durante três anos; ele, por não corresponder a certos comportamentos que a sociedade parecia esperar, a exemplo de vivenciar uma separação da primeira mulher sem ter tido um caso externo ao casamento.

a) Amanda

Amanda era coordenadora pedagógica de escola pública no município de Augusto Corrêa, próximo a Bragança, onde ela residia. Aos trinta e dois anos, trabalhava em várias escolas do interior deste município e teve um caso de três anos com um pescador de uma localidade afastada. Casada há doze anos com um empresário de Bragança e com um filho de onze anos, Amanda freqüentava a igreja católica desde criança, assim como toda a sua família e a família do marido.

Os pais dela se separaram quando ela tinha cinco anos. A mãe, dona de casa, cansada das inúmeras traições do pai ao longo de quase dez anos, decidiu se separar. Durante dois anos ela viveu sozinha com os dois filhos, a duras penas, por não ter uma renda própria, nem auxílio da sua família, e por sofrer incontáveis repreensões pela sua condição de mulher separada. Após esse período, em que se agüentou apenas com ajudas do ex-marido e da família dele, já não suportava mais as discriminações que recebia aonde quer que fosse – inclusive por ter sido proibida pelo pároco local de freqüentar a igreja com as crianças, já que ela estava em pecado por não viver com o marido –, e ao receber uma proposta de trabalho fora do país, aceitou. Então partiu, deixando Amanda e o irmão mais velho temporariamente com a ex-sogra – mais sobre moral e religião em Rodrigues (2006).

Contudo, tanto pela dificuldade da mãe em voltar para buscá-los, quanto por causa de impedimentos familiares para que estas crianças se reunissem novamente a ela – que toda a família do pai de Amanda julgava que estivesse se prostituindo no Suriname enquanto ela declarava trabalhar como empregada doméstica –, Amanda e o irmão foram criados pela avó. Assim cresceram, estudando, freqüentando a igreja, falando com a mãe de vez em quando.

Amanda aos quinze anos começou a se interessar por rapazes, mas a avó se mostrava extremamente rigorosa em relação a isso e não permitia namoros, o que a levou a pensar em namorar escondido. Entretanto, nesse período não houve nenhum relacionamento significativo, porque os horários dela, controlados de perto, não permitiam nada muito além de um ou outro beijo sempre às pressas, com medo que alguém flagrasse. Aos dezessete anos, ela conheceu Gerson, que pertencia a uma família muito próxima, com quem a família da avó de Amanda mantinha uma amizade há muitos anos e era considerada como “*uma boa família*”.

Num primeiro momento, Amanda não se interessou por ele, ainda mais por causa da insistência das famílias de ambos no namoro dos dois. Mas com o passar do tempo, as investidas constantes do rapaz associadas ao fato de que a avó não permitiria que ela namorasse outra pessoa tão cedo, a fizeram ceder e se permitir a uma aproximação com ele. Durante dois anos de namoro, ela criou uma grande admiração, mas não se sentia apaixonada. Por isso mesmo, o pedido de casamento foi um susto; e incapaz de contrariar a opinião geral, compartilhada pelas amigas, pela família e pelo seu meio social, de que Gerson era o melhor partido da cidade, Amanda aceitou seu pedido.

Ao fim de um ano de noivado eles se casaram numa enorme festa, onde todos pareciam felizes. Amanda, entretanto, não sentia essa mesma alegria irradiando de todos os poros. Se ela sempre ouvira que o dia do casamento era o dia mais feliz da vida da mulher, então porque não conseguia se sentir assim?

No começo do casamento ela ainda se perdia nestes pensamentos, dividida entre a admiração por Gerson e a falta de paixão por ele, em meio à opinião geral de que ela tirara a sorte grande no casamento. E com o tempo ela se obrigou a pensar que a vida era assim mesmo, que as grandes paixões dos romances que ela lera desde a adolescência só existiam mesmo nos livros, no cinema e nas novelas. Além disso, ela tinha um marido fiel, trabalhador, que nunca deixara nada faltar em casa, que a respeitava, enfim, um bom homem. O fato de que ele não era muito carinhoso e que a vida sexual dos dois estava longe de ser arrebatadora se tornava uma questão menor, portanto. E assim se passaram os seis primeiros anos do casamento.

Mesmo depois de casar, Amanda continuou cursando Pedagogia, apesar dos protestos familiares. Ela sempre quis ter uma profissão, não queria ser igual à mãe, que teve que

procurar trabalho em outro país por não ter estudado. Aos olhos de muitos, a insistência dela em estudar era uma excentricidade de menina mimada casada com homem rico, e por isso mesmo foi devidamente tolerada. Do mesmo modo, após a formatura ela passou a prestar concursos em municípios próximos – nunca em Bragança, porque ela dizia que não gostaria de trabalhar em um local onde todos a conhecessem, assim como à sua família. Assim ela foi trabalhar em Augusto Corrêa, em localidades afastadas da sede do município. E numa destas localidades ela viu despertar um lado afetivo, sexual, sedutor, que se encontrava adormecido provavelmente desde seus quinze anos, nas leituras de romances que aparentemente não existiam na vida real, ao conhecer Viriato.

Amanda dizia que o que a encantava em Viriato era justamente o que Gerson não proporcionava a ela: um romance cheio de momentos de conquista, de surpresas, de presentes meigos, de uma sexualidade quente, afetuosa e plena. Eles se apaixonaram e em poucos meses pensaram em fugir juntos, levando o filho de Amanda com eles. Contudo, apesar da intensidade da paixão que os unia, ela hesitava por várias razões: a reação da avó e dos demais familiares, que ficariam horrorizados com o escândalo; o afastamento do marido, que sempre tinha se mostrado um bom pai e muito próximo ao garoto; o temor da atitude contrária à religião; represálias sociais que ela já tinha vivenciado na infância e que poderiam vir a incidir sobre o trabalho dela e de Viriato, já que tanto Gerson e sua família quanto a avó de Amanda tinham muita influência nos empresários e políticos da região; e, acima de tudo, ela temia por essa espécie de exílio, à semelhança do que ocorrera com sua mãe, e que poderia vir a prejudicar o filho. Essa era a pior parte: o escândalo, as más línguas, o desagrado que ela sentia por perceber que a história da sua família seria uma sucessão de fugas, afastamentos, adultérios, lágrimas, crianças separadas dos pais, falácias.

Assim, durante três anos ela vivenciou paralelamente arroubos de felicidade com Viriato e o sofrimento com os dilemas mencionados anteriormente. Por um lado, a decisão de viver a felicidade sem pensar nas conseqüências, tão incerta quanto intensa, já que não havia nenhuma certeza quanto à segurança na vida futura, que poderia comprometê-la e também ao próprio filho; e quanto a isso ela se perguntava se teria realmente esse direito, de se entregar à paixão, coisa que sempre pensara como sendo um luxo, louco, perigoso, inalcançável ou efêmero. Por outro lado, a decisão de se manter na vida que ela já conhecia muito bem, que não oferecia riscos a ninguém – à

exceção do seu desejo de se sentir plena como mulher – e cuja segurança social, financeira, familiar e religiosa tinha grande apelo; e quanto a isso ela se perguntava se conseguiria, sem Viriato, aturar a pasmeira que era seu casamento com Gerson, o sexo insatisfatório, a falta de romantismo, e se isso não seria renunciar ao que ela queria e, portanto, seria covardia.

Também durante esse período, tão calorosos quanto os encontros eram as brigas com o pescador, que cobrava uma atitude dela, que tinha ciúmes de Gerson, que passou a provocar ciúmes nela com outras mulheres. Assim, tais atitudes acabaram por piorar os dilemas de Amanda e aumentar suas inseguranças. Ao mesmo tempo, o filho começou a apresentar problemas na escola, o que Gerson e os demais familiares atribuíam às ausências da mãe, que em virtude do trabalho – e dos momentos com Viriato – pouco parava em casa. Desse modo, com alarmante frequência ela enfrentava brigas e cobranças tanto do marido quanto do amante; os problemas e as acusações caíam cada vez mais fortes sobre ela tanto ao entrar na casa de Viriato, quanto na de Gerson.

No auge dessas crises, certa noite, Gerson não dormiu em casa e não atendeu ao telefone. Após muitas horas de preocupação dela, que se debatia nas velhas questões associadas ao sumiço do marido e às especulações do que poderia ter ocorrido, ele voltou, já pela manhã. Amanda, muito desconfiada, perguntou logo sobre outra mulher, o que inicialmente ele tentou negar, mas acabou confessando, e junto com a confissão vieram reclamações acerca das ausências dela, das insatisfações do casamento, dos problemas com o filho, e o que se seguiu foi uma briga sem precedentes.

Contudo, Amanda se sentiu culpada e, embora sem confessar o caso com Viriato, assumiu o que julgava ser a sua responsabilidade; naquele momento, ela resolveu se afastar de vez dele e se dedicar à família. Então pediu transferência no trabalho para outras localidades, rompeu com Viriato, passou a se dedicar mais ao trabalho da igreja e se manter mais presente em casa e na vida da família. E desde então ela afirmava que esta foi a melhor decisão e que a vida era assim mesmo.

b) Edilson

Edilson tinha trinta e dois anos e estava casado pela segunda vez. Durante este segundo casamento, ele mantinha um caso com outra mulher, bem mais jovem e que trabalhava como secretária numa das empresas em que ele atuava como contabilista; ao mesmo tempo, Edilson não esquecia a primeira mulher.

Desde a infância ele se mostrava tímido, com preferência por atividades mais calmas e pelos estudos. Filho de gerente de porto e dona de casa, sempre era chamado de “*nerd*” pelos colegas de escola, pelo jeito introvertido e pela pouca participação nos esportes e demais atividades coletivas agitadas. Na adolescência suas preferências se mantiveram, com o acréscimo do interesse por jogos de computador e de estratégia, o que reforçava a imagem de menino quieto; Edilson só começou a se interessar por garotas e a namorar já quase com dezoito anos, o que antes lhe rendia fama de esquisitão e homossexual. Ele contava que já não se importava quase com isso, já que tinha uma boa relação com a mãe e com as irmãs e o apoio delas – o pai havia falecido quando ele tinha dezesseis anos, e antes disso, pouco parava em casa, em virtude do trabalho.

Ao contrário de seus colegas de escola e poucos amigos, sua iniciação sexual ocorreu bem mais tarde, aos dezenove anos e por iniciativa da namorada. Edilson contava que, antes disso ocorrer, evitava esse tipo de assunto com outros rapazes, porque tinha vergonha de confessar sua virgindade; por outro lado, ele desaprovava as relações com empregadas domésticas, prostitutas, meninas pobres, não pela condição delas, mas porque ele desejava manter uma relação por afeto e não apenas por desejo sexual, sem falar na orientação religiosa – sua família sempre foi assídua participante da igreja católica local.

Após três anos de namoro com Natasha, ela engravidou e eles se casaram, apaixonadíssimos. Edilson, que já não cabia em si de felicidade, ficou mais contente ainda com o nascimento do filho, há muito tempo desejado. A vida deles era muito tranqüila, sem brigas, sem discussões e com muito companheirismo. Contudo, após cinco anos e de forma repentina na percepção dele, Natasha disse que não estava mais feliz, que queria se separar e saiu da casa em que eles moravam levando o filho.

Edilson ficou arrasado. Depois de procurar um motivo concreto para a iniciativa dela, concluiu que tudo ocorreu por falta de dinheiro, já que o casal passava por uma crise

financeira nesta época, e que talvez fosse temporário. Além disso, ele também ficou muito abalado pela repercussão que a iniciativa dela causou: as pessoas acreditavam que ele tinha tomado a iniciativa, por ter se envolvido com outra mulher, o que não era verdade. Nas palavras dele:

“Quando as pessoas começaram a saber que a gente tinha se separado, todo mundo achava que eu tinha arrumado outra e saído de casa por isso. Eu ficava com cara de tacho, e nem sempre admitia que não tinha sido nada disso. Foi ela que tomou a iniciativa, foi ela que saiu de casa. E o pessoal no trabalho, sem saber no começo, me encarnava, dizendo que eu nem tinha contado que tinha arrumado outra. Eu menti algumas vezes, em outras deixei as pessoas pensarem o que queriam. Mas foi um papel ridículo, porque em cidade pequena todo mundo sempre acaba sabendo, e pegou muito mal pra mim. Aqui todos os homens traem suas mulheres, e só separam quando elas descobrem e colocam eles pra fora de casa, isso quando elas botam eles pra fora mesmo, porque geralmente os maridos conseguem voltar”.

Assim, a dor da separação foi acrescida pela dor do constrangimento, diante de si e dos demais, ainda mais porque ele não agüentava mais ouvir como Natasha parecia bem e pouco abalada com o ocorrido. Pouco tempo depois, quando se aproximou de Luciana, que vivia se oferecendo para ele, Edilson não viu porque não ceder às iniciativas dela, tanto para abrandar a solidão quanto para mostrar uma reação ao que ocorrera.

Entretanto, ele continuava pensando em Natasha, que logo virou objeto de ciúme de Luciana, e os contatos com o filho e às idas à casa da ex-mulher só reforçavam ambos os sentimentos. Alguns meses depois, quando Natasha começou a namorar um amigo de infância que sempre fora apaixonado por ela, a situação se tornou pior ainda: Edilson, visivelmente incomodado com o novo romance; Luciana irritadíssima com isso tudo; Natasha indiferente a esse turbilhão de sentimentos confusos e vivendo tranqüilamente seu novo relacionamento. Logo Luciana mostrou seu lado difícil: ciumenta, controladora, neurótica, nervosa, exaltada, justamente o contrário do que ele vivera no primeiro relacionamento.

Depois de um ano de namoro, Luciana ficou grávida e eles passaram a viver juntos, o que também não pareceu abalar Natasha nem um pouco: *“Ao contrário, tu acreditas que ela parecia até aliviada?”*. E o que já representava problema durante o namoro, no casamento se potencializou. O fato de morar na mesma casa e da maior sensibilização em virtude da gravidez piorou o estado de nervos de Luciana. Se sentindo

profundamente infeliz, apesar da felicidade com o nascimento do segundo filho, depois de um ano de casado Edilson não sabia mais o que fazer: *“Eu tava a ponto de dar um tiro em alguém, talvez até em mim mesmo... se não fossem as crianças...”*. E foi nesse momento que ele conheceu Mírian.

Ela, uma antiga colega de trabalho que vivia numa parte mais afastada da cidade, numa condição financeira sensivelmente inferior à dele, se tornou um ponto de equilíbrio na relação de Edilson com Luciana, uma forma de fugir da vida problemática, como algo que o permitisse recuperar as forças periodicamente. Ele dizia não ter coragem de se separar; embora a mulher o perturbasse demais, vivesse ligando, controlando seus horários, ele enfaticamente dizia que a perturbação seria muito maior se ele se separasse. Ele se preocupava muito com o futuro do filho caso ocorresse uma separação, já que via a segunda esposa como uma desmiolada e dizia: *“Ela é muito ruim como mulher, mas como ex-mulher sei que vai ser pior ainda. E não é como a Natasha, ela não tem a menor condição de criar uma criança sozinha”*.

Natasha, por sua vez, a despeito dos inúmeros pedidos de casamento do namorado, permanecia sozinha morando com o filho, sem pretensões de mudanças, e aparentemente inabalável em relação às complicações afetivas de Edilson. Contudo, ele mostrava compreender essa resistência dela ao segundo casamento como uma esperança, já que *“se ela quisesse casar com esse cara, ela casava, nada impede, e ela sempre fez o que quis; já que ela não casa, é porque não quer, e acho que não devo perder a esperança... quem sabe, um dia, ela finalmente enxerga que ele é um otário e larga ele”*.

E assim se passaram dois anos, neste triângulo amoroso Luciana/Edilson/Mírian – que na verdade me parece um quadrilátero, pela existência de Natasha. Estes relacionamentos interligados seguiam em frente de forma supostamente harmônica, já que Edilson conseguia manter certa calma e as relações com a mulher e com a outra, enquanto Luciana aparentemente nada desconfiava sobre a outra, Mírian não representava problema nenhum e Natasha seguia sua vida sem se importar muito com os percalços dos demais.

Entretanto, houve um sério abalo no último ano, já durante a pesquisa de campo, quando Natasha anunciou que iria viajar para fazer pós-graduação fora do estado,

levando o filho e o namorado, com quem compartilhava a profissão. Logo Edilson protestou, alegando a distância do filho; mas Luciana, astutamente, afirmou: *“ele diz que não quer por causa do filho, mas ele não quer distância é dela, e não agüenta saber que ela vai pra longe morar com o namorado, tomara que volte de lá já casada com ele, ou nem volte, e deixe a gente em paz!”*. Mas com a habitual tranquilidade, Natasha não se importou com os protestos, nem mesmo quando Edilson ameaçou entrar na justiça para pedir a guarda do filho.

Edilson se abalou muito com a partida deles, e demonstrava grande irritação com o comportamento dela em vários momentos, a exemplo desta fala: *“E ela ainda tem a audácia de mandar um monte de fotos sorridentes, abraçada com o meu filho e com aquele cara, como se fossem uma grande família feliz!”*. E assim Edilson continuava a viver, pensando em Natasha, aturando Luciana, e se encontrando com Mírian, para tentar esquecer, de uma, de outra, de tudo o mais.

Desse modo, após destacar estes cinco relatos de vida, de Eulália, Gisele, Marcelo, Amanda e Edilson, apresentados aqui com o intuito de permitir a quem lê conhecer um pouco mais sobre estas pessoas, a discussão sobre os motivos e os fatores de permanência nos casamentos prossegue a seguir.

Capítulo 3 “*Sei que o que Tinha de Ser se Deu, Porque era Ela, Porque era Eu*”:
Motivos que Levavam às Continuidades nos Casamentos

*“Ah, se já perdemos a noção da hora
Se juntos já jogamos tudo fora
Me conta agora como hei de partir”
(HOLLANDA, 2006, p. 299).*

Aqui apresento os motivos que levavam às continuidades nos casamentos, a partir da ótica das próprias pessoas entrevistadas, ou seja, destaco os quatro motivos principais alegados pelas (os) interlocutoras (es) para justificar a permanência nos seus casamentos, que eram: o medo da solidão; as pressões exercidas pela sociedade; o status que o casamento proporcionava; e o apoio financeiro e emocional do cônjuge.

Contudo, antes de entrar nesta discussão, vou explicar de forma breve como foi o processo de percepção e de consolidação destes motivos, ao longo do trabalho de campo, processo este essencial para a compreensão dos resultados da pesquisa. Como já expliquei antes, apenas na terceira fase do campo as entrevistas foram direcionadas para os motivos de permanência nos casamentos. Antes disto, as (os) interlocutoras (es) já haviam me dado informações significativas, ao falar de seus relatos de vida, que permitiram traçar os quadros que apresento a seguir e que figuraram como pano de fundo para o delineamento destes motivos de continuidade.

Inicialmente, conforme me apropriava dos relatos de vida, buscava entender que significados o casamento tinha para o grupo pesquisado e que fatores levaram aos casamentos. Nesse ínterim pude notar que a motivação ao casamento sofria variações entre mulheres e homens, tanto por significado quanto por intensidade (ver quadro 2). Desse modo, o ‘desejo de constituir uma família’ e o ‘desejo de ter uma casa e/ou de sair da casa dos pais’ era compartilhado por mulheres e homens, mas com ressalvas: ambos os motivos eram bem mais fortemente manifestados nas mulheres; os homens consideravam a realização destes desejos por meio do casamento como uma possibilidade, mas não como a única, ao contrário das mulheres. De modo semelhante, os motivos ‘gravidez’ e ‘mudança/transferência de cidade’, embora fossem alegados como motivos para casar pelos homens, não só provinham de uma pressão externa como representavam uma perspectiva que poderia ser transitória, ao contrário da idéia de casamento perpétuo que as mulheres professavam. Já os motivos ‘idade considerada

adequada para casar e ter filhos’ e ‘tempo de namoro e/ou noivado’ só foram alegados pelas mulheres, enquanto os homens viam estes justamente como as maiores bases da perturbação exercida pelas mulheres – vou aprofundar este conceito na discussão do tópico 2 deste capítulo –, o que os incomodava sobremaneira.

Quadro 2: Motivos que levaram mulheres e homens aos casamentos.

	Mulheres	Homens
Desejo de constituir uma família	X	X
Desejo de ter uma casa e/ou de sair da casa dos pais	X	X
Gravidez	X	X
Idade considerada adequada para casar e ter filhos	X	
Mudança/ transferência de cidade	X	X
Necessidade de um cônjuge para apoio financeiro e/ou emocional*	X	
Tempo de namoro e/ou noivado	X	

*Motivo alegado apenas em relação ao segundo casamento

Ao conversar com as (os) interlocutoras (es) sobre este assunto, eu sempre fazia as mesmas duas perguntas: “*O que representava o casamento para ti naquela época?*” e “*O que te levou a casar?*”. Assim me referia ao momento em que a pessoa começou a pensar em casamento e posteriormente se casou – nos casos de Edilson e Zenaide, ambos casados pela segunda vez, as respostas variaram do primeiro ao segundo casamento. E as respostas a estas perguntas, sistematizadas no quadro 2, vão se cruzar com os demais resultados e perpassar por todo o processo da pesquisa de campo deste momento até os resultados finais.

Nos quadros 3 e 4 apresento os motivos que levavam à satisfação e à insatisfação nos casamentos, também expressos de formas muitas vezes diferenciadas nas falas de mulheres e de homens. É possível notar que, ao cruzar estes dados com os do quadro 2, o único motivo explicitamente ligado à motivação para o casamento nas mulheres era a satisfação com a capacidade do marido em ‘contribuir total ou majoritariamente com o sustento da casa e da família’ (quadro 3), em íntima ligação com a ‘necessidade de um cônjuge para apoio financeiro’ (quadro 2). Contudo, os homens se mostravam satisfeitos com os comportamentos da mulher (quadro 3) que corroboravam o ‘desejo de constituir uma família’ e o ‘desejo de ter uma casa e/ou de sair da casa dos pais’ (quadro 2); é interessante notar que foram justamente estes dois motivos os únicos a serem compartilhados por mulheres e por homens no quadro 2.

Quadro 3: Motivos que levavam à satisfação nos casamentos.

Mulheres	Homens
Capacidade do marido em contribuir total ou majoritariamente com o sustento da casa e da família*	Capacidade da esposa em gerenciar e/ou realizar os serviços domésticos, administração da casa, cuidados com o marido, filhos e demais familiares*
Comportamento adequado do marido (contribuição financeira, discrição nos casos externos ao casamento, bebedeiras, farras etc.)*	Comportamento adequado da mulher (recato, foco na vida doméstica e familiar etc.)*
Inexistência / pouca ocorrência de agressão física	Inexistência ou minimização da perturbação por parte da mulher
Inexistência / pouca ocorrência / devido encobertamento dos casos fora do casamento	Qualidade sexual com a esposa e/ou com outras mulheres

*Motivos apontados como mais relevantes que os demais.

Quadro 4: Motivos que levavam à insatisfação nos casamentos.

Mulheres	Homens
Casos externos ao casamento que fugiam à expectativa de discrição esperada nessas situações*	Casos externos ao casamento em quaisquer condições*
Fuga ao comportamento esperado do marido	Fuga ao comportamento esperado da mulher
Falta de assistência (sexual, afetiva, comunicativa etc.)	
Ocorrência de agressão física	
Percepção de que a realidade cotidiana do casamento era diferente das expectativas idealizadas	
Sobrecarga das mulheres com os afazeres domésticos, inclusos aí filhos e demais familiares (divisão sexual do trabalho)	
Sobrecarga das mulheres com a responsabilidade de manutenção do casamento (conversas, discussões, necessidade de resolver os problemas conjugais)	

*Apenas este motivo poderia levar à descontinuidade no casamento.

No quadro 4, a superioridade de motivos alegados para a insatisfação das mulheres é evidente quando comparada com os motivos alegados para a insatisfação dos homens. Contudo, também ganha destaque que nenhum, dentre esta grande quantidade de motivos a mais na ótica das mulheres, foi suficientemente forte para desencadear um

processo de descontinuidade do casamento, à exceção dos ‘casos externos ao casamento que fugiam à expectativa de discricção esperada nessas situações’. No caso dos homens em relação às suas mulheres, entretanto, ‘casos externos ao casamento em quaisquer condições’, se descobertos, podiam conduzir a uma descontinuidade (vou aprofundar a discussão sobre essas diferenças entre mulheres e homens no tópico 2 do próximo capítulo). Ganha destaque, dessa forma, que a descoberta de um caso externo ao casamento poderia ser motivo para descontinuidade tanto para mulheres como para homens; todavia, enquanto as mulheres só consideravam realmente graves casos escancarados – que ameaçassem sua condição de esposa, que fossem expostos em público, com grande indiscrição etc. – para os homens, qualquer caso da mulher, por menor importância que tivesse e por maior discricção com que ocorresse, já representaria motivo para descontinuidade.

Assim, algumas destas discrepâncias entre os resultados do quadro 2 – motivos que levaram aos casamentos – e dos quadros 3 e 4 – motivos que levavam à satisfação e à insatisfação nos casamentos – me conduziram a um novo questionamento. Já que o entendimento de casamento, na comunidade pesquisada, para mim talvez precisasse de uma atualização, passei a perguntar às (aos) interlocutoras (es): “*O que o casamento representa para ti hoje em dia?*”. Inicialmente, a maioria mostrou grande dificuldade em responder, ao mostrar expressões de hesitação e dúvida, e as primeiras frases que ouvi foram variações de “*Sei lá*”, “*Nunca tinha pensado nisso*” e “*Que importância tem isso?*”. Depois, lentamente, fluíram algumas respostas, tais como “*Acho que é ter alguém... viver com alguém... ter alguém com quem compartilhar a vida*” (Eulália), “*A forma que a sociedade encontrou para se perpetuar*” (Ronaldo), “*Companheirismo*” (Inara e Zenaide) e “*Família*” (Diana, Patrícia e Gisele). Estas e as demais respostas foram sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 5: Significados do casamento atualmente na comunidade pesquisada.

Significado	Quantidade de Interlocutoras (es)
Apoio emocional e financeiro	4
Companheirismo	4
Família	4
Perpetuação da Sociedade	1

Fica claro, portanto, que ao comparar os resultados dos quadros 2, 3, 4 e 5, surgem diversas afinidades, a exemplo do desejo comum a mulheres e a homens de construir uma família, embora também se delineiem certas diferenças, principalmente no que tange aos motivos para satisfação e insatisfação.

Só depois de me aproximar destes resultados é que comecei a abordar, no trabalho de campo, especificamente os motivos alegados pelas (os) entrevistadas (os) para justificar sua permanência nos casamentos. Como já mencionei anteriormente, a primeira reação das (os) interlocutoras (es) à pergunta “*E que motivos te fazem permanecer casada (o)?*”, foi de perplexidade, como se este questionamento nunca tivesse passado pelos seus pensamentos. E a maioria das primeiras frases se assemelhava a esta fala de Inara: “*Ah, nem sei... já faz tanto tempo, o costume parece que impede a gente de pensar*”, com exceção de Ronaldo, que logo disse:

“Eu sei os motivos. Não é muito bonito de confessar não, mas eu sei exatamente porque continuo casado. Sabes que não sou muito feliz com a minha mulher, mas, se me separar dela, vou perder metade do meu salário, vou me afastar dos meus filhos, não vai demorar nada vou casar com outra e daqui a dez anos vou estar com os mesmíssimos problemas. Então pra que ter todo o trabalho de me separar, pra depois começar outra relação e logo, logo, me ver praticamente na mesma situação?”

Assim, se desenrolou uma dinâmica relativamente longa de maturação, nas nossas conversas, de percepção e consolidação destes motivos – tanto para elas (eles) quanto para mim. Não raro em um momento de entrevista surgia um motivo bem claro, ou até mesmo eu já era recepcionada, ao pisar na soleira da porta, com a afirmação: “*Já sei, já sei, passei todos esses dias pensando no meu motivo!*”, e este mesmo motivo em encontros seguintes sofria alterações, parciais ou totais. Observei também que, à exceção de Marili, Ronaldo e Zenaide (a seguir me aprofundo nos casos deles), muitos sentiam vergonha quando identificavam suas justificativas para a continuidade, e vivenciavam um processo de encobertamento, negação ou busca por reelaboração, mais para si mesmos do que para mim. E testemunhar estes processos enriqueceu muitíssimo esta pesquisa. Mas ao longo de vários encontros, de sete a dez, com pequenas variações entre as (os) pesquisadas (os), os motivos inevitavelmente vieram à tona. E agora vamos a eles.

3.1 “E Sei Também Que Ali Sozinho Eu Vou Ficar, Tanto Pior”: o Medo da Solidão

*“O que será ser só
 Quando outro dia amanhecer
 Será recomeçar
 Será ser livre sem querer
 O que será ser moça
 E ter vergonha de viver”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 387)

O medo da solidão era o fator mais freqüentemente mencionado nas falas das (os) entrevistadas (os) para justificar a permanência no casamento. Diante da perspectiva de separação, o primeiro questionamento era: *“Mas vou me separar para quê? Para ficar sozinha? Ainda mais depois de velha?”* (Zenaide). Nesse sentido, se o receio demonstrado em relação à solidão no momento atual já era significativo, no momento futuro era mais assustador ainda, a exemplo deste comentário de Eulália:

“Quando descobri o caso dele com a outra, eu já tinha quase cinquenta anos. Claro que pensei em me separar, mas pra que? Pra ficar sozinha depois de velha? Não. Tu sabes, existe o preconceito. E o preconceito que mais dói é o das pessoas próximas. Eu não ia agüentar minha família, meus próprios filhos contra mim, não ia. E eu sei que parece até covardia, mas tenho medo de ficar velha e sozinha. Ele não é de sair, não me aparece com outra, foi só aquela vez. Não consegui mais viver com ele, ficar com ele, enfim, dormir com ele depois daquilo, mas acaba que desse jeito que ta eu não to feliz, mas também não to infeliz. Agora parece que eu me sinto feliz pela felicidade dos meus filhos, e só. Mas já basta”.

Juntamente com afirmações como essa, surgiam justificativas para permanecer no casamento e/ou para enfatizar características do cônjuge vistas como boas e valorativas nas perspectivas das interlocutoras. Qualidades que enfatizavam a condição de bom marido então vinham à baila sem cessar, não sem certa nuance compensatória: adjetivos como discreto, bom pai, generoso, prestativo etc. Além disso, também ocorriam comparações com casos de outras pessoas conhecidas e que pareciam bater o martelo em favor da permanência no casamento, como orgulhosamente me assegurou Eulália, em tom de quem encerra a questão:

“Ah, ele não admite que eu gaste nada com a casa nem com os meninos, e o meu dinheiro é só pra gastar com bolsas, sapatos, presentes, viagens, e olhe lá. Isso quando ele não me dá um cheque bem polpudo quando sabe que vou para Belém, ou pra qualquer ocasião onde eu vá gastar mais. Conheço muita gente por aí que já

aturou foi muita traição e não têm nada disso que eu tenho, desse conforto, dessa fartura. Não sei nem quanto ta o quilo da carne, porque não preciso me preocupar com isso”.

Entrementes, em intrínseca relação com a assustadora perspectiva de ficar só, transpareciam nas falas e atitudes outras idéias correlatas, como abandono, vergonha, humilhação e tristeza. As (os) interlocutoras (es), ao imaginar a perspectiva da solidão, ou ao lembrar uma fase solitária – como Diana, Edilson e Patrícia, que já vivenciaram um período de separação –, viam esta condição como depreciativa, diante de si mesmos e dos demais, como se assinassem de próprio punho uma declaração de fracasso e a pendurassem em praça pública, a ponto de gerar até mesmo uma espécie de falta de perspectiva em viver. Tive muitos exemplos disso, e aqui destaco o de Inara – *“Eu já estou com sessenta anos. O que eu vou fazer numa idade dessas sem marido?”* – e o de Patrícia, de modo mais forte ainda: *“O que é uma mulher deixada do marido? Nada. Tenho medo até de pensar em voltar a ser chamada disso”.*

Cabe acrescentar aqui que Patrícia passou um ano separada do marido, período durante o qual ela teve muitas dificuldades em enfrentar a discriminação decorrente desta condição e, por não suportar mais viver assim, no que ela considerava grande sofrimento e humilhação, aceitou reatar o casamento. Muito bonita, ela não tinha filhos, trabalhava fora de casa, mantinha uma boa relação com a família e sabia que o marido tinha amantes. Aos trinta e nove anos, além de trabalhar bastante e demonstrar vários outros interesses pessoais, vivia numa rotina de serviços domésticos – embora tivesse condições financeiras de pagar sozinha alguém para fazer esse trabalho, o marido não aceitava outra presença na casa – e não saía de casa sozinha, a não ser que fosse para trabalhar. Ela afirmava, ainda, que apesar das dificuldades, nem pensava em se separar de novo: *“Claro, tem horas em que eu tenho que respirar fundo e chego a ponto de explodir, mas sei que é melhor assim. Tu sabe, a vida de uma mulher separada é muito difícil, e sei que não tenho forças para passar por isso de novo”.*

Outra percepção de destaque era a idéia de que relacionamentos se restringem à esfera da juventude, de modo mais forte ainda para as mulheres, o que só reforçava a falta de perspectiva após uma separação. Assim, muitas mulheres consideravam sorte grande ter conseguido um casamento, quando eram jovens, e que *“já seria pedir demais conseguir outro marido”* (Marili). Quando eu ventilava a possibilidade de outro relacionamento para elas, logo ouvia algo similar a *“Eu to velha, não arrumo mais nada. Quem quer*

uma velha? Os velhos só querem saber de mulher nova. E os novos, então, esses nem se fala!” (Zenaide).

Desse modo, muitas perspectivas de vida perdiam significação na velhice, já que as potencialidades produtivas, para a maioria, se restringiam à juventude, à idade da força, e mais ainda porque o velho parece estar cada vez mais perto do fim (PAIVA, 2008; GIDDENS, 2002; GOFFMAN, 1963). Assim, *se escuta muito que aos velhos resta apenas a memória, não entendida como uma reconstrução de si e da história vivida, mas como nostalgia de tempos que não voltam e como significado de impotência* (SOUZA, 2009, p. 19).

A perspectiva de envelhecer sozinha, sem um marido ao lado, assim se mostrava tão impensável quanto temida. A chegada de uma doença, a humilhação do abandono, a saída dos demais familiares de casa, a necessidade de desabafar da vida, tudo isso e muito mais só reforçava o medo da solidão. De acordo com a fala de Inara:

“A verdade é o que vou te dizer, embora tenha muitos por aí que neguem: é melhor ter um marido que me dá lá seus problemas – e quem não dá? – do que marido nenhum. Aqui pelo menos posso reclamar com ele, e se a coisa tiver preta mesmo, até descarregar nele, é verdade ou não é? Se eu adoço, ou preciso de alguma coisa, ele tem que fazer, quem mais vai fazer? Ele pode reclamar, chiar, mas faz. E se ele não vivesse aqui, como eu ia ficar? Quem vai fazer por mim o que ele faz? Não adianta, não tem jeito, é aquilo que a minha avó dizia desde que eu era criança: marido, ruim com ele, pior sem ele!”

Portanto, de modo articulado a outros sentimentos de tom negativo – como abandono, melancolia, humilhação, desprezo – o medo da solidão, em especial na velhice, figurava nas perspectivas e nas falas das (os) entrevistadas (os) como o principal motivo de continuidade nos casamentos. Esse medo se tornava ainda mais forte quando essas sensações depreciativas sofriam as apreciações das demais pessoas, tornando a dura realidade ainda mais palpável, mais perceptível: *“O que vão pensar quando souberem que vivo assim? Vão me olhar com pena, porque é assim que olham pra mulher deixada, e aí é que vou me sentir pior mesmo”* (Gisele). E é justamente sobre estas pressões da sociedade que discuto a seguir.

3.2 “*Tem Gente já no Vão da Escada Fazendo Confusão, Que Aflição*”: as Pressões da Sociedade

*“Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades”
(HOLLANDA, 2006, p. 232)*

Aqui destaco como as pressões da sociedade influenciavam nas continuidades dos casamentos, a partir dos relatos dos (as) interlocutores (as). Tais pressões poderiam vir da família, do círculo de amigos e do próprio cônjuge, mas as (os) entrevistadas (os) apresentavam variadas formas de internalizar e reproduzir estas influências.

As sociedades humanas têm suas regras que permeiam os processos de aliança, que são professadas pelas famílias dos noivos e por outros sujeitos qualificados socialmente para exercer tal influência (AZEVEDO, 1986). Numa esfera menor, estas seriam aquelas pertencentes ao círculo social das (os) entrevistadas (os), ou seja, familiares, amigos, colegas de trabalho, de igreja etc., e numa esfera maior, os demais moradores da cidade. Por exemplo, Diana, ao descobrir um caso do marido, recebeu a visita do padre, que pediu que ela perdoasse o marido em nome da família: “*O padre veio aqui, me catequizar, falar da história do compromisso, do matrimônio*”. Desse modo:

Denominam-se regras do casamento os critérios e as normas, derivados da organização social, dos sistemas de parentesco e dos tabus de incesto, que determinam a escolha dos cônjuges e a ratificação das uniões conjugais [...] a constituição da família é mediada por certas regras ritualizadas segundo determinados padrões válidos em cada cultura [...]. Todo casamento é, assim, precedido necessariamente de ajustes e entendimentos entre os futuros cônjuges ou entre suas famílias, e ainda entre intermediários socialmente definidos (AZEVEDO, 1986, p. 4).

Além de regras, o imaginário acerca dos relacionamentos mostrava intrínseca ligação com os demais relacionamentos observados no meio social. A essa idealização também se somavam referências de romances, filmes, novelas etc. Eulália, que sempre admirou a união dos pais, mostrava que tais desdobramentos se expressavam nas expectativas dela: “*Eu esperava muito mais que isso. Acho que no fundo, eu acho, olhando pra trás agora eu vejo, acho que esperava que o meu marido fosse pra mim o que eu meu pai era com a minha mãe*” – o que indicava a reprodução de valores dos pais (TORRES,

2002; 2001). Um exemplo ainda mais tocante e representativo disto está no recorte a seguir, em que ela falava novamente do pai:

“Ele cuidava dela, mimava ela, olhava pra ela de um jeito... Até mesmo quando ela foi pro hospital, doente, ele não deixava ninguém dar banho nela não. Era ele que dava, tinha todo o cuidado pra ninguém ver ela desarrumada, sem roupa então nem se fala. Ele mesmo comprava as camisolas dela, escolhia na loja com todo o cuidado, e sempre dizia pras vendedoras que ele queria camisola azul clara, porque era a cor do vestido que ela estava usando da primeira vez que eles se viram. Então ele dava banho nela, passava alfazema e tudo, e só abria as cortinas depois que ela já estava toda pronta, penteada, cheirosa. Uma vez ele se atrasou pra chegar no hospital e as enfermeiras começaram a dar banho nela, com as cortinas abertas, de qualquer jeito, todo mundo vendo. Quando ele chegou e viu aquilo, ela ali exposta daquele jeito, só faltou ter um ataque. Disse que nunca era pra ninguém dar banho nela, que era a mulher dele, e que não era pra aparecer pra qualquer um que passasse no corredor não, quanta humilhação, ela era uma mulher fina e nenhuma dama tinha que ser exposta dessa maneira humilhante. Foi lá, fechou todas as cortinas, deu banho nela direitinho, como sempre, e depois que ela tava toda pronta ele saiu do quarto e lá fora chorou, chorou, chorou tanto, que ele nunca tinha visto a esposa dele daquele jeito e que nunca mais podia deixar ela passar de novo por aquilo”.

Já Lévi-Strauss (1976), no que tange a casamento, discute principalmente a proibição do incesto e seus decorrentes desdobramentos. Para ele, o interesse que tal proibição desperta se deve à sua consubstanciação como passagem da natureza para a cultura, por meio de uma regulação da sexualidade. Talvez essa idéia de legitimação esteja entre as bases da resistência às separações na sociedade estudada aqui, como uma noção de descontrole, a exemplo da fala de Gisele: *“Aqui ninguém respeita mulher deixada do marido”*. Assim, uma sexualidade exercida sem critério – que mostra o âmbito da natureza – passa a ser exercida com restrições – onde se insere o âmbito da cultura; esta conscientização humana representa uma distinção em relação aos demais animais. Para Beauvoir (2007, p. 184):

Essa singularidade decorre do caráter particular da sexualidade mesma: é normal que a dobradiça entre natureza e cultura se encontre no terreno da vida sexual, pois esta, extraída da biologia, coloca imediatamente outrem em jogo; o fenômeno da aliança se desenvolve nessa dualidade: pois enquanto o parentesco é dado, a natureza impõe a aliança, mas não a determina. Podemos extrair daqui a maneira pela qual o homem, assumindo sua condição natural, define sua humanidade. Pela proibição do incesto se expressam e se realizam as estruturas fundamentais sobre as quais se funda a sociedade humana como tal.

Além disso, estudos sobre iniciação sexual no Brasil indicam um duplo padrão de sexualidade (HEILBORN, 2006; PARKER, 1991). Para o homem, a sexualidade é uma obrigação social, que reforça a sua virilidade e deve ser desempenhada como uma atuação técnica e o mais freqüente e variada possível; para a mulher, está vinculada a uma identidade religiosa e ao controle da família, marcada pelo pudor desejável nas representações femininas em relação à sexualidade. Como exemplo disso, Marili afirmava:

“Não posso morar só com a minha filha, porque da noite pro dia vou virar mulher fácil. Ser deixada do marido é quase a mesma coisa que virar puta. Ninguém te respeita, todo homem acha que pode se aproveitar de ti, como vai ser a vida da minha filha? Apontada na rua como a filha da deixada? E logo, logo, vão querer fazer com ela a mesma coisa. Casa que não tem homem ninguém respeita”.

Dentre as entrevistadas, quase todas mostravam inclinações religiosas e, de algum modo, associavam casamento com religião. Tais associações se apresentavam também no círculo social e/ou familiar delas. Destaco aqui uma das falas mais representativas nesse sentido, a da mãe de Gisele:

“Ela não tem nada que largar o marido. Nem ela nem o marido têm que sair de casa, quem tem que sair dessa casa é o demônio. Ela não tem que fazer nada, tem mais é que rezar para o senhor tirar essas mulheres da vida do marido dela ... se ele ainda continua assim, é porque ela não tem fé, porque se ela rezar com fé o senhor tira isso tudo do caminho dela”.

Desse modo, se o casamento evocava uma ordem divina, sua dissolução não se coadunava com a religião e trazia algo de contrário a Deus. Estas concepções também conduziam a uma resistência à descontinuidade, quando o casamento vigorava, e a uma contrariedade em relação à pessoa separada, quando o casamento se descontinuava. Ironicamente, Diana, ao descobrir o primeiro caso do marido, estava trabalhando com ele em um curso de casais, onde tinham passado os últimos dias aconselhando sobre como manter um casamento feliz. *“Nós estávamos, inclusive, na coordenação de um curso de casais da igreja, de um encontro de casais, quando eu descobri”.*

Outro aspecto crucial para a análise das relações envolvia a ‘perturbação’ exercida pelas mulheres. Trata-se de uma pressão que – exercida pela mulher, mãe, sogra, irmãs, tias etc. – se expressava por meio de uma série de práticas desagradáveis ao homem, tais como destaque a seguir, a partir de momentos de convívio com estas mulheres. Marcelo,

ao chegar à casa da mãe após o futebol e suas correlatas farras, bebedeiras, amantes etc., ia procurar comida, ao que ela retrucava: “*Ah, ta com fome, é? Na casa das vagabundas com quem tu te mete não te dão comida não?*”, “*Igualzinho o pai, não te disse, sempre foi assim, então quando quer janta volta pra casa?*”, e assim prosseguia resmungando durante todo o tempo em que ele estivesse por perto. Edilson regularmente ouvia da irmã, sempre que falava de esporte: “*É por isso que a Natasha te largou, quem é que te agüenta? Só a Luciana mesmo, que é doida de pedra, pra aturar esse teu humor!*”. A mulher de Ronaldo, que costumava reclamar dos problemas com os filhos do casal, regularmente fazia comentários como: “*Não te disse, quantas vezes preciso te dizer, teus filhos seguem todos os exemplos ruins do pai, vivem bagunçando tudo, largando roupa por aí*”. E essas práticas se repetiam com desagradável frequência, de acordo com as falas de Edilson, Marcelo e Ronaldo:

“Mulher é assim, quanto mais tempo ta contigo, mais coloca as manguinhas de fora. No namoro ela já tentava mandar na minha vida, depois foi aquela perturbação toda pra casar – a verdade é que assim como eu, muitos amigos também casaram pra ver se conseguiam acabar com a chateação. Mas é ilusão, no casamento elas perturbam mais ainda! Quando tu pensa que é ruim, consegue piorar, impressionante” (Ronaldo).

Portanto, a perturbação começava desde o namoro e se fortalecia no período que antecedia o casamento. Tal representação também se correlacionava com a noção de ‘má intenção’, que seria a intenção da mulher em ‘prender’, ‘amarrar’ o homem, fosse num compromisso de namoro, casamento ou gravidez. Essa suposta intencionalidade da mulher se opunha fortemente à intenção do homem de *obter favores sexuais sem a contrapartida do compromisso de relação* (HEILBORN, 2006, p. 46). Assim, para a autora, a perturbação se mostra por meio do

[...] comportamento de garotas ou mulheres que querem controlar a autonomia do indivíduo, seja pela forma como ele se relaciona com seus pares, pelo tempo que não depende com elas, seja pela forma mais acabada para eles de controle, que é a proposição do vínculo (mais ou menos) perene: o casamento (p. 46).

Contudo, apesar destes relatos, nenhum interlocutor pensava em descontinuar o casamento. De forma semelhante, mas por motivos muitas vezes variados, as mulheres também não cogitavam a possibilidade de uma separação. “*Ah, tem recompensas*”, diz Edilson. “*Toda mulher tem que casar*”, diz Amanda. E é sobre isto que a discussão prossegue a seguir.

3.3 “E Agora eu Era um Louco a Perguntar o Que é Que a Vida Vai Fazer de Mim”: o Status do Casamento

*“Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz”
(HOLLANDA, 2006, p. 248)*

O casamento atribui um status e, conseqüentemente, uma descontinuidade na relação implica numa descontinuidade também deste status. Os processos que envolveram a percepção deste status e suas possíveis reconfigurações variavam entre homens e mulheres, o que alterou também os receios do período pós-separação.

O casamento figura como regulação da sexualidade, propulsor de relações sociais e componente de identidade, ao mesmo tempo, embora tais aspectos se desenvolvam numa dinâmica complexa e influenciada por fatores contextuais e individuais vários. Ao contrair matrimônio, a sexualidade se legitima, o que conduz a um grau maior de respeitabilidade social, testemunhada pela sociedade na qual o casal se insere.

A relação do homem com a mulher é também fundamentalmente uma relação com outros homens – com outras mulheres. Os enamorados nunca estão sozinhos no mundo. O evento mais íntimo para cada um, o ato sexual é também um evento público: ele coloca em questão, ao mesmo tempo, o indivíduo e a sociedade inteira; é daí que vem seu caráter dramático; aqueles que se escandalizam com o ardente interesse que lhe dão os homens hoje em dia demonstram grande ignorância: a extrema importância conferida aos tabus sexuais nos mostra que esta preocupação é velha como o mundo; e ela está longe de ser supérflua, já que, pela maneira como assume sua sexualidade, o homem define sua humanidade (BEAUVOIR, 2007, p. 188).

Por meio de tais análises é possível uma melhor compreensão do desenvolvimento das relações sociais na história humana, assim como da vida familiar; vários autores, dentre os quais destaco Torres (2002; 2001; 1996; 1987), têm um vasto trabalho neste sentido. Quando os casais têm redes de malha estreita, os parentes e amigos têm presença e importância significativas na vida de cada cônjuge (BOTT, 1982). Nos casos estudados aqui, as (os) entrevistadas (os) revelavam, em sua maioria, fazer parte de redes de malha estreita, o que aumentava a força do status, como no exemplo de Marili a seguir:

“Minha própria mãe diz que eu não posso desgraçar a família com uma separação. Que ele é bom, que ele gosta de mim. Toda a

família diz isso. Que eu não posso querer me separar de um homem que ainda gosta de mim, que me trata bem, que é bom. Mas se eu não gosto mais dele, e daí? E são eles que vivem com ele?”.

Assim, o status do casamento levava a um prestígio social. Casados (as) inspiravam confiança, segurança, legitimidade; após uma descontinuidade no casamento, isso se perdia, é como se a identidade social (GOFFMAN, 1982) perdesse sua integridade. Em concordância com isso, também para Gilbert (2010, p. 105), *o casamento tem um poder místico, intangível: é um passaporte para a idade adulta, para a respeitabilidade e, em certa medida, para a cidadania. Qualquer relacionamento ou estado civil que não seja o casado é considerado indigno.* Quanto a isso, Marcelo dizia:

“A verdade é que, querendo ou não, os pais, e o resto da família, só param de tratar os filhos como criança depois que eles casam. Percebi a diferença quando foi comigo, e vejo com outros também. Pode ter a idade que for, pode ter o dinheiro que for. Meu irmão mais velho passou uns meses separado, ficou lá na mamãe, tanto foi que ele não agüentava mais a perturbação. Acho até que voltou com a minha cunhada mais por causa disso do que por qualquer outra coisa. Era toda hora, perguntando onde ele ia, com quem, a mamãe perturbava, o pai não ficava atrás, ligando se ele demorava, se tocasse o celular dele queriam saber quem era, e olha que ele já tinha passado dos trinta faz tempo. Parece que a separação faz a gente virar um doido, leso, um incapaz. Quem agüenta isso?”.

No caso de Patrícia, que viveu um período de separação do marido após descobrir um caso dele, foi muito interessante observar a percepção do status como motivo para continuidade. Aqui trago um recorte de três momentos diferentes, que considero essencial para a percepção da complexidade desta questão. Estávamos conversando sobre todas as dificuldades que ela enfrentava nesta relação, como casos do marido, impedimentos dele quanto a ela sair sozinha e a manter alguém para realizar as tarefas domésticas, dentre outros, quando comecei a perguntar:

“- E que motivos te fazem querer continuar casada?”

- É... [momento de hesitação] Ele é meu marido né... Bom... [ela abaixa o tom de voz, como se estivesse falando mais consigo mesma do que comigo] Voltar a ser deixada... nem pensar...eu não conseguia nem andar na rua de cabeça erguida... Olha [ela retoma o tom de voz normal]... Eu gosto dele. Eu gosto muito dele, claro. Claro que gosto... [baixa o tom novamente] se não gostasse, como conseguiria aturar tudo isso... mas tem horas... [de volta ao tom normal] É... Pode repetir a pergunta?

- E que motivos te fazem querer continuar casada?

- Pois é... Eu gosto do meu marido, naturalmente... mas sei também... [ela faz uma expressão constrangida] eu sei que... tu

sabe... a vida com ele... enfim... tu entende que a vida com ele é muito difícil... eu... é... o que as outras mulheres costumam te falar quando perguntas isso?

- Sabes que eu não posso te falar, é aquilo que conversamos no primeiro dia, preciso manter o conteúdo das entrevistas sob sigilo total, tu compreendes, são coisas íntimas, muitas vezes embaraçosas...

- Sim, claro, claro que entendo...

- Mas de um modo geral, as outras também mostram certa dificuldade em responder, é um questionamento meio complexo...

- Muito, muito. [suspiro] É... bom... será que a gente podia falar disso outra hora?

- Claro que sim.

- É que... acho melhor... acho que preciso pensar um pouco, tu entende, claro que gosto muito dele... óbvio... mas são tantas coisas... é... vamo tomar um café?

[Fomos tomar o café, e a conversa prosseguiu sobre outros assuntos; depois me despedi e retornei à casa dela quinze dias depois, quando fui recepcionada logo com a suposta resposta.]

- Já sei. O motivo. [ela respirou fundo, e adquiriu com um ar de quem recita uma poesia] *Eu continuo casada porque gosto muito dele.* [pausa] [e como eu continuasse calada, talvez passasse a impressão de querer ouvir mais] *É isso.*

- Certo.

- É isso.

- E como é esse gostar dele? Me fala um pouco sobre isso.

- Hum... É, gostar... gostar... enfim, tu sabe, gosto dele ne. Gosto de viver com ele... Gosto... ele é meu marido, então claro... claro que gosto de viver com ele... quer dizer, sabes que a gente tem muitas dificuldades, claro, mas... gosto dele... gosto apesar de tudo... enfim... gostar, entende... gostar acho que é gostar da companhia ne, então gosto da companhia dele... quer dizer... tem horas... enfim, sabe como é marido em casa ne? A mulher muitas vezes prefere ele longe... bom... entende... mas tem momentos, é claro, que gosto da companhia dele, por isso digo que gosto. Mas nem sempre... isso é normal não é? Tu lembra, eu já te contei, é... já aconteceu... de eu ter tanta raiva... enfim... que quis, entende, matar ele... mas tem momentos bons, naturalmente, é isso, é isso que te digo, acho que é normal, o fato é que tem momentos em que gosto muito da companhia dele... é... ele é meu marido... [pausa]

- Como são esses momentos?

- Bom, de vez em quando... é... tem vezes... [ela parecia procurar palavras] hum... esses momentos, então... é... não sei... to tentando lembrar de um pra te contar... bom... que tal a gente ir lá atrás pra eu passar um café? To te achando meio pálida, é melhor tomar alguma coisa, vamo lá.

[E fomos tomar café, e novamente ela continuou a falar de outros assuntos. Como não insisti mais, se passaram três encontros sem que se falasse disso, embora ela parecesse meio distante e pensativa durante as conversas. Então ela foi a Belém, quase dois meses depois e me ligou para irmos almoçar. E ao final desse almoço o assunto surgiu novamente, a partir de um comentário que fiz sobre a sobremesa.]

- *Será que esse chantilly é o que eles batem na hora ou é aquele comprado pronto? Não sou muito fã dos que já vêm prontos.*

- *Bora perguntar pro garçom. Se bem que ele nem deve saber ne, só o pessoal da cozinha. Ei, queres ir na cozinha?*

- *Pois é, sei que é lei e tudo o mais, mas tenho vergonha de ir na cozinha de restaurantes. Sei lá, pode parecer que desconfio deles, de repente. Sei que posso, mas tenho vergonha.*

[Ela se calou, e pareceu embaraçada.]

- *Eu também tenho vergonha. Muita vergonha. Por isso... fiz uma coisa. Eu... eu não te contei uma coisa por vergonha. Mas não é por desconfiar de ti não. É porque... sei lá... eu nunca tinha pensado nisso, e quando comecei a pensar... tu entende... não foi só vergonha de ti, parece... que tava com vergonha de mim. Achei horrível o que pensei. Mas a verdade é que não continuo com o Naldo porque gosto dele. Muito menos porque gosto da companhia dele. Continuo... [ela começou a chorar] continuo porque tenho medo de voltar aquele tempo... era horrível, quando se é deixada do marido, ninguém respeita a gente, todo mundo tem pena, todos os homens pensam que tu virou mulher fácil, todas as mulheres pensam que tu vai querer roubar o marido delas, eu tinha vergonha até de andar na rua, até de olhar no espelho, parece que a gente se sente um lixo, é horrível”.*

Então transparecia como pode ser demorada – e dolorosa – a trajetória que conduz a uma resposta. Outras (os) interlocutoras (es), como Edilson, Eulália, Gisele, Inara, Marcelo e Diana, que afirmaram o status do casamento como motivo para continuidade, também vivenciaram um processo de aceitação parecido com o de Patrícia, mas menos prolongado. Já Marili, Ronaldo e Zenaide não demonstraram passar por essa fase, e logo afirmaram seus motivos sem maiores dificuldades, talvez justamente por compreenderem seus casamentos em termos mais práticos: *“Todo mundo sabe, o casamento não coloca só um anel no teu dedo, coloca também uma espécie de distintivo de respeito no teu peito, que parece invisível, porque não é palpável, mas não é invisível porque todo mundo vê”* (Ronaldo). É essa visão aparentemente mais realista, menos idealizada, professada por estas três pessoas, que estrutura a discussão do próximo tópico.

3.4 “Por Esse Pão pra Comer, Por Esse Chão pra Dormir”: a Falta de Apoio Externo ao Cônjuge

*“Quem com ela se encontrar
Diga lá no alto mar
Que é preciso voltar já
Pra cuidar dos nossos filhos”
(HOLLANDA, 2006, p. 138)*

Existia uma compreensão, claramente expressa nos depoimentos, de que cada membro do casal deveria apoiar um ao outro. Ainda que não houvesse divisão harmônica, permanecia a idéia de que cada um deveria cumprir seu papel para que o outro assim também o fizesse, em termos de complementaridade. Isso gerava uma relação de obrigatoriedade entre marido e esposa, cuja exigência era freqüente e quase inescapável, já que esse apoio tão necessário à vida de cada um, da forma como cada um a compreendia, não podia – ou não encontrava condições de – ser exigido na mesma medida de outras pessoas que não o cônjuge. Aqui, me detenho a quem mais expressava isto, Marili, Ronaldo e Zenaide.

Marili, auxiliar de serviços gerais, ganhava um salário mínimo por mês e usava quase a totalidade deste valor para pagar o financiamento da casa em que morava com o marido e a filha. O marido respondia por todas as demais despesas da família. Há cinco anos eles dormiam em quartos separados, pois Marili cansou das tantas brigas do casal e quis se separar; contudo, diante da necessidade de continuar pagando a parcela da casa, ela não via como ocorrer a separação, já que não teria dinheiro para as outras despesas.

“Eu não sei o que fazer. Já pensei, já bati cabeça, e nada. Não tem solução. Já cheguei ao absurdo de pensar em deixar minha filha com ele, mas o que sobra do meu dinheiro não dá pra me sustentar nem que eu fique sozinha. Não sei o que faço. Vou ter que esperar quinze anos, que é o tempo que resta do meu financiamento? Arrumar outro é trocar seis por meia dúzia, continuo na mão de um homem, e se é assim, prefiro ficar com quem já conheço, confio, e sei que pelo menos me ajuda sem me jogar nada na cara”.

De forma semelhante, Ronaldo, casado há dezessete anos e com dois filhos, afirmava abertamente que não era feliz com a mulher, muito menos apaixonado por ela, mas que a tinha como companheira e como apoio seguro para dar conta do conjunto casa, trabalho, família, filhos. Assim, ele continuava casado por não ver a possibilidade de conseguir esse apoio na figura de nenhuma outra pessoa.

“O que tu tens que entender na tua pesquisa é que essa história de casamento por amor não existe. O pessoal acha bonitinho dizer isso, mas a verdade é que não existe. Aí podes me dizer que conheces não sei quem que casou por amor, e eu acredito; casou por amor, mas continuou por amor? Claro que não. Pergunta pra esse tal que casou por amor, agora, não sei quantos anos depois, se ele continua casado por amor. Claro que não. Quase ninguém admite, mas o amor não resiste ao casamento. O casamento foi criado por conveniência, e assim permanece até hoje, tudo bem, com algumas modificações e com muitos disfarces pra esconder a realidade. Quem pensa que casamento arranjado é coisa do passado, ou de não sei qual população atrasada que mostra aí na novela, Índia ou não sei onde, não sabe o que diz. Aqui, hoje em dia, é a mesma coisa, só que sutil, devidamente disfarçada para caber em termos politicamente corretos, justamente pra todo mundo ver a tal novela e se achar superior diante do tal povo atrasado e cruel que obriga seus filhos a casar sem amor. Nada. Queres ver só? Continuamos, com poucas exceções, nos casando com quem é do nosso meio social, cujo modo de vida se coaduna com o nosso, com quem nossa família aprova, com quem julgamos que vai criar bem nossos filhos. E porque isso? Porque precisamos de alguém que se encaixe na nossa vida, que nos ajude a levar essa vida, que não é fácil, em frente. Porque se não for no casamento, quem vai nos dar esse apoio tão essencial pra viver? Nossos pais já morreram ou vão morrer antes da gente. Nossos irmãos estão ocupados com suas próprias famílias. Pra quem mais vou dizer pra sair da cama e ir buscar meu filho na festa de não sei quem às três da manhã quando no dia seguinte tenho que acordar às seis pra trabalhar? Só pra minha mulher, quem mais? Então, se tu for ver direito, não é tão diferente assim, não adianta querer bater na mesa e dizer que somos melhores, que somos diferentes, que somos mais humanos. Somos a mesma coisa. Talvez até pior, porque encontramos formas de nos enganar; pelo menos aqueles que chamamos de atrasados assumem seus princípios e ponto final”.

Zenaide era outra expressão deste ponto de vista. Viúva aos vinte e cinco anos, com pouca renda e três filhas pequenas para criar, logo encontrou outro marido para ajudá-la, já que tinha consciência que não teria condições de fazer isso sozinha e que nenhuma outra pessoa próxima a ela, fosse amiga ou familiar, a auxiliaria a contento.

“Eu tinha três meninas pra criar e precisava de dinheiro, alguém pra ficar com elas enquanto eu estava fora, alguém pra chamar a atenção e ralhar quando eu não agüentasse mais, porque só quem cria filho é que sabe o trabalho que dá. O único jeito de conseguir isso era arrumar um marido. As pessoas dizem que ajudam, mas como? Dar um dinheiro de vez em quando, tomar conta de vez em quando, dar um presente no aniversário. Mas eu precisava disso todo dia, não de vez em quando. E aí? Quem tem um filho pode até se mudar pra casa de alguém, mas não quem tem três”.

Desse modo, ficava claro como as necessidades práticas da vida cotidiana se tornaram mais difíceis de coordenar, em alguns momentos mais do que em outros, o que reforçava a importância de ter alguém com quem compartilhá-las (TORRES, 1987). E mesmo que nem sempre o apoio ocorresse com tanta diligência, permanecia a idéia de que o cônjuge era alguém, comumente o único, a quem se poderia exigir isso. Portanto, as demandas cotidianas ditaram os termos, ou pelos menos alguns termos, dos casamentos.

O casamento mudou ao longo dos séculos. No mundo antigo, era uma união tribal, um meio de legitimar herdeiros e construir dinastias familiares. No mundo medieval, o casamento era um laço econômico, um meio de transmitir a riqueza de uma geração para a seguinte. No auge do poder da Igreja Católica, o casamento era um laço religioso, um contrato indissolúvel com Deus. Durante a Revolução Industrial, com a ascensão da prosperidade em todo o mundo ocidental, o casamento finalmente adquiriu o luxo de se tornar uma união por amor, uma expressão de opção individual. Hoje o casamento é uma curiosa mistura de tudo isso. É principalmente uma união romântica e privativa, mas sujeita às leis de impostos e de herança, com algumas implicações religiosas. É como se nós continuássemos construindo nossos valores em cima desse status, empilhando novos avanços sobre o antigo modelo. Toda a engenharia original continua lá, por baixo de tudo. Quer tenhamos consciência ou não, carregamos para nossos casamentos modernos as expectativas e a memória social de milhares de anos de história. Nós modificamos e personalizamos a coisa a cada século, a cada geração, a cada dia – tanto nos tribunais quanto em nossas próprias casas. E o casamento aceita nossas modificações graciosamente. O casamento se adapta, evolui e (de uma maneira que acho milagrosa e inspiradora) continua avançando (GILBERT, 2010, p. 105).

Então, assim como várias demandas humanas ao longo do tempo influenciaram as concepções de casamento, também os motivos alegados pelas (os) interlocutoras (es) respondiam às suas necessidades. E assim como tais demandas se acumularam durante a história humana, as justificativas aqui apresentadas também se interligavam. Não estaria o medo da solidão também associado a uma necessidade de coordenar as demandas da vida? O desejo de ter uma família, uma das principais razões para o casamento, não se coadunava com a exigência de contemplar o desenvolvimento desta mesma família, justamente o que se discutiu aqui? Quando se colocava como motivo para satisfação no casamento o cumprimento de um papel de administração dos serviços domésticos ou de provedor financeiro, não se buscava contemplar essas necessidades? E é esse intuito de

aprofundar estas e outras questões referentes aos anseios concretos que levavam às continuidades nos casamentos que discorre o próximo capítulo.

Capítulo 4 “*Aquela Esperança de Tudo se Ajeitar, Pode Esquecer*”: Fatores que Levavam às Continuidades nos Casamentos

“*Já amei que nem um louco
Também sofri um bocado
Quem esteve apaixonado
Já provou de tudo um pouco
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Já mandei o meu recado
Quem quiser que mande outro
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado*”
(HOLLANDA, 2006, p. 231)

“*É por isso que se há de entender
Que o amor não é um ócio
E compreender
Que o amor não é um vício
O amor é sacrifício
O amor é sacerdócio
Amar
É iluminar a dor*”
(HOLLANDA, 2006, p. 275)

Aqui apresento e discuto os fatores que levavam às continuidades dos casamentos, a partir do meu ponto de vista, com base nas observações, entrevistas e demais vivências em campo, bem como na teoria antropológica: a idéia de indissolubilidade do casamento; a naturalização do sofrimento nas mulheres; o costume na harmonia ou na pseudo harmonia do casal; e o medo da mudança, da solidão e da perda de status. Contudo, antes de falar especificamente destes fatores, falo um pouco sobre o processo que vivenciei para chegar a eles.

Ao iniciar a pesquisa de campo, eu já desconfiava que, como mencionei no capítulo 1, a sociedade bragantina parecia exigir certos comportamentos e, portanto, provavelmente as (os) interlocutoras (es) mostrariam atitudes correlatas a tais prescrições; contudo, tentei mergulhar na investigação atenta ao que diz Malinowski (1983, p. 21): *devemos desconfiar das regras “ideais” e observar o comportamento “real” dos indivíduos*. Assim, o pouco direcionamento das entrevistas ocorreu com a intenção de que as (os) entrevistadas (os), com maior liberdade, se mostrassem e não se mostrassem – intencionalmente ou não –, o que seria e de fato foi muitíssimo enriquecedor para este estudo.

Desse modo, tentei deixar as (os) interlocutoras (es) à vontade, para contar o que quisessem, ocultar o que quisessem – ainda que não tivessem intenção – e eventualmente transparecer, de alguma forma, a ausência do que fora ocultado. Com isso, além das informações explícitas, eu teria condições para seguir pistas de algumas informações implícitas, e alcançar maior profundidade nos meandros das ações, valores e mecanismos que levavam às continuidades dos casamentos: resultado da articulação entre o que foi dito, o que não foi dito e o que levava a dizê-los e a não dizê-los.

Um não-dito pode ser compreendido como *série longa e diversificada de constatações etnográficas que não assentam sobre a comunicação discursiva entre o etnógrafo e as pessoas que este estuda* (CABRAL, 2008, p. 61). O autor coloca os não-ditos em três grupos: *aquilo que as pessoas sabiam e não precisavam dizer; o que sabiam e não queriam dizer; finalmente, tudo quanto o etnógrafo explicita sobre o mundo em que eles vivem mas que eles próprios não reconhecem nestes mesmos termos* (p. 64).

Assim, em suas vivências, as (os) entrevistadas (os) construíram quadros mentais, cheios de inter-relações e camadas de significados, que balizavam os caminhos preferenciais; muitas vezes percebi que elas (eles) tinham dificuldade em verbalizar tais quadros, mas nem por isso deixavam de agir com base neles. Os não-ditos revelavam uma grande complexidade de matizes: dificultosos, já que os fatores que incidiam em cada ação eram tantos e envolviam combinações tão complexas que poderiam muito bem ir além da consciência delas (deles) e mais ainda da minha, e enriquecedores, porque evidenciavam as fronteiras, ao destacar certas categorias e ocultar outras.

E foi justamente isso que me levou à quarta fase da pesquisa de campo: depois de analisar o material resultante das três primeiras fases – que ocorreram ao longo de um ano –, eu teria trinta dias corridos, nos quais, em convivência intensa nas casas e nas famílias das (os) entrevistadas (os), poderia aprofundar e verificar estes resultados. E assim tive oportunidade de ver que, embora os significados dos quadros mentais se interpenetrassem implicitamente, suas demonstrações práticas nem sempre eram tão sutis assim, embora a maior parte das afirmações fosse considerada como desnecessária, ou ameaçadora para os sistemas de crenças, ou até mesmo tão enraizada que se tornava pouco visível:

Assim, eu observava que existia inscrito no mundo social que nos rodeava todo um mundo de associações semânticas, narrativas e definições que, apesar de raramente serem explícitas, dirigiam surda e silenciosamente as formas como as pessoas faziam sentido do seu mundo – favorecendo caminhos, suscitando respostas, disponibilizando meios (CABRAL, 2008, p. 67).

Dessa forma pude ampliar os resultados que apresento neste capítulo, bem como alguns quadros apresentados nos capítulos anteriores, que foram reelaborados também. O quadro 6, a seguir, traz os fatores que levaram aos casamentos interligados aos quadros mentais que os moviam; na primeira coluna, estão os motivos alegados pelas (os) interlocutoras (es) para conduzi-las (os) ao casamento; na primeira linha, estão os mecanismos e valores que levavam aos casamentos, na minha interpretação, como resultado da sequência vivências/elaboração de quadros mentais/valores resultantes deste processo.

Quadro 6: Motivos que levaram aos casamentos interligados aos quadros mentais que os moviam.

	Receio do término do namoro e/ou noivado se não ocorrer casamento * **	Idéia de casamento como condição necessária à existência da pessoa adulta e/ou à felicidade e/ou à realização pessoal e familiar**	Desejo de ter vida própria e/ou liberdade de criar uma casa e uma família nos seus próprios moldes**	Idéia de casamento como resultado natural e necessário de namoro e/ou noivado* **
Desejo de constituir uma família		X	X	X
Desejo de ter uma casa e/ou de sair da casa dos pais		X	X	
Gravidez	X	X		X
Mudança/ transferência de cidade	X	X	X	X
Tempo de namoro e/ou noivado	X	X		X
Idade considerada adequada para casar e ter filhos		X	X	

* Fatores ligados tanto à idéia de “perda de tempo” caso o namoro e/ou noivado não conduzisse a um casamento, quanto à idéia de desonra atribuída à pessoa que foi “deixada”, ambas mais fortemente expressas nas mulheres.

**Fatores cuja operacionalização estava na base da “perturbação” realizada pelas mulheres, seja namorada, noiva, mãe, irmã, sogra, tia etc.

A partir destas análises, de forma interligada aos demais dados que já foram apresentados aqui e expostos nos quadros anteriores, a discussão dos capítulos 2 e 3 é retomada neste capítulo, que continua em seguida, discorrendo sobre os fatores de continuidade.

4.1 “*Tenho o Passo Marcado, o Rumo Traçado Sem Discussão*”: a Idéia de Indissolubilidade do Casamento

*“Ele faz o noivo correto
 E ela faz que quase desmaia
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a casa caia
 Ele é o empregado discreto
 Ela engoma o seu colarinho
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até explodir o ninho
 Ele tem um caso secreto
 Ela diz que não sai dos trilhos
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até casarem os filhos
 Ele às vezes cede um afeto
 Ela só se despe no escuro
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até um breve futuro
 Ela esquenta a papa do neto
 E ele quase que fez fortuna
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a morte os una”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 257-258)

Aqui busco aprofundar a idéia de indissolubilidade do casamento como fator que levava à continuidade das alianças. Tal idéia se relacionava à preservação da organização social humana, à manutenção de um padrão de normalidade e negação do pecado, e à necessidade de casar e de permanecer nesta condição para a constituição do ser humano.

A organização das sociedades humanas não só prevê o casamento como sua permanência, já que assim legitima a sexualidade e forma um ambiente harmônico e respeitável para a criação dos filhos (TORRES, 1996; 1987). Confiabilidade e respeitabilidade eram embutidas no casamento porque a sociedade as via como garantia

de vida sexual regrada, embora inúmeras fossem as evidências em contrário. O mesmo tipo de regramento também se deduzia em relação à criação dos filhos por pais casados, a quem se supunha maior estrutura, dignidade e equilíbrio, que também não se mostrava na prática com tanta concretude. Como exemplos disso: *“Qual é o político que não é casado? Pode até ter suas amantes por aí, mas sempre faz aquela capa e aparece cheio de pose com a digníssima esposa diante de todos. Quero ver o povo aqui em Bragança votar em candidato solteiro”* (Ronaldo); *“Depois que me separei, todo e qualquer problema que surgisse era culpa disso. Se os meninos iam mal no colégio, o que fosse, era sempre culpa da separação, da casa sem pai, da família desestruturada”* (Diana).

O sistema de parentesco, assim como as regras que regem o casamento, para Lévi-Strauss (1954, 1992), é um conjunto articulado que visa garantir a permanência do grupo social por meio da conjunção dos laços de afinidade e de consangüinidade. Os sistemas de parentesco prescrevem mecanismos de retirada das mulheres de suas famílias consangüíneas para realocá-las nos grupos de afinidade; esta movimentação gera novos grupos consangüíneos que permitem a continuidade da vida das sociedades.

Para Malinowski (1948), as instituições surgem em função das demandas das sociedades. Para satisfazer as necessidades do organismo, um meio utilitário que domestica tais demandas é justamente a cultura. Esta, por sua vez, regula as atividades humanas naturais, em termos de normas e regras que surgem dessa interação entre as tendências orgânicas e os arranjos do meio no qual o homem se circunscreve. Assim, as ações do indivíduo são movidas pelo intuito da própria preservação. Os fenômenos sociais surgem para atender estas demandas, sejam elas orgânicas ou psicológicas, colocando, de um lado, motivações individuais, e de outro, normas. Desse modo, a família é uma instituição que surge em função da necessidade de legitimar as relações sexuais e a conseqüente reprodução humana:

O sexo não é ... uma simples questão fisiológica; ele ... torna-se o núcleo de instituições tão veneráveis como o casamento e a família ... As instituições dos trobriandeses são feitas para permitir que a paixão brutal se purifique e se torne um amor que dure para toda a vida ... que ele se fortaleça graças aos múltiplos laços e vínculos criados pela presença dos filhos ... pelos objetivos e interesses de que se compõe a vida da família (MALINOWSKI, 1983, p. 21-22).

Assim, estruturou-se um modelo de normas públicas a serem seguidas, cuja corrosão contraria o padrão, marcado por idéias de pecado e normalidade. A resistência à

descontinuidade de um casamento também aí encontrava eco: Gisele, a exemplo de outras tantas, ao pensar em se separar do marido, afirmava: “*Minha família jamais vai admitir uma coisa dessas. Não vou mais poder ir pra igreja, as pessoas vão deixar de falar comigo*”. Evidenciava-se, então, que a religiosidade professada pela sociedade bragantina contribuía para o fortalecimento destas concepções, já que, de acordo com Parker (1991),

Desde o início do período colonial até nossos dias, um sistema de proibições religiosas relativamente formal [...] reforçou as divisões de gênero e [...] práticas sexuais, [...] questionando-as em termos não apenas de seus significados na vida cotidiana normal, mas de suas repercussões na vida eterna (p. 15).

Isso me faz recordar da tão repetida regra ‘até que a morte os separe’, que ressalta o papel do casamento como instituição reguladora e perene não só da reprodução biológica como social, tida como essencial à constituição da pessoa humana. Tal regra não se detinha apenas à repetição de práticas tradicionais antigas, mas a uma reelaboração dos significados anteriores, compondo uma tradição reformulada das bases do passado, como neste recorte de um estudo realizado em Portugal:

Para as mulheres, Kurche, Kirche, Kinder (Cozinha, Igreja, Crianças). Esta conhecida frase alemã foi, como se sabe, pronunciada por Adolf Hitler. Representa talvez o grau máximo a que foi levada a opressão social das mulheres enquanto projecto político patriarcal conduzido pelo Estado. Muitos projectos políticos totalitários não fizeram mais do que pôr na letra da lei linhas de clivagem e desigualdade pré-existentes na prática. Cozinha, Igreja e Crianças é aquilo a que as mulheres de Pardais estão, à partida, votadas: a domesticidade e a vida familiar, a garantia das tarefas que levam à reprodução física do grupo doméstico. Casar é, para as mulheres, a obtenção do estatuto adulto e de algum poder, investido na casa e projectado nos filhos (ALMEIDA, 1995, p. 221-222).

Portanto, casamento e família, na sua permanência, além de resultado do *sistema de condições que se manifestam no organismo humano, no marco cultural e na relação de ambos com o ambiente físico, e que é suficiente e necessário para a sobrevivência do grupo e do organismo* (MALINOWSKI, 1948, p.107), representam condição essencial ao existir humano, já que *a constituição de um casal é parte do projecto de vida que completa a noção de pessoa e os seus aspectos sexuados de homem e mulher* (ALMEIDA, 1995, p. 222).

4.2 “E Cada Qual no Seu Canto, em Cada Canto Uma Dor”: a Naturalização do Sofrimento nas Mulheres

“Quando a noite enfim lhe cansa
 Você vem feito criança
 Pra chorar o meu perdão
 Qual o quê
 Diz pra eu não ficar sentida
 Diz que vai mudar de vida
 Pra agradar meu coração
 E ao lhe ver assim cansado
 Maltrapilho e maltratado
 Ainda quis me aborrecer
 Qual o quê
 Logo vou esquentar seu prato
 Dou um beijo em seu retrato
 E abro os meus braços pra você”
 (HOLLANDA, 2006, p. 148)

“Olha elas sempre aflitas
 Bata o vento ou caia chuva
 Cada uma mais bonita
 E mais viúva
 Todas elas fazem ninho
 Da saudade e da virtude
 Mas carinho
 Queira Deus que Deus ajude”
 (HOLLANDA, 2006, p. 180)

A naturalização do sofrimento nas mulheres se expressava frequentemente nas entrevistadas, como se sofrer fosse inerente à condição de toda mulher, o que as fazia minimizar suas insatisfações nos casamentos e permanecer neles. Tal naturalização se evidenciava de várias formas e intensidades: a infidelidade dos homens era considerada parte de suas naturezas biológicas; a sobrecarga de trabalho doméstico, administração da casa e educação dos filhos era não só função inalienável da mulher como louvável sacrifício maternal; satisfação sexual era vista como luxo inatingível ou libertinagem pecaminosa, dentre outras.

Considerando as bases patriarcais da sociedade brasileira (ALMEIDA, 1995; GOLDENBERG, 1990, 1991, 2006; HEILBORN, 1999, 2004, 2006; PARKER, 1991; TORRES, 1987, 1996, 2001, 2002), as significações sexuais e as representações de gênero se situam dentro de um padrão de hierarquização. Nesse sentido, muitas das vivências, quadros mentais, valores e ações professadas pelas (os) entrevistadas (os)

refletiam estruturas e determinações assimétricas, tais como: para a mulher, ideologia religiosa, zelo nas tarefas domésticas, recato sexual, pouca ou nenhuma experiência afetivo-sexual até o casamento etc.; para o homem, sustento financeiro da casa, experiência sexual ampla e diversificada, dentre outras. Portanto, muitos desdobramentos dessa herança patriarcal permeavam os significados atribuídos aos homens e às mulheres da região bragantina, embora com diversas nuances.

A aceitação da infidelidade masculina se destacava. Gisele, ao se referir aos muitos casos do marido, dizia: *“Tem que agüentar, mana, fazer o quê? Homem é assim mesmo”*. Transparecia na fala de muitas delas a concepção de que *“homem nenhum não presta”* (Patrícia), numa idéia de naturalização. Entretanto, esperava-se também que ao menos houvesse certa discrição: *“Eu não vendo, ele não mudando o comportamento dele por causa disso... o homem, se quiser enganar mulher, ele tem que ser esperto, se não quiser perder”* (Amanda); *“Que ele fizesse, mas que fosse muito bem escondido, pelo menos que preservasse a família”* (Diana).

A aceitação também se estendia à insatisfação sexual. Amanda, que já há alguns anos tentava provar para si mesma que tinha valido a pena trocar a vida sexual avassaladora com Viriato pela segurança com Gerson, dizia: *“Eu me obrigo a pensar que esse sacrifício foi o melhor para o meu filho, mas é muito difícil. Só Deus sabe como eu agüento isso que o Gerson chama de sexo, porque pra mim cinco minutos duas vezes por semana não merece esse nome”*. De modo correlato, Marili contava:

“Não era ruim, também não era ruim a cama não. Mas também não era boa. Era sempre a mesma coisa, ele parecia que só se preocupava com o prazer dele, um negócio meio mecânico, sabe. E eu queria sempre mais, mas ele queria dormir, queria assistir jogo. E eu ficava sempre na vontade. Antigamente eu chorava, sabe, queria me separar, queria alguém diferente disso. Mas tem que pensar na filha, na família, enfim, em tudo”.

Além disso, Inara também reclamava da falta de companheirismo, de saídas a dois: *“Ele não me dá atenção, só quer saber de ver televisão quando ta em casa, nem lembro da última vez que saímos juntos ou ganhei um presente”*; *“Até que no tempo que a gente namorava, ele ainda aparecia com flores, um agrado de vez em quando, era mais carinhoso. Mas depois que casa, sei lá, parece que tudo acaba, e é só essa vidinha de trabalho, cerveja com os amigos, festa de família e só”* (Patrícia).

Mas logo em seguida a comentários dessa natureza vinham os argumentos contemporizadores, de modo a naturalizar os sofrimentos. *“Mas não tem jeito, a vida é assim, a mulher parece que veio ao mundo pra se sacrificar”* (Eulália); *“Homem é assim mesmo, Deus é que fez a gente assim”* (Gisele); *“O que eu posso fazer, a vida é muito cruel com as mulheres, tem que agüentar”* (Zenaide); *“Eu digo essas coisas, mas ele é um bom marido, não deixa faltar nada em casa, nunca deixou”* (Amanda); *“Apesar de tudo, sei que ele é um bom marido”* (Inara).

No caso de Inara, a idéia da insatisfação no relacionamento não se tornava tão evidente, mas a aceitação permanecia. Na fala que destaco em seguida, gostaria de ressaltar a afirmação *“ele nunca foi de aprontar muito”*, que indica que aprontar é diferente de aprontar muito, esta última ação, sim, mais difícil de tolerar:

“Ele nunca foi de aprontar muito. Gosta de sair, tudo bem, de tomar uma, mas sempre foi discreto. Eu só tive uma desconfiança, assim, mais forte, uma vez. Ele negou, negou, até o fim, negou tanto, até chorou. Eu acho que era mentira, mas já tava com ele há mais de vinte anos, ia me separar pra que? Mas também foi só. Nunca mais, antes ou depois disso, ouvi falar de nada”.

Contudo, nem sempre a aceitação ocorria plenamente e as reações se desdobravam de formas diferenciadas. Portanto a aceitação não era regra absoluta, já que *“os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de suas categorias analíticas”* (SCOTT, 2000, p. 88). Eulália não se sentia satisfeita sexualmente com o marido, mas quando soube da relação dele com outra, nem pensou em perdoar:

“Ele nunca, vamos lá, foi grande coisa na cama. E depois de uns dez anos, parece que a coisa já não queria funcionar direito, até acho que foi por isso que ele procurou outra. Não tem aquela história que se dizia antigamente, ‘vamos às putas que a vitória é certa’? Acho que foi isso. Ele precisava de um reforço no ego, parece que ele se sentia diminuído por causa daquilo. Mas eu nem quis saber, não ia passar por cima, nunca dei motivos pra isso”.

No comportamento dela ao mencionar a situação, transparecia que essa recusa em dormir com o marido ganhava um tom de retribuição, como uma forma de castigá-lo pela mágoa que causou a ela. Também Zenaide, cujo marido costumava chegar embriagado em casa com frequência, dizia que no começo do casamento, por ser muito *“ingênua, besta mesmo”*, cuidava dele sem reclamar, ainda que contrariada. Contudo, com o passar do tempo, deixou de agir assim: *“hoje, quando ele chega, nem saio do*

lugar... nem olho na cara dele... se ele quiser comida, que vá atrás, se quiser roupa, que vá atrás... e não tem essa história de vir deitar comigo fedendo à bebida não. Ele já até sabe, fica lá no sofá mesmo". Novamente, tal comportamento parecia denotar uma idéia de castigo, de revide, uma forma de punir o comportamento indesejado.

E assim as mulheres reagiam, embora limitadas pelos seus recursos. Mas eu via que isso era apenas uma fuga passageira, e logo o peso do sofrimento voltava. Elas acionavam os mecanismos acessíveis: brigas e recusas em fazer sexo, em prestar os serviços domésticos, em compartilhar o quarto e a cama. Mas não passava disso, à exceção de Patrícia que, quando o marido chegava bêbado em casa, esperava ele dormir (ou desmaiar pelo efeito do álcool) para lhe dar uns bons tapas, que já eram de costume:

“No dia seguinte ele não lembra de nada, e começa a se queixar das dores no corpo, sem saber o motivo, e eu ainda digo ‘Ta vendo, isso é que dá andar por aí bêbado, pode acontecer qualquer coisa, vai ver levou uma queda na ladeira e nem lembra, de tão porre que tava’, e o desgraçado ainda faz uma cara de culpa que quase me dá pena”.

Todas as interlocutoras afirmavam que tomavam a iniciativa para a manutenção do relacionamento, as conversas sobre a relação – que podiam se tornar discussões e brigas de intensidade variada – , e que os maridos não se interessavam, evitando-as ou tomando parte nelas contrariados: *“Sempre era eu que chegava e conversava”* (Diana). Tanto Edilson quanto Marcelo e Ronaldo diziam que estas conversas eram desnecessárias, contraproducentes e sempre acabavam mal: *“Isso não leva a nada, isso quando ela não se irrita e começa a gritar, simplesmente não adianta”* (Edilson).

Havia certo peso nessa responsabilidade, como se elas sentissem que, a exemplo do cuidado com a casa, filhos e marido, o cuidado com a relação também fosse tarefa delas. Conseqüentemente, quando a relação acabava ou chegava a um ponto crítico, a culpa também era delas, assim como quando a casa estava desarrumada, o filho apresentava desempenho ruim na escola ou o marido estava desalinhado. Eu via uma grande carga de culpa, sofrimento e cobrança sobre estas mulheres.

Cabe acrescentar que tais cobranças, largamente compartilhadas no meio social e pelos respectivos maridos, também eram feitas a si próprias. Elas sofriam por isso, mas não conseguiam deixar se cobrar, por mais que reclamassem das cobranças dos demais, por achar que possíveis falhas nos seus comportamentos não fossem permitidas às

mulheres, mães e esposas que eram. Como o caso de Gisele, que não só aturava as incontáveis amantes de Vitor, como ainda tinha culpa por não rezar com fé suficiente para remover do caminho do marido estas tentações.

4.3 “Há Muito Tempo Que Essa Minha Gente Vem Vivendo a Muque, é o Mesmo Batente, é o Mesmo Batuque”: o Costume na Harmonia ou na Pseudo Harmonia do Casal

*“Ela desatinou
Viu morrer alegrias
Rasgar fantasias
Os dias sem sol raiando
E ela inda está sambando
Quem não inveja a infeliz
Feliz no seu mundo de cetim
Assim debochando
Da dor, do pecado
Do tempo perdido
Do jogo acabado”*
(HOLLANDA, 2006, p. 170)

Aqui apresento o terceiro fator que levava às continuidades nos casamentos, o costume na harmonia ou na pseudo harmonia do casal. Tal fator se interligava a um processo de resignação que perpassava por questões como individualismo, conjugalidade e emoções, e configuravam uma assimilação do casamento como harmônico ou pseudo harmônico.

A naturalização do sofrimento nas mulheres contribuía para atitudes de resignação, como visto no tópico anterior, reforçadas pelas concepções de homem e de mulher como realidades postas e imutáveis – ao que se somavam, ainda, determinações biológicas e religiosas. Sendo assim, sofrimentos e insatisfações eram obstáculos intransponíveis. Tratava-se, então, de

[...] *uma forma de ascendência social que se reproduz na base de um processo de naturalização: a desigualdade entre homens e mulheres não é vista como um processo social mas como uma realidade ontológica. Os dominadores não têm “complexo de culpa”, as (os) dominadas (os) resignam-se* (ALMEIDA, 1995, p. 242).

Contudo, antes dessa fase, a maioria das interlocutoras viveu um período em que sofreu mais. Este, comumente nos primeiros anos dos casamentos, se marcava por maiores expectativas e exigências, nas quais a emoção se manifestava mais, expressa em discussões, choros, procura por soluções, e até agressão. *“Ah, quando eu era nova, não era assim não. Eu brigava, esperneava, não aceitava certas coisas. Eu gritava com ele quando ele chegava bebido, chorava, me desesperava, achava que assim eu ia conseguir alguma coisa. Conseguia nada”* (Zenaide). Muitos destes relatos indicavam disputas conjugais, acerca de quem estaria com a razão, de quem teria sua vontade feita, insistências nesse sentido, marcadas por significativas erupções emocionais.

Emoção, segundo a etimologia, significa “mover para fora”; é palavra derivada do latim ex, fora, para fora + mortio, movimento, ação, gesto. Mover para fora, exteriorizar. O significado em dicionários segue a etimologia, dando o sentido principal como uma movimentação ou um deslocamento, e como sentidos derivados a agitação de sentimento, abalo moral, acrescentando o sentido atribuído pela psicologia, qual seja o de reação orgânica intensa de duração variável (BERNARDO; RESENDE, 2005, p. 234).

O fluxo emocional constitui, a cada instante, o cenário básico para nossas ações. A cultura patriarcal européia, da qual somos tributários, se caracteriza por ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição e a luta. Privilegia hierarquias, autoridade identificada ao poder, procriação, apropriação dos recursos com justificativa racional do controle e da dominação dos outros através da apropriação da verdade (p. 253).

Nestes momentos, as (os) entrevistadas (os) vivenciavam conflitos internos entre a realidade que enfrentavam e as expectativas criadas. Muitas vezes a insatisfação e as discussões se manifestavam de forma violenta, pelo desespero diante da impotência: *“Quantas vezes eu pensei que ia enlouquecer de tanto brigar, ora com um, ora com outro. Eu não tinha sossego. Acho até que entrei em depressão”* (Amanda); *“Pode parecer loucura, mas pensei em me matar. Ou eu me matava ou matava a Luciana. Acho que o que me salvou foi pensar nos meus filhos”* (Edilson). Para Wieviorka (2007),

A modernidade é indissociável do individualismo, que não constitui de modo algum tema novo. [...] O individualismo apresenta duas dimensões complementares. De um lado, exige participação na vida moderna, acesso ao consumo, ao emprego, à educação, à saúde, ao dinheiro, sobretudo como condição que permite esse acesso. De outro, constitui exigência em relação ao

indivíduo, tensão pessoal para que se construa a si mesmo, efetue escolhas, aja de maneira autônoma, troque e se comunique. [...] Contrariada, ou proibida, a subjetividade dá espaço ao sentimento agudo de ser desprezado, desqualificado, e esse sentimento pode se associar a comportamentos extremos (p. 101).

Embora casados, os sujeitos continuam a ser uma individualidade, com características próprias, muitas vezes conflitantes. Então caminham juntas a conjugalidade do par e a individualidade de cada membro, formando uma associação repleta de nuances, discrepâncias, completudes.

Entretanto, seja pela insustentabilidade de tantos conflitos, pelo extremo das situações ou insucesso dos desgastes, paulatinamente estes sentimentos e emoções foram abrandados pela aceitação e resignação diante da realidade compreendida como imutável. *“Não tem jeito, eu ia passar mais quantos anos dando murro em ponta de faca? Ele é assim, não vai mudar. Cansei de me estressar, de me descabelar, pra nada”* (Eulália); *“Eu desisti. Pode parecer covardia, mas não tenho vergonha de dizer que cansei de lutar. Porque lutar era dormir chorando, viver que nem uma neurótica, e pra ele continuar na mesma safadeza de sempre. Não tem jeito, deixei pra lá”* (Diana).

E continuavam os pensamentos contemporizadores, direcionados para qualidades ressaltadas do cônjuge, como contribuição financeira e discrição, compondo a condição de harmonia para o casal. *“Foi melhor assim. Tenho que engolir certas coisas, mas pelo menos acabou aquela vida de brigas, minha filha vive numa casa que tem paz. Não adiantava nada mesmo”* (Marili); *“Ainda sofro, mas cansei de discutir, de ir atrás dele na casa das outras, no bar com vagabunda no colo. Homem é assim mesmo”* (Gisele).

Contudo, apesar da naturalização do sofrimento e da resignação aqui discutida, a suposta harmonia do casal era traída pelas demonstrações de insatisfação e infelicidade, nada raras e que continuavam a indicar que o sofrimento permanecia ali: a pseudo harmonia do casal. *“Eu detesto fim de semana. Não há nada pior pra mim. Só de pensar que vou passar dois dias inteiros em casa com ele, eu não agüento. Tudo o que eu quero é que chegue segunda-feira”* (Eulália).

4.4 “Dono do Abandono e da Tristeza, Comunico Oficialmente que Há Lugar na Minha Mesa”: o Medo da Mudança, da Solidão e da Perda de Status

*“Ter corpo pra dançar
 E não ter onde me esconder
 Tentar cobrir meus olhos
 Pra minh’alma ninguém ver
 Eu toda a minha vida
 Soube só lhe pertencer”*
 (HOLLANDA, 2006, p. 387)

Aqui apresento o último fator para continuidade dos casamentos, o medo da mudança, da solidão e da perda de status. Estes receios envolvem interação social e sua influência nos comportamentos, articulando resistência e ideologia. A seguir teço uma relação entre interação social, estigma e conflitos como cenário para esse fator de permanência.

Uma sociedade é composta por pessoas que, além de manter relacionamentos com as outras, também exercem e/ou sofrem influências destes mesmos relacionamentos. Rede envolve *um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos* (BARNES, 1987, p. 167). As redes sociais das (os) interlocutoras (es) eram significativas para a continuidade dos casamentos, como já dito antes: Patrícia dizia, em relação à separação: *“Foi a pior fase da minha vida. Quem não me olhava com desconfiança olhava com pena... eu andava de cabeça baixa na rua... não posso voltar a isso, sei que vale a pena aturar o Naldo, assim recuperei a minha dignidade”*.

Ademais, tradicionalismo e modernidade, circunscritos em distintas configurações, se mostravam de forma diferenciada na comunidade pesquisada. As camadas mais privilegiadas tendem a professar uma ideologia mais moderna, devido ao caráter holístico das suas experiências, diferentemente das camadas populares onde a tendência é encontrar *redes de sociabilidade mais densas, acoplando relações de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio – em suma, um ambiente de maior controle social e potencialmente de maior resistência à mudança* (HEILBORN, 1999, p. 42). Contudo, as (os) interlocutoras (es) de todas as camadas, populares, médias e altas, se circunscreviam em redes sociais coercitivas.

Becker (1986, 1963) tem na concepção de ação coletiva uma idéia crucial na compreensão de desvio e acusações, já que a interação entre indivíduos leva à análise da

construção e do desempenho das ações coletivas, assim como Goffman (1963). Ambos vêem as interações, a partir da compreensão de regras, negociações, desacertos, reformulações:

“Claro que nunca esqueci o Viriato. Foi a única relação que vivi, realmente, a única pessoa com quem me senti viva, senti de verdade. Mas como eu poderia viver isso tudo com ele se o preço era viver apartada do mundo, ter vergonha de olhar pras pessoas, até mesmo pra minha própria família, ser apontada na rua... um horror... ser ridicularizada, como... como eu ia viver assim? Parece uma criminosa, uma fugida, ou nunca mais eu ia dar as caras em Bragança? E o meu filho, coitado, que não tem culpa de nada, sofrer desse jeito também...? Olha o que aconteceu com a minha mãe, foi embora e nunca mais voltou” (Amanda).

“Não posso mentir pra ti, eu sei, é uma vida horrível. Já menti pra mim por muito tempo, sei que não adianta, agora não minto mais. Detesto viver com ele, essa vida de dependência, parece que to atada pra sempre a ele, é triste. Mas te confesso que prefiro isso à insegurança de ficar por aí, sozinha, talvez encontrar outro, que não sei quem é, não sei como é. Ele, apesar de tudo, eu conheço, me respeita, não me dá mais problemas do que eu já tenho. É melhor assim” (Marili).

O estigma é apreendido como classificação dos indivíduos pela égide positiva ou negativa. Goffman (1963) diferencia identidade social virtual, caracterização imposta pela sociedade, da identidade social real, características que efetivamente fazem parte das pessoas e que se escondem atrás do estigma. Um exemplo disto está na fala de Diana: *“É impressionante como as pessoas saem falando sem conhecer a situação, sem me conhecer, sem saber o que se passa dentro da minha casa... e falam como se soubessem de tudo e tivessem absoluta certeza de tudo!”*.

No caso de Edilson, a aproximação com Luciana ocorreu por ele se sentir muito só e infeliz; por achar que melhoraria num novo relacionamento; para mostrar para si e para outros que era capaz de se reerguer, por ter ficado com sua auto-estima machucada; e para tentar fazer ciúmes na ex-mulher. *“Claro que eu tinha que casar de novo, ou ela achava que eu ia ficar arrastando corrente por ela o resto da vida?”; “Quando levei a Luciana pra uma festa do escritório, todo mundo ficou de queixo caído, eles pensavam o que, que eu nunca ia me reerguer? Levaram na cara, e a Natasha também”*.

Para Evans-Pritchard (1965), as revoluções sociais e tecnológicas trouxeram mudanças em relação às atitudes, mas também geraram desacertos funcionais na sociedade. Para

Bott (1976), alterações nos comportamentos podem tirar grupos sociais do eixo. *“Nunca imaginei que ia acontecer, nunca tinha visto isso. Quando ela virou pra mim, do nada, e disse que queria se separar, meu mundo caiu. Nunca, na minha família nenhuma mulher tinha vindo com uma dessas, nem soube o que pensar”* (Edilson). Portanto,

[...] estes avanços implicaram em um preço a ser pago [...] que é o da incerteza de status e papéis na família e no casamento, levando a desajustes psicológicos. [...] a relação entre os sexos pode, então, se modificar pelas mudanças sociais mas não pode ser alterada radicalmente por essas mudanças (GOLDENBERG, 1991, p. 41-42).

O desvio não é inerente às atitudes e sim às reações que a sociedade apresenta a partir delas. O meio tece desdobramentos para as atitudes, e é justamente nessas interpretações, percepções e julgamentos que se caracteriza ou não o desvio ao que é esperado. Contudo, os quadros mentais se atrelam a representações de padrões antigos reelaborados na subjetividade, com poucas mudanças significativas, quando as atitudes da atualidade já podem se coadunar com mudanças mais representativas. Portanto,

[...] as mudanças sociais são rápidas e “visíveis”, não sendo acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais, que incorporam ideais modernos sem eliminar os arcaicos que permanecem “invisíveis” dentro dos sujeitos. Esse descompasso entre aspectos “visíveis” e “invisíveis” leva à coexistência de mapas, ideais e normas contraditórias que muitas vezes é insuportável. A convivência do ideal arcaico, que permanece ativo e poderoso num plano mais inconsciente, com um ideal moderno, no plano mais consciente, gera o desmapeamento (GOLDENBERG, 1991, p. 95).

Este desmapeamento se aproximaria da falta de perspectiva diante da separação: *“Se me separo, o que vou fazer? Como vai ser a minha vida? A verdade é que tenho medo”* (Eulália). *“Nunca tive força... assim como a minha mãe, pra viver a vida sozinha e dane-se o resto. Ela é feliz. Mas eu não tive coragem, é preciso muita coragem pra isso”* (Amanda). Também para os sujeitos da pesquisa de Goldenberg (1991), ficar sozinho é um constante receio que conduz ao casamento.

Este medo apareceu nos discursos dos entrevistados, justificando, muitas vezes, o fato de não conseguirem viver sozinhos. Os entrevistados tendem a casar-se logo em seguida a uma separação, quando esta ocorre. Mesmo quando não casam, demonstram o desejo de casar-se (p. 37).

E assim o medo da mudança, da solidão e da perda de status se concretizava como fator de continuidade nos casamentos. Muitas (os) entrevistadas (os) alegavam falta de coragem, demonstravam insegurança, mas será que a força e a coragem para manter as vidas aqui relatadas eram assim tão pouco representativas como elas (eles) pensavam?

Então, após a análise destes quatro fatores que levavam à continuidade dos casamentos, pude tecer uma reelaboração dos significados atribuídos aos casamentos na comunidade pesquisada, a partir dos relatos de vida, dos depoimentos e de todo o trabalho de campo e sua base teórica (ver quadro 7).

Quadro 7: Reelaboração dos significados do casamento na comunidade pesquisada.

Significado Indicado pelas (os) Interlocutoras (es)	Interlocutoras (es)	Reelaboração dos Significados Alegados Associada aos Fatores de Permanência
Apoio emocional e financeiro	Amanda	A idéia de indissolubilidade do casamento a fazia temer as pressões familiares e sociais, ainda mais fortemente devido à posição social desprivilegiada da mãe dela; Amanda preferia permanecer à sombra do “bom casamento” com Gerson. A naturalização do sofrimento nas mulheres a fez ‘renunciar’ aos seus desejos, de forma mais forte ainda por causa do filho, caracterizando um ‘sacrifício maternal’, no qual tentava se consolar. O costume na pseudo harmonia com Gerson somada à insegurança da vida instável com Viriato, marcada por brigas e rupturas, contribuiu para a permanência, assim como o medo da mudança, da solidão e da perda de status.
Apoio emocional e financeiro	Marili	A idéia de indissolubilidade do casamento a fazia temer as pressões familiares e sociais; a naturalização do sofrimento nas mulheres a fazia ‘renunciar’ à vontade de se separar, pelo seu próprio bem e pelo da filha. O costume na pseudo harmonia com o marido era preferível a uma tentativa incerta com outra pessoa, reforçada pela dependência financeira e pelo medo da mudança, da solidão e da perda de status.
Apoio emocional e financeiro Perpetuação da Sociedade	Ronaldo	A idéia de indissolubilidade do casamento para ele estava ligada à logística de manutenção da vida e em grau menor às pressões familiares e sociais. O costume na pseudo harmonia com a mulher era preferível a uma tentativa incerta com outra pessoa, reforçada pelo medo da mudança, da

		solidão e da perda de status.
Apoio emocional e financeiro Companheirismo	Zenaide	A naturalização do sofrimento nas mulheres a fazia tolerar as bebedeiras do marido. O costume na pseudo harmonia com o marido seria preferível a uma tentativa incerta com outra pessoa, mas ela nem considerava essa possibilidade por estar velha e também pelo medo da mudança, da solidão e da perda de status.
Companheirismo	Edilson	O costume na pseudo harmonia o fazia permanecer com Luciana e com Mírian, apesar dos problemas com Luciana e dos seus sentimentos por Natasha. O medo da mudança, da solidão e da perda de status só reforçava essa permanência, ainda agravada pelos sentimentos dele pela ex-mulher, cujos decorrentes ressentimentos ele acreditava encobrir ou reforçar sua auto-estima pela permanência com Luciana e com Mírian.
	Eulália	A naturalização do sofrimento nas mulheres a fez permanecer com Reginaldo, apesar da decepção e da insatisfação sexual e afetiva. Além disso, a idéia de indissolubilidade do casamento a fazia temer as pressões familiares e sociais, e ela se sentia mais segura no costume na pseudo harmonia com o marido e contemplada pelo aporte financeiro que ele lhe proporcionava. O medo da mudança, da solidão e da perda de status também contribuía para a permanência.
	Inara	Ela demonstrava menos insatisfação que as demais, o que indicava um costume na harmonia do casal. Suas reclamações eram em relação à assistência afetivo-sexual, romantismo e companheirismo, mas ela as tolerava em vista da naturalização do sofrimento nas mulheres, da idéia de indissolubilidade do casamento e do medo da mudança, da solidão e da perda de status.
Família	Diana	A naturalização do sofrimento nas mulheres a fez continuar casada depois de descobrir pela primeira vez um caso do marido, o que indicava a idéia de indissolubilidade do casamento e o costume na pseudo harmonia. Contudo, após descobrir pela segunda vez um caso do marido, apesar da decepção ter sido maior do que da primeira vez, ela o expulsou de casa, já que o referido caso tinha extrapolado os padrões suportáveis, já que tinha se escancarado e provocado assim o desrespeito a ela e a família.
	Gisele	A naturalização do sofrimento nas mulheres e a idéia de indissolubilidade do casamento a fazia

		temer as pressões familiares e sociais, em especial em relação à fé que ela professava. Ela permanecia casada mesmo após incontáveis casos do marido e que continuavam a ocorrer, devido ao medo da mudança, da solidão e da perda de status.
Família	Marcelo	A idéia de indissolubilidade do casamento o fazia temer as pressões familiares e sociais, mas ele se considerava muito feliz com Tânia, o que configurava um costume na harmonia. As amantes regulares eram vistas por ele como intangíveis ao casamento. Ele também mostrava o medo da mudança, da solidão e da perda de status.
	Patrícia	A naturalização do sofrimento nas mulheres e a idéia de indissolubilidade do casamento a fazia temer as pressões familiares e sociais e continuar com Naldo, apesar das crises, traições, insatisfações e sofrimentos. Ela aturava tudo isso devido a um período que ela via como profundamente infeliz e vergonhoso, no qual eles passaram um ano separados, por medo da mudança, da solidão e da perda de status.

E assim os fatores de permanência se interligavam uns aos outros, de formas diferenciadas que variavam de acordo com as construções sociais de cada um e seu meio de convivência, mas com muito em comum. Em relação a isto (ou não), finalmente, preciso colocar uma questão que não elucidei, não só por não se coadunar com os objetivos desta pesquisa como pela sua complexidade: durante todo o trabalho de campo, a palavra ‘amor’ só foi mencionada uma vez e de modo um tanto acidental, o que me pareceu bastante relevante, considerando que o tema deste estudo é casamento.

Na quarta e última fase do campo, estava eu com Eulália e sua família num igarapé nos arredores de Bragança, quando uma das netas dela, de quatro anos, disse que ia participar como noiva do casamento na roça encenado na sua escola; muitos comentários e brincadeiras emergiram a partir daí, mencionando coisas como se a menina já estivesse se preparando para o casamento, como se a encenação na escola fosse uma espécie de ensaio. Então ela respondeu que só se casaria se fosse por amor, ao que Eulália respondeu sonoramente: *“Tomara, minha filha, mas não se iluda, porque amor é um luxo que poucas mulheres podem ter, no casamento menos ainda”*; se seguiram murmúrios de concordância por entre os presentes, uma ou outra expressão de

constrangimento; e então alguém (in) sensato falou algo para mudar de assunto. Fora nesta ocasião, não ouvi a palavra ‘amor’ em tempo algum durante a pesquisa.

Considerações Finais

*“Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde”
(HOLLANDA, 2006, p. 282)*

Esta dissertação teve por objetivo compreender os valores, mecanismos e ações que permeavam as continuidades nos casamentos no município de Bragança, no nordeste do estado do Pará. Diante da complexidade de questões que interferiam nas alianças e do entrelaçamento das vidas dos membros do casal – tanto no plano financeiro, quanto social, emocional, familiar etc. –, quais seriam realmente os fatores determinantes para estas continuidades?

Para tanto, este trabalho envolveu pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica iniciou-se no ano de 2010 e perdurou até o final do estudo, em abril de 2012, auxiliada por algumas disciplinas do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia da Universidade Federal do Pará. A pesquisa de campo começou em abril de 2011 e foi até março de 2012, inicialmente com interlocutores (as) contatados (as) por pessoas conhecidas, e posteriormente com outros (as) que tomaram conhecimento e se interessaram em participar das entrevistas e observações. O trabalho em campo englobou quatro fases: a primeira, na qual eu falava a respeito dos objetivos da dissertação e esclarecia as dúvidas que surgissem; a segunda, onde as entrevistas eram direcionadas para os relatos de vidas das (os) entrevistadas (os); a terceira envolvia o questionamento acerca dos motivos de permanência nos casamentos; a quarta e última fase compreendeu um mês de convivência intensa com as (os) interlocutoras (es) e suas respectivas famílias, em momentos de lazer, nos quais pude confirmar os resultados obtidos até então.

O primeiro capítulo divide-se em quatro partes: a primeira, onde conto minha história de vida e minhas percepções da cidade de Bragança ao longo do tempo; a segunda, na qual falo sobre a cidade e algumas de suas dinâmicas; a terceira, onde discuto sobre a dualidade da minha presença em campo, devido ao seu caráter tanto de estranhamento

quanto de familiaridade; e a última, na qual explico as singularidades de estudar casamentos na condição de divorciada.

Tive uma infância como filha de pais separados que percebia esta condição com relativa normalidade, o que já me levava a perceber algumas reações de estranhamento a isso; comecei a questionar desde essa época termos como ‘deixada do marido’, processos de culpabilidade nas relações que pareciam recair mais fortemente sobre as mulheres etc. Paralelamente a isso, já no começo da adolescência passei a visitar frequentemente Bragança, onde meu pai morava, e a observar na cidade vários comportamentos semelhantes aos que via desde criança, só que aparentemente pintados com cores mais fortes. Também durante o meu casamento e posterior processo de divórcio percebi outros questionamentos correlatos, como cobrança acerca da divisão sexual do trabalho doméstico, padrões de comportamento exigidos pela sociedade e justificativas consideradas coerentes para uma separação. Assim me interessei tanto pelo tema casamento quanto pela sociedade bragantina como objeto de estudo deste tema.

Em Bragança e arredores existem vários espaços de sociabilidade, que também são palco da forte religiosidade local e da atenção dedicada à observação dos pormenores ocorridos. Locais como praças, praia, igarapés, orla, mirante etc., atraem grande fluxo de pessoas e elas parecem se interessar e conhecer as vidas das demais, de modo a poder fornecer informações, caso sejam requisitadas e não sem anexar uma apreciação pessoal.

Na cidade percebo que sou vista como familiar, por um lado, e como estranha, por outro. Familiar por ter grande convivência com a cidade, bem como com pessoas amigas e conhecidas da minha família, residente há mais de vinte anos no município. Estranha por morar em Belém e por ter características físicas e comportamentais diferenciadas. E ambos os aspectos tanto contribuíram quanto dificultaram minhas vivências em campo.

Também por ser divorciada a pesquisa envolvia uma dualidade: meu maior potencial para compreensão das subjetividades das (os) entrevistadas (os) e para suscitar reações adversas por onde passava, já que também era vista como “*deixada do marido*”, expressão pejorativa na linguagem local. Por facilitar, em certos momentos, identificações das (os) pesquisadas (os) comigo, tive algumas facilidades para galgar a

confiança das pessoas, que se sentiam mais acolhidas por quem já vivera alguns dramas parecidos com os seus. Mas também observei muitos comportamentos negativos em relação à minha condição pouco valorizada de divorciada.

O segundo capítulo apresenta relatos de vida das (os) interlocutoras (es) e também compreende quatro partes: a história de Eulália, do grupo da primeira geração de mulheres; de Gisele, da segunda geração de mulheres; de Marcelo, da segunda geração de homens; e das diferenciações, Amanda e Edilson. Precisei agrupar as pessoas por afinidades, tanto para evitar repetições de histórias semelhantes quanto pelo espaço limitado para apresentá-las.

Eulália tinha 62 anos e teve vivências que a conduziram ao casamento cheia de idealizações que pouco resvalaram na realidade; com isso e com a inexperiência afetivo-sexual, o casamento com Reginaldo se mostrou muito frustrante, tanto do ponto de vista afetivo quanto sexual. Ela tentou se enganar e esperar por uma solução por muitos anos, até que o marido começou a ter dificuldades de ereção e se envolveu com outra mulher. Quando ela descobriu, quis se separar, mas não conseguiu enfrentar as barreiras que logo surgiram; assim passou a dormir em quarto separado de Reginaldo e desde então vivia assim, alegando que vivenciava a felicidade por meio dos filhos e dos netos.

Gisele tinha 25 anos e teve uma criação autoritária de forte base religiosa. Quando estava grávida do marido, começou a descobrir amantes na vida dele. Depois de muito aturar, o expulsou de casa; mas em seguida o filho do casal ficou doente, o que todos acharam que era castigo divino por ela estar vivendo em pecado longe do marido. Por temer pela saúde do filho, ela reatou o casamento e desde então continuava na mesma vida de descobrir casos dele. O meio social de Gisele afirmava que a culpa não era de ninguém senão do demônio, que colocava as tentações na forma de mulheres diante de Vitor; ela não devia fazer nada senão rezar, o que deveria surtir efeito assim que Gisele empreendesse essa ação com fé suficiente.

Marcelo, aos 28 anos, era casado com Tânia e tinha dois filhos. Ele se considerava muito feliz com a mulher, o que não o impedia de manter amantes com frequência. Ele afirmava que estas outras mulheres não tinham nada a ver com o seu casamento e que apreendeu a lidar com Tânia, a exemplo do pai e dos demais homens da sua família,

agradando-a com presentes, dinheiro, liberdade na gestão doméstica e dos filhos, viagens a dois, carros etc.

Amanda viu o sofrimento da mãe com as inúmeras amantes do pai, com a discriminação depois de separada e com sua partida para tentar melhorar de vida em outro país; foi criada depois disso pela avó e foi conduzida a um casamento agradável aos olhos da família, mas não aos seus. Teve um caso avassalador com outro homem, pensou em fugir com ele; mas teve medo, por si e pelo filho. Depois de certo tempo com o amante e com o marido, não agüentando mais as brigas e cobranças com os dois, após descobrir um breve caso do marido tomou para si a responsabilidade por isto, e resolveu largar o amante e ficar com o marido, se dedicando a ele, a casa e ao filho.

Edilson foi feliz no primeiro casamento e ficou destruído quando Natasha resolveu se separar dele. Logo se envolveu com Luciana, cujo temperamento forte foi acrescido da percepção de que ele não esquecera a primeira mulher, o que gerou uma série de conflitos. Edilson então passou a se refugiar na figura de uma amante, Mírian, e desde então vivia esse quadrilátero amoroso: não esquecia Natasha, não tinha coragem de se separar de Luciana e se distraía disso tudo com Mírian.

Após levantar com as (os) entrevistadas (os) vários aspectos relevantes para a compreensão de seus casamentos – tais como motivos que as (os) levaram ao casamento, o significado que o casamento tinha para elas (eles), motivos de satisfação e insatisfação – finalmente tentei deslindar os motivos alegados para justificar a permanência nos casamentos. Estes eram: o medo da solidão, as pressões da sociedade, o status do casamento e a falta de apoio externo ao cônjuge.

O medo da solidão era o motivo mais mencionado para explicar as continuidades nos casamentos e envolvia outros sentimentos correlatos de conotação negativa, em especial quando se tratava da fase da velhice. Nesse sentido, havia uma aproximação também com sensações como abandono, desprezo, vergonha, humilhação. O medo se tornava maior na velhice, ou na perspectiva desta, já que tal período parecia coincidir com uma falta de propósitos, uma vez que a juventude é que era vista como época de força e produtividade.

As pressões da sociedade para as continuidades dos casamentos envolviam tanto as pressões das redes sociais de cada uma (um) como as noções de legitimação da

sexualidade e construção de um ambiente respeitável e equilibrado para a criação dos filhos. Assim, o meio de convívio englobava determinantes simbólicas próprias para induzir à permanência, tanto com base na religião, que compreendia o casamento como regulador da sexualidade, de modo a evitar o comportamento pecaminoso, quanto com base numa suposta estrutura familiar bem organizada e respeitável sustentada pelo casamento.

O status do casamento decorria da sua inerente condição de respeitabilidade, admiração e impressão de segurança, já que era a negação da dúvida e da insegurança que podia se ocultar por uma sexualidade ilegítima, por um comportamento que não foi domesticado pela cultura e, portanto, poderia se deter ainda nas malhas da natureza, desregrada e animalizada.

O apoio que um membro do casal tinha no outro era considerado essencial para prosseguir com a rotina difícil do dia-a-dia, que envolvia trabalho, cuidado com casa e filhos, dentre outras demandas significativas para cada um. Tal apoio não poderia ser encontrado em outra pessoa que não o próprio cônjuge, o que fortalecia a continuidade nos casamentos.

Em seguida procurei deslindar estes quatro motivos alegados pelas (os) entrevistadas (os), em articulação com o que ouvi, observei e vivenciei em campo, e com a teoria antropológica, de modo a compor quatro fatores que levavam às continuidades: a idéia de indissolubilidade do casamento, a naturalização do sofrimento nas mulheres, o costume na harmonia ou na pseudo harmonia do casal, e o medo da mudança, da solidão e da perda de status.

A idéia de indissolubilidade do casamento se vinculava a uma concepção de que, uma vez que a aliança se efetivasse, ela deveria permanecer até o fim da vida de um dos membros do casal, a praticamente qualquer custo – à exceção de situações extremas, como traições escancaradas e agressões físicas. Diante desta perpetuação vitalícia do casamento como realidade imutável, as insatisfações rotineiras se tornavam menores, de modo que as interlocutoras se sentiam obrigadas a conviver com isso.

De modo correlato, a naturalização do sofrimento nas mulheres também envolvia uma condição imutável de percepção da mulher como sofredora, consubstanciada em aspectos como a aceitação da infidelidade como parte da natureza dos homens e a

sobrecarga das mulheres com afazeres domésticos, administração da casa e cuidados com filhos como louvável sacrifício maternal. Tal naturalização contribuía para que as interlocutoras minimizassem seus sofrimentos e insatisfações nos casamentos, e conseqüentemente permanecessem neles.

Desse modo, fosse como resultado de um processo de naturalização do sofrimento ou de desistência, ocorria uma dinâmica de resignação, que as (os) conduzia a uma compreensão da realidade como harmônica. Mesmo em casos extremos, a idéia de que a realidade era imutável indicava a mesma coisa, configurando a pseudo harmonia do casal. Em ambos os casos havia uma procura por afirmação de qualidades no cônjuge, de valoração, a fim de enfatizar as boas razões de permanência.

O medo da mudança, da solidão e da perda de status envolvia as inseguranças de ficar só, de se envolver com alguém que trouxesse mais problemas do que já se tinha naquele momento, e de ainda arcar com os custos sociais de perder sua posição de respeitabilidade ancorada no casamento. Esse conjunto de receios aumentava sensivelmente o medo de perder a suposta segurança dos casamentos, cuja situação, boa ou má, já se conhecia; o medo se fortalecia ainda mais nos casos de pessoas que já tinham vivenciado um período de separação, como Patrícia e Edilson.

Assim, tanto os motivos alegados pelas (os) entrevistadas (os) quanto os indicados por mim se relacionavam, de formas complexas e com variações entre as (os) interlocutoras (es), mas sempre reforçando as continuidades nos casamentos, embora o desejo pela melhora também se perpetuasse, configurando “aquela esperança de tudo se ajeitar”.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2. ed. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ÁLVARES, M. L. M. Mulheres, trabalho, família: olhar, olhares. **Margens** (UFPA), v. 1, p. 11-22, 2008.

_____. Rompendo Bloqueios: modelos de submissão feminina e práticas (in) submissas no Pará, nas décadas de 1910-1920. In: C. L. Duarte. (Org.). **Anais do III Encontro da Rede Regional Norte-Nordeste de Núcleos de Estudo e Pesquisa sobre Mulher e Relações Sociais de Gênero - REDOR**. Natal-RN: Gráfica UFRN-CCHLA, 1995, p. 159-172.

AMARAL-GONÇALVES, Telma. **Falando de amor**: discursos sobre o amor e práticas amorosas na atualidade. Tese de doutorado em Antropologia. Belém: UFPA, 2011.

AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

BEAUVOIR, Simone de. As estruturas elementares do parentesco, de Claude Lévi-Strauss. Tradução. **Revista Campos**. N. 8. Ano 1. p. 183-189. 2007.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elizabeth. **The normal chaos of love**. Cambridge: Polity Press, 1995.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: studies in the sociology of deviance. Nova Iorque: The Free Press, 1963.

_____. Resenha de Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social, e de Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social. In: Velho, Gilberto (Org.). **Contemporary Sociology**. Número 15, Volume 3. 1986.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, Nº. 1 (3). Janeiro-julho/2005. p. 68-80. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em: 13.03.11.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Édition Du Seuil, 1998.

CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. **Mana**. 14 (1): 61-86, 2008.

CANCELA, Cristina Donza. Destino cor-de-rosa, tensão e escolhas: os significados do casamento em uma capital amazônica (Belém, 1870-1920). **Cadernos Pagu**. n. 30. Campinas, jan./jun. de 2008.

CARDOSO, Denise Machado; GOMES, Ezequiel Mateus Macedo. Meninas da BR-316: prostituição e poder em Belém do Pará. **Anais do II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais**. 2003.

D'INCAO, Maria Ângela. A casa, a família e modos de vida. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 34, p. 65-83, 1992.

_____. Modernização das relações sociais, o futuro da amazônia e os direitos humanos. **Em Tempo**, Faculdade de Direito Fundação, v. V, n. 1, p. 55-64, 1999.

_____. (Org.). **Mulher e modernidade na Amazônia**. 1. ed. Belém: CEJUP, 1997. v. 1.

DURHAM, Eunice R. Família e reprodução humana. In: DURHAM et. al. **Perspectivas antropológicas da mulher 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 13-44.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. Apêndice IV: algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Trad. Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005 [1978]. p. 243-255.

_____. **The position of women in primitive societies and other essays in social anthropology**. London: Faber and Faber, 1965.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2002.

GILBERT, Elizabeth. Liz e o casamento. Entrevista concedida a Ann Patchett. **Revista Marie Claire**. n. 235. São Paulo, outubro de 2010. p. 102-105.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1963.

GOLDENBERG, Mirian. **A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

_____. **Infel: notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Ser homem ser mulher dentro e fora do casamento**. Estudos Antropológicos. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

GOODE, William J. The theoretical importance of love. **American Sociological Review**. Vol. 24, n. 1., february, 1959. p. 38-47.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999. p. 40-59.

_____. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 43-59, janeiro-abril/2006.

_____. (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do Registro Civil**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em: 17 de dezembro de 2010.

LE GOFF, Jaques; TRUONG, Nicolas. **História de um esquecimento: uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Social structure. In: KROEBER, A. L. **Anthropology Today**. Chicago: University of Chicago Press, 1954. p. 524-553.

_____. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. Como se faz um etnógrafo. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 49-58.

_____. **The view from afar**. Translated by Joachim Neugroschel and Phoebe Hoss. University of Chicago Press ed., 1992.

LUHMANN, Niklas. **Love as passion: the codification of intimacy**. Cambridge: Polity Press, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens**. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Editora, 1976.

_____. **Una teoria científica de la cultura**. Editorial Sudamericana: Buenos Aires, 1948.

MONTEIRO, Maria Neusa et al (Org.). **Ensaio de filosofia e educação: cultura, formação e cidadania**. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2008.

O ESTADÃO. **Retrato do Divórcio no Brasil**. Quinta-feira, 04 de dezembro de 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/retrato-do-divorcio-no-brasil,39545.htm>>. Acesso em 07 de janeiro de 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia** (USP). Vol. 39, nº. 1. p. 13-37. São Paulo, 1996.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. **Melancolia e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade masculina**. In: VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – REDEFEM. Belo Horizonte, 2008.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

RAGO, Margaret. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODRIGUES, Dário Benedito. **Bragança: síntese histórica**. 2011a. Disponível em: <http://www.braganca.pa.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=497:braganca--sintese-historica&catid=7:historia&Itemid=43>. Acesso em: 18.jan.11.

_____. **Vida, história e amor por Bragança: uma contribuição**. 2011b. Disponível em: <http://www.braganca.pa.gov.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=25:h1&catid=7:historia&Itemid=43>. Acesso em: 18.jan.11.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SCOTT, Joan W. **Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista**. In: Debate Feminista – Cidadania e Feminismo. Número especial em português. 2000.

SIMONIAN, Lígia T. C. **Mulheres da Amazônia Brasileira: entre o trabalho e a cultura**. Belém: UFPA/NAEA, 2001. 270 p.

SOUZA, Nathalia Sobral de. **Representações do envelhecimento feminino nas obras de Clarice Lispector**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará. 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/30252885/AS-REPRESENTACOES-DO-ENVELHECIMENTO-FEMININO-NAS-OBRAS-DE-CLARISSE-LISPECTOR>>. Acesso em: 13.mar.2012.

TELLES, Norma. Emoções. In: BERNARDO, Teresinha; RESENDE, Paulo-Edgar Almeida (Orgs.). **Ciências sociais na atualidade: movimentos**. São Paulo: Paulus, 2005.

TORRES, Anália Cardoso. Amores e desamores – para uma análise sociológica das relações afectivas. In: TORRES, Anália Cardoso. **Sociologia: problemas e práticas**. Celta Editora: Oeiras, 1987.

_____. **Casamento em Portugal**: uma análise sociológica. Celta Editora: Oeiras, 2002.

_____. **Divórcio em Portugal**: ditos e interditos. Celta Editora: Oeiras, 1996.

_____. **Sociologia do casamento**: a família e a questão feminina. Celta Editora: Oeiras, 2001.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo**: uma introdução. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Apêndice

Letras das Músicas Utilizadas

A Banda

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor
Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou
E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor... (HOLLANDA, 2006, p. 147)

Abandono

O que será ser só
 Quando outro dia amanhecer
 Será recomeçar
 Será ser livre sem querer
 O que será ser moça
 E ter vergonha de viver
 Ter corpo pra dançar
 E não ter onde me esconder
 Tentar cobrir meus olhos
 Pra minh'alma ninguém ver
 Eu toda a minha vida
 Soube só lhe pertencer
 O que será ser sua sem você
 Como será ser nua em noite de luar
 Ser aluada, louca
 Até você voltar
 Pra quê
 O que será ser só
 Quando outro dia amanhecer
 Será recomeçar
 Será ser livre sem querer
 Quem vai secar meu pranto
 Eu gosto tanto de você (p. 387)

Acorda Amor

Acorda amor
 Eu tive um pesadelo agora
 Sonhei que tinha gente lá fora
 Batendo no portão, que aflição
 Era a dura, numa muito escura viatura
 Minha nossa santa criatura
 Chame, chame, chame lá
 Chame, chame o ladrão, chame o ladrão
 Acorda amor
 Não é mais pesadelo nada
 Tem gente já no vão da escada
 Fazendo confusão, que aflição
 São os homens
 E eu aqui parado de pijama
 Eu não gosto de passar vexame
 Chame, chame, chame
 Chame o ladrão, chame o ladrão
 Se eu demorar uns meses
 Convém, às vezes, você sofrer
 Mas depois de um ano eu não vindo
 Ponha a roupa de domingo
 E pode me esquecer

Acorda amor
 Que o bicho é brabo e não sossega
 Se você corre o bicho pega
 Se fica não sei não
 Atenção
 Não demora
 Dia desses chega a sua hora
 Não discuta à toa não reclame
 Clame, chame lá, chame, chame
 Chame o ladrão, chame o ladrão, chame o ladrão
 (Não esqueça a escova, o sabonete e o violão) (p. 215)

Ana de Amsterdam

Sou Ana do dique e das docas
 Da compra, da venda, das trocas de pernas
 Dos braços, das bocas, do lixo, dos bichos, das fichas
 Sou Ana das loucas
 Até amanhã
 Sou Ana
 Da cama, da cana, fulana, sacana
 Sou Ana de Amsterdam
 Eu cruzei um oceano
 Na esperança de casar
 Fiz mil bocas pra Solano
 Fui beijada por Gaspar
 Sou Ana de cabo a tenente
 Sou Ana de toda patente, das Índias
 Sou Ana do oriente, ocidente, acidente, gelada
 Sou Ana, obrigada
 Até amanhã, sou Ana
 Do cabo, do raso, do rabo, dos ratos
 Sou Ana de Amsterdam
 Arrisquei muita braçada
 Na esperança de outro mar
 Hoje sou carta marcada
 Hoje sou jogo de azar
 Sou Ana de vinte minutos
 Sou Ana da brasa dos brutos na coxa
 Que apaga charutos
 Sou Ana dos dentes rangendo
 E dos olhos enxutos
 Até amanhã, sou Ana
 Das marcas, das macas, das vacas, das pratas
 Sou Ana de Amsterdam (p. 202)

Ano Novo

O rei chegou
 E já mandou tocar os sinos
 Na cidade inteira

É pra cantar os hinos
Hastear bandeiras
E eu que sou menino
Muito obediente
Estava indiferente
Logo me comovo
Pra ficar contente
Porque é Ano Novo
Há muito tempo
Que essa minha gente
Vai vivendo a muque
É o mesmo batente
É o mesmo batuque
Já ficou descrente
É sempre o mesmo truque
E que já viu de pé
O mesmo velho ovo
Hoje fica contente
Porque é Ano Novo
A minha nega me pediu um vestido
Novo e colorido
Pra comemorar
Eu disse:
Finja que não está descalça
Dance alguma valsa
Quero ser seu par
E ao meu amigo que não vê mais graça
Todo ano que passa
Só lhe faz chorar
Eu disse:
Homem, tenha seu orgulho
Não faça barulho
O rei não vai gostar
E quem for cego veja de repente
Todo o azul da vida
Quem estiver doente
Saia na corrida
Quem tiver presente
Traga o mais vistoso
Quem tiver juízo
Fique bem ditoso
Quem tiver sorriso
Fique lá na frente
Pois vendo valente
E tão leal seu povo
O rei fica contente
Porque é Ano Novo (p. 155)

Benvinda

Dono do abandono e da tristeza
 Comunico oficialmente que há um lugar na minha mesa
 Pode ser que você venha por mero favor, ou venha coberta de amor
 Seja lá como for, venha sorrindo
 Ah, benvinda, benvinda, benvinda
 Que o luar está chamando, que os jardins estão florindo
 Que eu estou sozinho
 Cheio de anseio e de esperança, comunico a toda gente
 Que há lugar na minha dança
 Pode ser que você venha morar por aqui, ou venha pra se despedir
 Não faz mal pode vir até mentindo
 Ah, benvinda, benvinda, benvinda
 Que o meu pinho está chorando, que o meu samba está pedindo
 Que eu estou sozinho
 Vem iluminar meu quarto escuro, vem entrando com o ar puro
 Todo novo da manhã
 Oh vem a minha estrela madrugada, vem a minha namorada
 Vem amada, vem urgente, vem irmã
 Benvinda, benvinda, benvinda
 Que essa aurora está custando, que a cidade está dormindo
 Que eu estou sozinho
 Certo de estar perto da alegria, comunico finalmente
 Que há lugar na poesia
 Pode ser que você tenha um carinho para dar, ou venha pra se consolar
 Mesmo assim pode entrar que é tempo ainda
 Ah, benvinda, benvinda, benvinda
 Ah, que bom que você veio, e você chegou tão linda
 Eu não cantei em vão
 Benvinda, benvinda, benvinda, benvinda, benvinda (p. 166)

Cara a Cara

Tenho um peito de lata
 E um nó de gravata
 No coração
 Tenho uma vida sensata
 Sem emoção
 Tenho uma pressa danada
 Não paro pra nada
 Não presto atenção
 Nos versos desta canção
 Inútil
 Tira a pedra do caminho
 Serve mais um vinho
 Bota vento no moinho
 Bota pra correr
 Bota força nessa coisa
 Que se a coisa pára
 A gente fica cara a cara

Cara a cara cara a cara
 Bota lenha na fonalha
 Põe fogo na palha
 Bota fogo na batalha
 Bota pra ferver
 Bota força nessa coisa
 Que se a coisa pára
 A gente fica cara a cara
 Cara a cara cara a cara
 Tenho um metro quadrado
 Um olho vidrado
 E a televisão
 Tenho um sorriso comprado
 A prestação
 Tenho uma pressa danada
 Não paro pra nada
 Não presto atenção
 Nas cordas desse violão
 Inútil
 Tira a pedra do caminho
 Tenho o passo marcado
 O rumo traçado sem discussão
 Tenho um encontro marcado
 Com a solidão
 Tenho uma pressa danada
 Não moro do lado
 Não me chamo João
 Não gosto nem digo que não
 É inútil
 Tira a pedra do caminho
 Vou correndo, vou-me embora
 Faço um bota-fora
 Pega um lenço agita e chora
 Cumpre o seu dever
 Bota força nessa coisa
 Que se a coisa pára
 A gente fica cara a cara
 Cara a cara cara a cara
 Com o que não quer ver (p. 413)

Desembolada

Lindalva: Eu sou uma grande menina
 Sou uma mulher e tanto
 Eu não vou cair em pranto
 Por coisa tão pequenina
 Beto: Disfarça no dedilhado
 Que esse verso tão maroto
 Lindalva: Olha só a cara do roto
 Falando do esfarrapado

Beto: Pra quem quer tirar um côco
Você começou errado
É o estrangeiro engasgado
Com a pamonha do caboclo
É o destro atrapalhado
Com a viola do canhoto
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Os dois: Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Lindalva: Pode ser que noutro porto
Você seja cortejado
Mas aqui no meu reinado
Você é um peixe morto
Vai arrebanhar seu gado
Se organize meu garoto
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Os dois: Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Beto: Você tá falando torto
Porque anda despeitado
Tá com uma inveja danada
De me ver nesse conforto
Passe bem, muito obrigado
Que eu já tenho outro broto
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Os dois: Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Lindalva: Você está ficando moco
Presunçoso e perturbado
Eu lhe conto o meu ditado
Se quiser fique com o troco
Pras ladeiras do meu lado
Eu escolho o meu piloto
Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Os dois: Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Beto: Você fala mas seu rosto
Tá ditando outro ditado
Vê se chega pro outro lado
Se não quer ter um desgosto
Se ocê não tomar cuidado
Vai ter um filho de Bôto
Lindalva: Olha só a cara do roto
Falando do esfarrapado
Os dois: Olha só a cara do roto

Falando do esfarrapado
 Beto: Já amei que nem um louco
 Também sofri um bocado
 Lindalva: Quem esteve apaixonado
 Já provou de tudo um pouco
 Os dois: Olha só a cara do roto
 Falando do esfarrapado
 Beto: Já mandei o meu recado
 Quem quiser que mande outro
 Os dois: Olha só a cara do roto
 Falando do esfarrapado (p. 231)

Deus lhe Pague

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
 A certidão pra nascer, e a concessão pra sorrir
 Por me deixar respirar, por me deixar existir
 Deus lhe pague
 Pelo prazer de chorar e pelo "estamos aí"
 Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
 Um crime pra comentar e um samba pra distrair
 Deus lhe pague
 Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
 O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
 Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
 Deus lhe pague
 Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
 Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
 Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
 Deus lhe pague
 Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
 Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
 E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
 Deus lhe pague
 Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
 E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
 Deus lhe pague (p. 193)

Ela Desatinou

Ela desatinou, viu chegar quarta-feira
 Acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando
 E ela inda está sambando
 Ela desatinou, viu morrer alegrias, rasgar fantasias
 Os dias sem sol raiando e ela inda está sambando
 Ela não vê que toda gente, já está sofrendo normalmente
 Toda a cidade anda esquecida, da falsa vida, da avenida
 Onde ela desatinou, viu morrer alegrias, rasgar fantasias
 Os dias sem sol raiando e ela inda está sambando
 Quem não inveja a infeliz, feliz

No seu mundo de cetim, assim,
Debochando da dor, do pecado
Do tempo perdido, do jogo acabado (p. 170)

Essa Passou

Foi ela que me convidou
Fui eu que não soube chegar
Foi ela que me maltratou
Fui eu que não soube chorar
Andei sete léguas de amor
Chorei sete litros de mar
Mas ela não se saciou
Mas ela não soube esperar
Foi ela que me condenou
Sou eu que vou lhe perdoar
Foi ela que tanto pecou
Sou eu que vou me confessar
Foi ela que se ajoelhou
Sou eu que vou ter que rezar
Foi ela que me arruinou
Sou eu que vou ter que pagar
Foi ela que me incendiou
É fogo na roupa contar
É mais uma história de amor
Que outro me tome o lugar
Não está mais aqui quem chorou
Um outro que venha chorar
É mais uma história vulgar
Mas se ela bater faz entrar
É mais uma história de amor
Mas se ela chamar diz que eu vou
Correr sete léguas de amor
Beber sete litros de mar
Pra ela dizer que acabou
Pra ela dizer que acabou
Pra ela dizer que não está
Pra ela dizer que não está (p. 194)

Estação Derradeira

Rio de ladeiras
Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação
À sua maneira
Com ladrão
Lavadeiras, honra, tradição
Fronteiras, munição pesada
São Sebastião crivado
Nublai minha visão

Na noite da grande
 Fogueira desvairada
 Quero ver a Mangueira
 Derradeira estação
 Quero ouvir sua batucada, ai, ai
 Rio do lado sem beira
 Cidadãos
 Inteiramente loucos
 Com carradas de razão
 À sua maneira
 De calção
 Com bandeiras sem explicação
 Carreiras de paixão danada
 São Sebastião crivado
 Nublai minha visão
 Na noite da grande
 Fogueira desvairada
 Quero ver a Mangueira
 Derradeira estação
 Quero ouvir sua batucada, ai ai (p. 433)

Eu te Amo

Ah, se já perdemos a noção da hora
 Se juntos já jogamos tudo fora
 Me conta agora como hei de partir
 Ah, se ao te conhecer
 Dei pra sonhar, fiz tantos desvarios
 Rompi com o mundo, queimei meus navios
 Me diz pra onde é que inda posso ir
 Se nós nas travessuras das noites eternas
 Já confundimos tanto as nossas pernas
 Diz com que pernas eu devo seguir
 Se entornaste a nossa sorte pelo chão
 Se na bagunça do teu coração
 Meu sangue errou de veia e se perdeu
 Como, se na desordem do armário embutido
 Meu paletó enlaça o teu vestido
 E o meu sapato inda pisa no teu
 Como, se nos amamos feito dois pagãos
 Teus seios ainda estão nas minhas mãos
 Me explica com que cara eu vou sair
 Não, acho que estás te fazendo de tonta
 Te dei meus olhos pra tomares conta
 Agora conta como hei de partir (p. 299)

João e Maria

Agora eu era o herói
 E o meu cavalo só falava inglês
 A noiva do cowboy

Era você além das outras três
 Eu enfrentava os batalhões
 Os alemães e seus canhões
 Guardava o meu bodoque
 E ensaiava o rock para as matinês
 Agora eu era o rei
 Era o bedel e era também juiz
 E pela minha lei
 A gente era obrigado a ser feliz
 E você era a princesa que eu fiz coroar
 E era tão linda de se admirar
 Que andava nua pelo meu país
 Não, não fuja não
 Finja que agora eu era o seu brinquedo
 Eu era o seu pião
 O seu bicho preferido
 Vem, me dê a mão
 A gente agora já não tinha medo
 No tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido
 Agora era fatal
 Que o faz-de-conta terminasse assim
 Pra lá deste quintal
 Era uma noite que não tem mais fim
 Pois você sumiu no mundo sem me avisar
 E agora eu era um louco a perguntar
 O que é que a vida vai fazer de mim? (p. 248)

Madalena foi pro mar

Madalena foi pro mar
 E eu fiquei a ver navios
 Quem com ela se encontrar
 Diga lá no alto mar
 Que é preciso voltar já
 Pra cuidar dos nossos filhos
 Pra zombar dos olhos meus
 No alto mar a vela acena
 Tanto jeito tem de adeus
 Tanto adeus de madalena
 É preciso não chorar
 Maldizer, não vale a pena
 Jesus manda perdoar
 A mulher que é madalena
 Madalena foi pro mar
 E eu fiquei a ver navios (p. 138)

Meu Caro Amigo

Meu caro amigo me perdoe, por favor
 Se eu não lhe faço uma visita
 Mas como agora apareceu um portador

Mando notícias nessa fita
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando que, também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita careta pra engolir a transação
E a gente tá engolindo cada sapo no caminho
E a gente vai se amando que, também, sem um carinho
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo o pessoal
Adeus (p. 232)

Mil Perdões

Te perdôo
 Por fazeres mil perguntas
 Que em vidas que andam juntas
 Ninguém faz
 Te perdôo
 Por pedires perdão
 Por me amares demais
 Te perdôo
 Te perdôo por ligares
 Pra todos os lugares
 De onde eu vim
 Te perdôo
 Por ergueres a mão
 Por bateres em mim
 Te perdôo
 Quando anseio pelo instante de sair
 E rodar exuberante
 E me perder de ti
 Te perdôo
 Por querereres me ver
 Aprendendo a mentir (te mentir, te mentir)
 Te perdôo
 Por contares minhas horas
 Nas minhas demoras por aí
 Te perdôo
 Te perdôo porque choras
 Quando eu choro de rir
 Te perdôo
 Por te trair (p. 344)

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Vivem pros seus maridos
 Orgulho e raça de Atenas
 Quando amadas, se perfumam
 Se banham com leite, se arrumam
 Suas melenas
 Quando fustigadas não choram
 Se ajoelham, pedem imploram
 Mais duras penas; cadenas
 Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Sofrem pros seus maridos
 Poder e força de Atenas
 Quando eles embarcam soldados
 Elas tecem longos bordados
 Mil quarentenas

E quando eles voltam, sedentos
 Querem arrancar, violentos
 Carícias plenas, obscenas
 Mirem-se no exemplo
 daquelas mulheres de Atenas
 Despem-se pros maridos
 Bravos guerreiros de Atenas
 Quando eles se entopem de vinho
 Costumam buscar um carinho
 De outras falenas
 Mas no fim da noite, aos pedaços
 Quase sempre voltam pros braços
 De suas pequenas, Helenas
 Mirem-se no exemplo
 daquelas mulheres de Atenas:
 Geram pros seus maridos,
 Os novos filhos de Atenas.
 Elas não têm gosto ou vontade,
 Nem defeito, nem qualidade;
 Têm medo apenas.
 Não tem sonhos, só tem presságios.
 O seu homem, mares, naufrágios...
 Lindas sirenas, morenas.
 Mirem-se no exemplo
 daquelas mulheres de Atenas
 Temem por seus maridos
 Heróis e amantes de Atenas
 As jovens viúvas marcadas
 E as gestantes abandonadas
 Não fazem cenas
 Vestem-se de negro, se encolhem
 Se conformam e se recolhem
 Às suas novenas
 Serenas
 Mirem-se no exemplo
 daquelas mulheres de Atenas
 Secam por seus maridos
 Orgulho e raça de Atenas (p. 233)

Nicanor

Onde andaré Nicanor?
 Tinha mãos de jardineiro
 Quando tratava de amor
 Há tanta moça na espera
 Suas gentis primaveras
 Um desperdício de flor
 Onde andaré Nicanor?
 Tinha amor pro porto inteiro
 Um peito de remador

Ah, quem me dera as morenas
 Pra consolar suas penas
 Para abrandar seu calor
 Olha elas sempre aflitas
 Bata o vento ou caia chuva
 Cada uma mais bonita
 E mais viúva
 Todas elas fazem ninho
 Da saudade e da virtude
 Mas carinho
 Queira Deus que Deus ajude
 Onde andar^á Nicanor?
 Tinha nó de marinheiro
 Quando amarrava um amor
 Mas há recantos guardados
 Nos sete mares rasgados
 Sete pecados tão bons
 Onde andar^á Nicanor? (p. 180)

O Casamento dos Pequenos Burgueses

Ele faz o noivo correto
 E ela faz que quase desmaia
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até que a casa caia
 Até que a casa caia
 Ele é o empregado discreto
 Ela engoma o seu colarinho
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até explodir o ninho
 Até explodir o ninho
 Ele faz o macho irrequieto
 E ela faz crianças de monte
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até secar a fonte
 Até secar a fonte
 Ele é o funcionário completo
 E ela aprende a fazer suspiros
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até trocarem tiros
 Até trocarem tiros
 Ele tem um caso secreto
 Ela diz que não sai dos trilhos
 Vão viver sob o mesmo teto
 Até casarem os filhos
 Até casarem os filhos
 Ele fala de cianureto
 E ela sonha com formicida
 Vão viver sob o mesmo teto

Até que alguém decida
Até que alguém decida
Ele tem um velho projeto
Ela tem um monte de estrias
Vão viver sob o mesmo teto
Até o fim dos dias
Até o fim dos dias
Ele às vezes cede um afeto
Ela só se despe no escuro
Vão viver sob o mesmo teto
Até um breve futuro
Até um breve futuro
Ela esquenta a papa do neto
E ele quase que fez fortuna
Vão viver sob o mesmo teto
Até que a morte os una
Até que a morte os una (p. 257-258)

Outra noite

Outra noite
Outro sono
Como se eu sonhasse o sonho
De outro dono
Outro fumo, uma outra cinza
Outra manhã
Mordo a fruta
Outro é o sumo
Ando pela mesma casa
Com outro prumo
Outra sombra, outono
Chuva temporã
Será que já não vi
De modo impessoal
E em tempo diferente
Um dia estranhamente igual
Dias iguais
- Avareza de Deus
Passando indiferentes
Por estranhos olhos meus
Outros olhos
No teu rosto
Vou falar teu nome
E já teu nome é outro
Outra bruma
Sombra de outro sonho, alguém
Na manhã de junho
Outono, outubro, além (p. 402)

Porque era ela, porque era eu

Eu não sabia explicar nós dois
 Ela mais eu
 Porque eu e ela
 Não conhecia poemas
 Nem muitas palavras belas
 Mas ela foi me levando pela mão
 Íamos todos os dois
 Assim ao léu
 Ríamos, chorávamos sem razão
 Hoje lembrando-me dela
 Me vendo nos olhos dela
 Sei que o que tinha de ser se deu
 Porque era ela
 Porque era eu (p. 437)

Quando o carnaval chegar

Quem me vê sempre parado,
 Distante garante que eu não sei sambar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 Eu tô só vendo, sabendo,
 Sentindo, escutando e não posso falar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 Eu vejo as pernas de louça
 Da moça que passa e não posso pegar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 Há quanto tempo desejo seu beijo
 Molhado de maracujá...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 E quem me ofende, humilhando, pisando,
 Pensando que eu vou aturar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 E quem me vê apanhando da vida,
 Duvida que eu vá revidar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 Eu vejo a barra do dia surgindo,
 Pedindo pra gente cantar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar
 Eu tenho tanta alegria, adiada,
 Abafada, quem dera gritar...
 Tô me guardando pra quando o carnaval chegar... (p. 200)

Quem te Viu, Quem te Vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala
 Você era a favorita onde eu era mestre-sala
 Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua
 Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua
 Hoje o samba saiu, lá lalaiá, procurando você
 Quem te viu, quem te vê

Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
 Quem jamais esquece não pode reconhecer
 Quando o samba começava você era a mais brilhante
 E se a gente se cansava, você só seguia adiante
 Hoje a gente anda distante do calor do seu gingado
 Você só dá chá dançante onde eu não sou convidado
 O meu samba assim marcava na cadência os seus passos
 O meu sonho se embalava no carinho dos seus braços
 Hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão
 Pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão
 Todo ano eu lhe fazia uma cabrocha de alta classe
 De dourado eu lhe vestia pra que o povo admirasse
 Eu não sei bem com certeza porque foi que um belo dia
 Quem brincava de princesa acostumou na fantasia
 Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria
 Quero que você assista na mais fina companhia
 Se você sentir saudade, por favor não dê na vista
 Bate palmas com vontade, faz de conta que é turista (p. 151)

Renata Maria

Ela era ela era ela no centro da tela daquela manhã
 Tudo o que não era ela se desvaneceu
 Cristo, montanhas, florestas, acácias, ipês
 Pranchas coladas na crista das ondas, as ondas suspensas no ar
 Pássaros cristalizados no branco do céu
 E eu, atolado na areia, perdia meus pés
 Músicas imaginei
 Mas o assombro gelou
 Na minha boca as palavras que eu ia falar
 Nem uma brisa soprou
 Enquanto Renata Maria saía do mar
 Dia após dia na praia com olhos vazados de já não a ver
 Quietos como um pescador a juntar seus anzóis
 Ou como algum salva-vidas no banco dos réus
 Noite na praia deserta, deserta, deserta daquela mulher
 Praia repleta de rastros em mil direções
 Penso que todos os passos perdidos são meus
 Eu já sabia, meu Deus
 Tão fulgurante visão
 Não se produz duas vezes no mesmo lugar
 Mas que danado fui eu
 Enquanto Renata Maria saía do mar (p. 432)

Retrato em Branco e Preto

Já conheço os passos dessa estrada
 Sei que não vai dar em nada
 Seus segredos sei de cor
 Já conheço as pedras do caminho
 E sei também que ali sozinho

Eu vou ficar, tanto pior
 O que é que eu posso contra o encanto
 Desse amor que eu nego tanto
 Evito tanto
 E que no entanto
 Volta sempre a enfeitiçar
 Com seus mesmos tristes velhos fatos
 Que num álbum de retrato
 Eu teimo em colecionar
 Lá vou eu de novo como um tolo
 Procurar o desconsolo
 Que cansei de conhecer
 Novos dias tristes, noites claras
 Versos, cartas, minha cara
 Ainda volto a lhe escrever
 Pra dizer que isso é pecado
 Eu trago o peito tão marcado
 De lembranças do passado
 E você sabe a razão
 Vou colecionar mais um soneto
 Outro retrato em branco e preto
 A maltratar meu coração (p. 171)

Soneto

Por que me descobriste no abandono
 Com que tortura me arrancaste um beijo
 Por que me incendiaste de desejo
 Quando eu estava bem, morta de sono
 Com que mentira abriste meu segredo
 De que romance antigo me roubaste
 Com que raio de luz me iluminaste
 Quando eu estava bem, morta de medo
 Por que não me deixaste adormecida
 E me indicaste o mar, com que navio
 E me deixaste só, com que saída
 Por que desceste ao meu porão sombrio
 Com que direito me ensinaste a vida
 Quando eu estava bem, morta de frio (p. 201)

Tanto Amar

Amo tanto e de tanto amar
 Acho que ela é bonita
 Tem um olho sempre a boiar
 E outro que agita
 Tem um olho que não está
 Meus olhares evita
 E outro olho a me arregalar
 Sua pepita

A metade do seu olhar
 Está chamando pra luta, aflita
 E metade quer madrugar
 Na bodeguita
 Se os seus olhos eu for cantar
 Um seu olho me atura
 E outro olho vai desmanchar
 Toda a pintura
 Ela pode rodopiar
 E mudar de figura
 A paloma do seu mirar
 Virar miúra
 É na soma do seu olhar
 Que eu vou me conhecer inteiro
 Se nasci pra enfrentar o mar
 Ou faroleiro
 Amo tanto e de tanto amar
 Acho que ela acredita
 Tem um olho a pestanejar
 E outro me fita
 Suas pernas vão me enroscar
 Num balé esquisito
 Seus dois olhos vão se encontrar
 No infinito
 Amo tanto e de tanto amar
 Em Manágua temos um chico
 Já pensamos em nos casar
 Em Porto Rico (p. 324)

Trocando em Miúdos

Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
 Não me valeu
 Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim!
 O resto é seu
 Trocando em miúdos, pode guardar
 As sobras de tudo que chamam lar
 As sombras de tudo que fomos nós
 As marcas de amor nos nossos lençóis
 As nossas melhores lembranças
 Aquela esperança de tudo se ajeitar
 Pode esquecer
 Aquela aliança, você pode empenhar
 Ou derreter
 Mas devo dizer que não vou lhe dar
 O enorme prazer de me ver chorar
 Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
 Meu peito tão dilacerado
 Aliás
 Aceite uma ajuda do seu futuro amor

Pro aluguel
Devolva o Neruda que você me tomou
E nunca leu
Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde (p. 282)

Um tempo que passou

Vou
Uma vez mais
Correr atrás
De todo o meu tempo perdido
Quem sabe, está guardado
Num relógio escondido por quem
Nem avalia o tempo que tem
Ou
Alguém o achou
Examinou
Julgou um tempo sem sentido
Quem sabe, foi usado
E está arrependido o ladrão
Que andou vivendo com o meu quinhão
Ou dorme num arquivo
Um pedaço de vida, vida
A vida que eu não gozei
Eu não respirei
Eu não existia
Mas eu estava vivo
Vivo, vivo
O tempo correu
O tempo era meu
E apenas queria
Haver de volta
Cada minuto que passou sem mim
Sim
Encontro enfim
Iguais a mim
Outras pessoas aturdidas
Descubro que são muitas
As horas dessas vidas que estão
Talvez postas em leilão
São
Mais de um milhão
Uma legião
Um carrilhão de horas vivas
Quem sabe, dobram juntas
As dores coletivas, quiçá
No canto mais pungente que há

Ou dançam numa torre
 As nossas sobrevidas
 Vidas, vidas
 A se encantar
 A se combinar
 Em vidas futuras
 E vão tomando porres
 Porres, porres
 Morrem de rir
 Mas morrem de rir
 Naquelas alturas
 Pois sabem que não volta jamais
 Um tempo que passou (p. 349)

Um e outras

Se uma nunca tem sorriso
 É pra melhor se reservar
 E diz que espera o paraíso
 E a hora de desabafar
 A vida é feita de um rosário
 Que custa tanto a se acabar
 Por isso às vezes ela pára
 E senta um pouco pra chorar
 Que dia! Nossa, pra que tanta conta
 Já perdi a conta de tanto rezar
 Se a outra não tem paraíso
 Não dá muita importância, não
 Pois já forjou o seu sorriso
 E fez do mesmo profissão
 A vida é sempre aquela dança
 Onde não se escolhe o par
 Por isso às vezes ela cansa
 E senta um pouco pra chorar
 Que dia! Puxa, que vida danada
 Tem tanta calçada pra se caminhar
 Mas toda santa madrugada
 Quando uma já sonhou com Deus
 E a outra, triste enamorada
 Coitada, já deitou com os seus
 O acaso faz com que essas duas
 Que a sorte sempre separou
 Se cruzem pela mesma rua
 Olhando-se com a mesma dor
 Que dia! Nossa, pra que tanta conta
 Já perdi a conta de tanto rezar
 Que dia! Puxa, que vida danada
 Tem tanta calçada pra se caminhar
 Que dia! Cruze, que vida comprida
 Pra que tanta vida pra gente desanimar (p. 183)

Viver do Amor

Pra se viver do amor
Há que esquecer o amor
Há que se amar
Sem amar
Sem prazer
E com despertador
- como um funcionário
Há que penar no amor
Pra se ganhar no amor
Há que apanhar
E sangrar
E suar
Como um trabalhador
Ai, o amor
Jamais foi um sonho
O amor, eu bem sei
Já provei
E é um veneno medonho
É por isso que se há de entender
Que o amor não é um ócio
E compreender
Que o amor não é um vício
O amor é sacrifício
O amor é sacerdócio
Amar
É iluminar a dor
- como um missionário (p. 275)

Você vai me Seguir

Você vai me seguir aonde quer que eu vá
Você vai me servir, você vai se curvar
Você vai resistir, mas vai se acostumar
Você vai me agredir, você vai me adorar
Você vai me sorrir, você vai se enfeitar
E vem me seduzir
Me possuir, me infernizar
Você vai me trair, você vem me beijar
Você vai me cegar e eu vou consentir
Você vai conseguir enfim me apunhalar
Você vai me velar, chorar, vai me cobrir
e me ninar (p. 211)